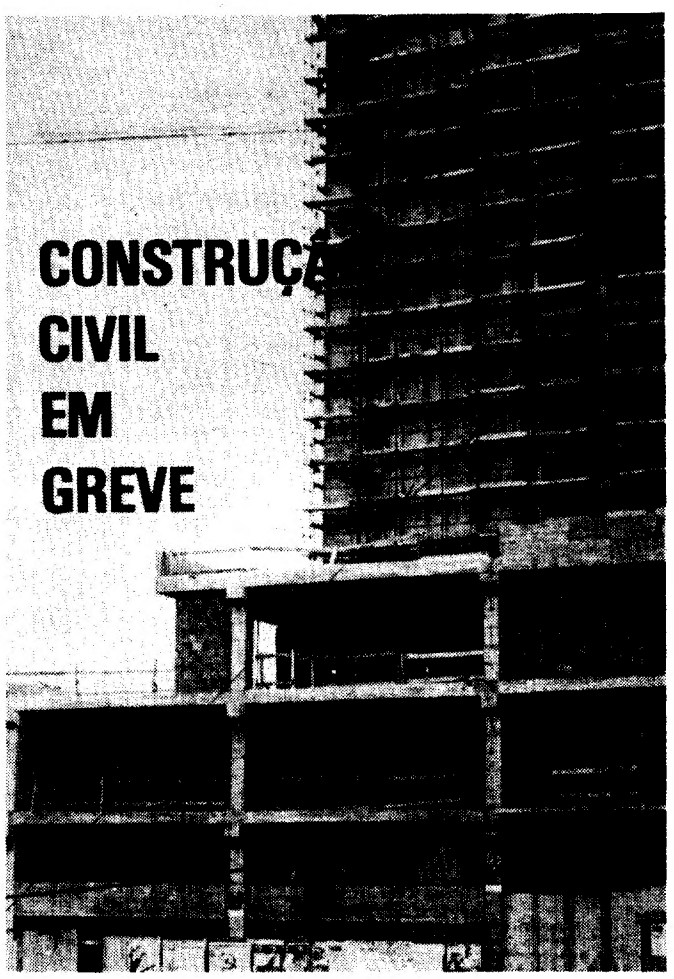
Diário de Lisboa

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **José Cardoso Pires**

ANO 55.º/ 18 914 4$00

SEGUNDA-FEIRA 10 NOVEMBRO 1975



CONSTRUÇÃO CIVIL EM GREVE

A quase totalidade dos operários da construção civil, em todo o País, começou, esta manhã, a dar cumprimento a uma greve decretada simultaneamente pelos respectivos Sindicatos dos Trabalhadores da Construção Civil e, no caso de Lisboa pelo menos, por uma Comissão de Unidade Operária da Construção Civil — C. U. O. C. C. Esta greve nacional envolve cerca de um milhão de trabalhadores e surge na sequência de uma ruptura das tentativas de negociações que decorriam com as associações patronais, por intermédio do Ministério do Trabalho. Os empregados dos escritórios aderiram em muitos casos à paralisação.

Segundo nos foi possível saber, as adesões a esta greve que terminará na quarta-feira (se antes não forem encontradas soluções), com uma concentração no Terreiro do Paço, às 14 e 30, de onde os trabalhadores seguirão para o Ministério do Trabalho são quase a cem por cento, excepto no Norte, onde a situação estava «muito confusa». As excepções que se conheciam, ao princípio da manhã, registavam-se em algumas cooperativas da construção civil, no caso das zonas Centro e Sul.

Entretanto, o Sindicato dos Trabalhadores da Construção civil do Distrito de Lisboa denuncia a C. U. O. C. C., que como já assinalámos também «decretou» a aralisação de trabalho, afirmando que se trata de uma Comissão fantoche, que ultimamente tem tentado infiltrar-se nos meios operários da construção civil. De acordo com o mesmo informador daquele Sindicato, a C. U. O. C. C. «não representa ninguém e é mesmo muito provável que se trate de uma organização manobrada por forças de direita e até com possibilidades de ligações ao patronato».

Os motivos que levaram o Sindicato da Construção Civil a iniciar esta forma de luta foi o não cumprimento do projecto que havia sido negociado com o Ministério do Trabalho, segundo o qual a situação deveria ser ultrapassada com a publicação de um Contrato Co-

Continua na pág. 18

O ENCONTRO DOS GENERAIS

. PORTO, 10 — (Da nossa delegação) — Quatro oficiais generais estiveram reunidos ontem no Porto para troca de «impressões militares» como nos confirmou esta manhã o gabinete do chefe do Estado-Maior da Região Militar do Norte. O encontro reuniu o brigadeiro Charais, o brigadeiro Pezarat Correia, o brigadeiro Pires Veloso, respectivamente comandantes das regiões do Centro, Sul e Norte, e ainda o general Pinho Freire. Sobre a hipótese de se tratar de um encontro dos comandantes das regiões militares do País e dada, sendo assim, a ausência do general Otelo Saraiva de Carvalho, comandante da Região Militar de Lisboa, aquele gabinete informou ainda ter-se tratado apenas de «quatro oficiais que se encontraram» não tendo estado efectivamente presente o general Otelo. Informou-nos ainda que o encontro daqueles oficiais não esteve especialmente ligado aos acontecimentos ultimamente verificados no Norte, nomeadamente a detenção em Braga de dois ex-oficiais contra-revolucionários e recrudescer da reacção nesta zona do País.

Os referidos oficiais almoçaram num restaurante da

Continua na pág. 20

ESTA NOITE, EM LUANDA

M.P.L.A. DECLARA INDEPENDÊNCIA ÀS ZERO HORAS

ROSA COUTINHO NÃO PODE IR MAS SAUDOU O M.P.L.A.

. LUANDA, 10 — (Do nosso enviado especial, Eugénio Alves) — O presidente Agostinho Neto proclamará esta noite, às zero horas, a independência de Angola, sendo, horas depois, investido no cargo de Presidente da República Popular Angolana. O primeiro Governo de Angola será também investido amanhã, provavelmente à noite, devendo Lucio Lara desempenhar as funções de primeiro-ministro. Sobre as diferentes pastas, nada foi ainda revelado, embora se dê como certa a presença de Garcia Neto nos Negócios Estrangeiros e de Rui Monteiro na Informação. Este Governo, formado pelo M. P. L. A., incluirá ainda alguns independentes, de reconhecido passado antifascista e anticolonialista, afirmando-se apenas que o seu nome constituirá uma verdadeira surpresa.

O ambiente em Luanda é de calma total. Uma ampla mobilização popular assegura a limpeza da cidade e a sua decoração, enquanto as F. A. P. L. A., substituindo-se aos militares portugueses, garantem a ordem pública e a protecção a todos os cidadãos.

A Bandeira Portuguesa será arreada esta tarde, ao pôr do Sol, na fortaleza de S. Miguel, começando em seguida o embarque nos navios «Uíge»,

Continua na pág. 20

PORTUGAL: QUE POSIÇÃO?

O Conselho da Revolução encontra-se reunido desde as 15 e 30 para debater, entre outros pontos, a questão de Angola, que será um país independente a partir de amanhã. Esta reunião surge na sequência do plenário do Conselho de Ministros realizado ontem à noite inesperadamente, em S. Bento, sob a presidência do general Costa Gomes e com a presença, a título excepcional dos secretários gerais dos três partidos representados no Governo, segundo o comunicado final dessa reunião discutiram-se «problemas conexos com a formalização da independência de Angola e com o reconhecimento do novo Estado, que ascenderá à independência na sequência do protocolo do Alvor».

Entretanto, fontes militares

Continua na pág. 4

ÚLTIMAS

Portugal proclamou a independência

LUANDA, 10 — O contra-almirante Leonel Cardoso, alto-comissário português em Angola, proclamou hoje, solenemente, a independência angolana, «com efeitos a partir das zero horas do dia 11 de Novembro».

VÊM AÍ OS ESPIÕES

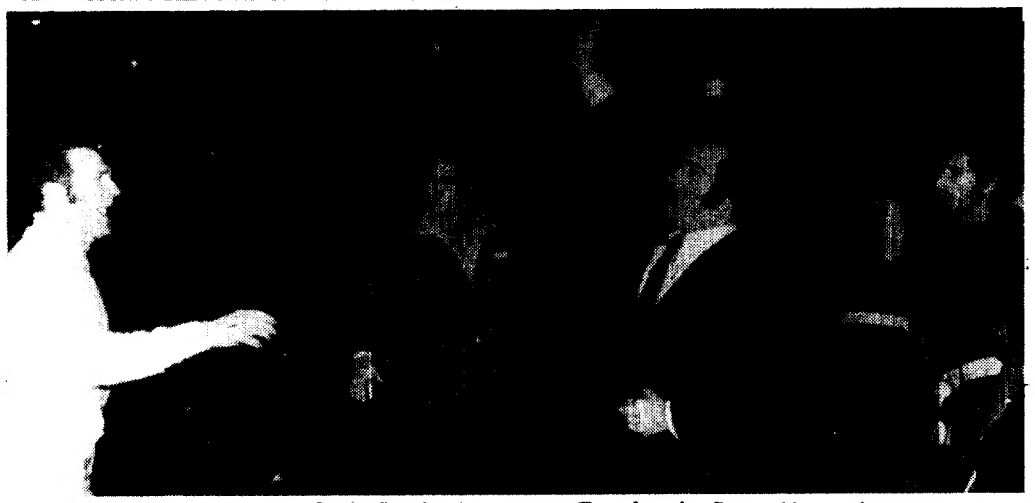
. . Segundo uma personalidade muito ligada aos problemas sindicais franceses parece que os S. U. V. se internacionalizaram. Assim, um grupo de recrutas de uma unidade de artilharia francesa constituiu-se em Sindicato de Recrutas, os quais parece terem tido já contactos com a C. F. D. T.

. . Os S. U. V. franceses começaram assim a dar dores de cabeça ao Ministério da Defesa francês, havendo até um general que joga as suas estrelas caso a ideia vingue e os seus recrutas venham a constituir um sindicato autorizado. O tal general, com o seu Estado-Maior, parece estar disposto a analisar «in loco» — Portugal — o que é que os S. U. V. poderão vir a provocar. Para tal estará previsto o envio de um grupo de espionagem militar que, a pretexto de uma amigável visita a algumas unidades portuguesas e «francos contactos» com os nossos soldados, poderia observar melhor o modo de combater e destruir tal organização.

. . Supõe-se que será bastante positivá tal visita de «espiões» mas, em compensação, se houver uma visita honesta e um intercâmbio semelhante dos recrutas franceses aos nossos, é ideia generalizada em certos círculos franceses que as estrelas do sr. general empalidecerão rapidamente... tal como as estrelas de outros generais empalideceram rapidamente no nosso país.

20 PÁGINAS

Apoio ao VI Governo e ataques à P.M.



No «ponto quente» da manifestação de óntem, no Terreiro do Paço, Vasco Lourenço tenta, pelo gesto, conter as provocações e ataques à Polícia Militar, após a clara manobra reaccionária das granadas de fumo. (Págs. 6 e 7).

SINDICATO DOS TRABALHADORES DA CONSTRUÇÃO CIVIL DO DISTRITO DE LISBOA

EM LUTA PELO CCT

COMUNICADO N.º 3

1. Como o Sindicato tem vindo a informar, em comunicados anteriores, o nosso Contrato Colectivo de Trabalho começou a ser negociado no dia 28 de Outubro.

Desde logo, começamos a ver que quer os patrões quer o Ministério do Trabalho pouco interesse tinham em negociar, tinham sim interesse em lamentar-se de que a Construção Civil está em crise e que temos de apertar o cinto!

Ora, nós já conhecemos estes argumentos desde há muito tempo e também sabemos toda a hipocrisia que está por trás destes lamentos. Os patrões continuam a explorar-nos, a viver à grande e nós vamos apertar o cinto ainda mais?

O Sindicato consciente de interpretar a vontade da maioria dos trabalhadores respondeu-lhes logo que não! — **Quem deve apertar o cinto são os patrões e não nós!**

2.º O actual Ministério do Trabalho está a actuar como o antigo Ministério das Corporações. **O ministro Tomás Rosa e o secretário Marcelo Curto não estão no Ministério para defender os trabalhadores, eles estão lá para defender os patrões.**

Neste preciso momento em que os trabalhadores são massacrados pela PSP frente ao Ministério da Comunicação Social, em que se fazem ir pelos ares milhares de contos de material duma estação de rádio, em que se descongelam as contas bancárias dos grandes capitalistas, capitalistas esses que devem milhares de contos à Previdência, quando o VI Governo se prepara para deitar cá para fora um Plano Económico que entre outras coisas pretende aumentar-nos o custo de vida e congelar os contratos colectivos de trabalho, é neste preciso momento, camaradas, que esses senhores nos vêm falar de socialismo e apertar o cinto.

Está bem à vista que o que eles querem é continuar a explorar-nos e construir não o socialismo, mas sim o capitalismo!

Os trabalhadores sabem bem, porque o sentem na carne, que a exploração continua, continuamos a viver em barracas e a ganhar salários de fome, somos explorados diáriamente por esses parasitas que nada fazem e tudo têm à custa do nosso suor.

3. Como já esperávamos, nem o Ministério do Trabalho nem os patrões mostraram interesse em resolver os nossos problemas. Assim, ficou o Ministério do Trabalho encarregado de nos apresentar no prazo de dez dias um projecto de Portaria — o que não veio a fazer. **E mais: agora pretendia negociar as nossas Tabelas Salariais, ao que os Sindicatos disseram que as Tabelas Salariais não se negociavam, pois eram justas reivindicações dos trabalhadores e que competia ao Ministério fazer o projecto de Portaria com as restantes cláusulas do Contrato Colectivo de Trabalho, e isto sem prejuizo das datas marcadas (prazo de trinta dias após 28 de Outubro).**

Esta proposta da Comissão Negociadora não foi aceite pelo Ministério do Trabalho.

— Em face do beco sem saída a que se chegou, a Comissão Negociadora, delegados sindicais e Comissões de Trabalhadores do Sector, decidiram o seguinte:

1. **Desencadear uma GREVE NACIONAL com início 2.ª Feira, dia 10, pelas 8 horas, até 4.ª Feira.**
2. **CONCENTRAÇÃO 4.ª Feira, dia 12, pelas 14.30 h., na Praça do Comércio, de onde se sairá em MANIFESTAÇÃO, rumo ao Ministério do Trabalho, para exigir que sejam imediatamente publicadas as Tabelas Salariais e se regulamente o restante clausulado do Contrato Colectivo de Trabalho, em Portaria, até ao dia 28 de Novembro.**

4. Camaradas: Esta forma de luta pela saída do nosso Contrato Colectivo de Trabalho vem no seguimento de todo um boicote que nos vem sendo feito pelo Ministério do Trabalho e pelos patrões. A única alternativa que nos restava para levarmos por diante esta nossa justa luta era a greve como forma de mostrarmos que não estamos decididos a ceder um só milímetro nas nossas justas reivindicações.

5. Camarada: No teu local de trabalho paralisa logo às 8 horas de 2.ª feira, dia 10. Faz reuniões com os camaradas de trabalho para trocar informações e debate sobre os acontecimentos e organização das formas de luta aprovadas.

As Comissões de Trabalhadores e os Delegados Sindicais devem estar em permanente contacto com o nosso Sindicato para receberem e levarem informações, numa conjugação de esforços para que **a greve seja total e a manifestação do dia 12 seja uma impressionante expressão da vontade e força dos trabalhadores da Construção Civil em luta por melhores condições de vida e pelo fim da exploração.**

— 4.500$00, SALÁRIO DE FOME
— CONTRATO COLECTIVO VERTICAL CÁ PARA FORA JÁ!
— DESEMPREGO NÃO, DIREITO AO TRABALHO SIM.
— FASCISMO NÃO, ABAIXO A EXPLORAÇÃO.
OPERÁRIOS e CAMPONESES, SOLDADOS e MARINHEIROS UNIDOS VENCERÃO!

Lisboa, 9/11/75

A DIRECÇÃO

Nacional

CUNHAL EM BELÉM

"Nem o terror afastará o povo da revolução"

«As forças reaccionárias vão sentir-se muito animadas com as realizações que ultimamente têm conseguido na esteira do P. S.», disse, ontem, Álvaro Cunhal na breve intervenção que teve no comício realizado no Pavilhão do Mercado do Povo, em Belém.

Integrado no Grande Festival de Outono, organizado pelo Comité Local de Lisboa do P. C. P. o comício atraiu a Belém muitos milhares de pessoas, que não couberam no Pavilhão.

Entretanto, vários «stands» de venda de livros, discos, autocolantes, chamavam a atenção (e a presença) de muita gente, que se acotovelava no recinto do Mercado, manifestamente pequeno, ontem, para conter tanta gente.

E foi aí que, à mesma hora em que Pinheiro de Azevedo justificava no Terreiro do Paço, a «justeza» do bombardeamento do Centro Emissor da Buraca de Rádio Renasncença, Cunhal disse:

. «Vivemos uma situação tensa. As forças reaccionárias sentem-se animadas com as acções dos últimos dias».

E, mais adiante:

. «Se pensam que a intimidação é capaz de travar o caminho do nosso povo e dos comunistas, nós lembramos as palavras de Lenine: «Por cada comunista que tomba, dez novos se levantam».

Denunciando a «santa-aliança» entre o P. S. o P. P. D. o C.D.S.» e grupelhos provocadores como a AOC e o M. R. P. P.» e recordando, depois, o incêndio do Reichstag, mandado executar por Hitler para depois o atribuir aos comunistas, o secretário-geral do P. C. P. concluiria a sua intervenção lembrando que «nem o terror afastará o nosso povo da luta por um Portugal democrático rumo ao socialismo».

Antes de Cunhal, tinham discursado membros da União da Juventude Comunista e da União dos Estudantes Comunistas, no comício de ontem, o mais importante acontecimento do segundo dia do Festival de Outono.

Na véspera, após a inauguração do Festival, o grupo de Teatro «Os Bonecreiros» tinha apresentado, para muitas centenas de pessoas, a peça anti-imperialista «História Exemplar de um Traficante de Armas e Campeão da Ordem Nova».

Ontem, para além do comício, realizaram-se provas desportivas e actividades culturais, dedicadas à juventude e à criança.

SOLIDARIEDADE

Prosseguindo com as várias iniciativas previstas para até ao fim desta semana, a organização do Grande Festival de Outono, promove hoje no Pavilhão do Mercado do Povo, uma noite de Poesia Revolucionária, na qual participarão entre outros, Ary dos Santos e Joaquim Hinogosar.

Mais realizações para esta semana: sessões de Canto Livre, Teatro, Exposições, etc..

Note-se que o Grande Festival de Outono é dedicado à população de Lisboa, independentemente da sua opção política, mas que esteja interessada, verdadeiramente, numa via de esquerda, para o autêntico socialismo. Como aliás, disse Álvaro Cunhal, no improviso de ontem:

. «Nós apelamos para todos aqueles que querem impedir o regresso ao fascismo e lutar pelas conquistas da Revolução, independentemente das suas opções políticas, que se unam aos comunistas para que, em todos os lugares, se avance na luta contra a direita reaccionária».

ALERTA DO P.C.P.

Conspiração reaccionária está em pleno desenvolvimento

Reiterando aquilo que em diversos momentos de perigo para a Democracia e a Revolução tem denunciado, Álvaro Cunhal aflorou no Mercado do Povo, em Belém, durante o comício promovido pela juventude comunista da U. J. C. e U. E. C., as questões mais directamente ligadas à actualidade política e as ameaças da direita que atentam contra o direito dos trabalhadores e dos exploradores na manutenção das conquistas alcançadas.

Repetindo uma vez mais que «vivemos numa situação tensa» e que «as forças reaccionárias se sentem animadas com as acções dos últimos dias», o secretário-geral do P. C. P. lembrou, em seguida, ser «necessário encontrar uma solução política», o que «passa por um esforço de reestruturação das forças progressistas do M. F. A. e pelo afastamento dos reaccionários do Governo, nomeadamente o P. P. D.»

. Apelando para a vigilância revolucionária, o secretário-geral do Partido Comunista Português acentuou ainda, referindo-se às ameaças dirigidas à jovem democracia portuguesa:

. «Se pensam que a intimidação é capaz de travar o caminho do nosso povo e dos comunistas, nós lembramos as palavras de Lenine: «Por cada comunista que tomba, dez novos se levantam.» Na verdade, nem o terror afastará o nosso povo da luta por um Portugal democrático rumo ao Socialismo.»

VIGILÂNCIA

Entretanto, a Comissão Política do Comité Central do Partido Comunista Português emitiu um comunicado, intitulado «Três dias de vigilância popular», em que afirma que «os factos indicam que a contra-revolução, com a aproximação do 11 de Novembro, data em que deve ser proclamada a independência de Angola, se prepara para provocar graves perturbações no País.»

. Depois de aludir a numerosos actos reaccionários, acentua-se no comunicado que «a conspiração contra-revolucionária está em pleno desenvolvimento com cumplicidade de certas esferas oficiais e partidárias e com o apoio directo do imperialismo.»

. Pormenorizando, afirma-se no comunicado que «em Angola as forças de intervenção militar imperialista e colonialista procuram, nos últimos momentos, modificar a situação militar de forma a dificultar a proclamação da independência sob a direcção do M. P. L. A. São de esperar em Luanda provocações e actos terroristas».

Referindo-se à manifestação de ontem no Terreiro do Paço, de cunho direitista, o P. C. P. faz um apelo para que a classe operária e as massas trabalhadoras tomem, entre outras, as seguintes medidas:

. «Vigilância de lugares estratégicos, designadamente nas entradas das cidades, nas pontes importantes, nos entroncamentos favoráveis e nos rodoviários, com atenção, que pode ser feita discretamente por pequenos grupos, para tráfego suspeito, sem entretanto se formarem barreiras, salvo em qualquer situação excepcional; vigilância nos meios de transporte, particularmente dos trabalhadores dos transportes, com atenção para passageiros e bagagens que se tornem suspeitos; vigilância às reuniões e deslocações suspeitas de contra-revolucionários conhecidos; vigilância a pessoas suspeitas que rondem Centros de Trabalho de partidos progressistas, organizações democráticas e sindicatos, residências de antifascistas, etc.; vigilância de zonas fronteiriças, particularmente nas vias de acesso às fronteiras, com atenção para os transportes de cargas e para grupos suspeitos e vigilância para quaisquer provocações, desmascarando-as imediatamente.»

Mais dois petardos

Esta madrugada, cerca das 2 e 30, rebentou um petardo na Rua de António Patrício, que havia sido colocado debaixo de um automóvel pertencente ao eng.º José de Freitas Sampaio, tendo o veículo sofrido ligeiros danos.

Segundo uma filha do proprietário do automóvel, que ao ouvir a detonação chegou à janela, ainda conseguiu ver «uns indivíduos a correr e que em seguida se meteram num automóvel.

No cinema Nimas, em Lisboa, também rebentou um petardo no sábado à noite, enquanto decorria a sessão. A bomba do tipo relógio, teria sido transportada numa pasta negra de cabedal e colocada nas instalações sanitárias dos homens. Não houve vítimas e os estragos causados são de pouca monta.

post scriptum

Umas certas barricadas

Comprei hoje o primeiro número do jornal «A Barricada» para confirmar a minha opinião sobre o sr. Silva Nobre, seu director. A opinião que eu tinha dele era já anterior ao 25 de Abril quando era director do «Actualidades» e foi confirmada posteriormente pelos factos acontecidos no seu jornal, hoje ocupado pelos trabalhadores...

É de estranhar que o seu periódico tenha agora ataques a altas personalidades do antigo regime, com os quais se dava antes muito bem. Como também é estranho que denigra em homens considerados pelos revolucionários como pessoas devotadas à causa dos explorados e pela direita como homens íntegros e adversários de respeito. Isto nomeadamente em relação a Rosa Coutinho, Álvaro Cunhal, Vasco Gonçalves, etc.!

. Também notei que apoia os «desgraçados» dos construtores civis, vítimas das «ocupações selvagens», tentanto virar os trabalhadores da construção civil contra os ocupantes, dizendo que estes são todos uns «bem-vestidos», com automóvel à porta, etc. Os «desgraçados» da construção civil, que começaram com um balde às costas e em meia dúzia de anos, sem explorar ninguém, contavam com grandes contas bancárias, mercedes, amantes, etc.!

. . . . Teria muito mais que dizer, mas a título de exemplo, quer só salientar o elogio que faz ao sr. Mário Soares. Admira-me que o sr. Silva Nobre (ex-director do «Actualidades») admire um socialista-marxista — onde é que estará o erro?

O que posso concluir é que o sr. Silva Nobre não mudou nada.

Vítor de Carvalho — Laranjeiro

Um aperto democrático

Fala-se, já desde o 25 de Abril, em acabar com os privilégios das minorias, se bem que hoje um pouco menos do que há dois meses atrás.

No entanto só falar não chega, nem sequer significa nada, se, às palavras, não se juntar a acção.

Vem tudo isto a propósito da situação que os utentes dos comboios da Sociedade Estoril enfrentam todas as manhãs, quando se dirigem para os empregos ou para as escolas.

Como toda a gente sabe, aqueles comboios andam sempre à «cunha», as pessoas parecem sardinhas em lata. Mas isto não espanta, se pensarmos que as antigas administrações pensavam em tudo, menos no conforto e no bem-estar daqueles que usavam os seus serviços. E como todos sabemos isso, não custa nada aguentar logo pela manhãzinha uns «apertões», principalmente porque esperamos que, brevemente, haja uma reconversão e um melhor planeamento da exploração da linha do Estoril, de forma a acabar com os «apertões».

No entanto, aquilo que custa mesmo a ver e, até, a sentir, é que ainda há privilegiados, de tal maneira que, só porque podem pagar mais uns escudos por bilhete, há minorias que têm direito a andar à vontade nas carruagens de 1.ª, com lugares sentados, bem mais confortáveis que os de segunda, e sem os apertões a que se sujeita a grande maioria dos trabalhadores. Trabalhadores que vivem na linha, não por vontade própria, mas por não poderem pagar as rendas exorbitantes que se pedem em Lisboa por qualquer casa. Parece-me que, para moralizar a vida nacional, podia ser um bom começo acabar com as carruagens de primeira, popularizar o apertão entre os privilegiados e aliviar um pouco aquele a que estão sujeitas as camadas mais desprotegidas, que se poderiam espalhar por mais algumas carruagens.

Manuel Lima — Estoril

As coisas esquisitas

Se cada vez que aparecessem coisas esquisitas por aí, eu escrevesse uma carta para o seu jornal, era um nunca acabar... Mas não corremos esse perigo porque nem os senhores têm paciência, nem eu tenho tempo.

Mas francamente, há uns dias que tenho duas das tais coisas «atravessadas». Como não consigo engulí-las, aí vai o desabafo:

1.º — Quem foi, ou melhor, qual foi a firma (ou firmas) que executou a encomenda de calçado que foi devolvido por má qualidade? E qual é o país importador? E o que aconteceu à firma? PArece-me que isso é um crime contra a economia nacional...

2.ª — Há dias passou um filme na TV (Programa Militar), encabeçado logo com a «Grândola», para agradar ao «Zé». Era um bom filme, salvo erro, jugoslavo, bem feito, etc., sobre a disciplina militar. Pois é! O diabo tece-as. A TV apresentou aquilo mal. Sem querer ou propositadamente...

Não nos foi dito (mas eu sei, vá lá) como nasceu aquele exército nem quem o compôe; nem o que aconteceu com os que estavam contra o socialismo; nem sequer se disse que aquilo nada tinha a ver com os exércitos do tempo das «outras senhoras»...

Enfim, calou-se muita coisa; só se mostrou a disciplina. Agora se me dão licença, eu digo só um segredinho: «antes de disciplina militar fez-se naquele país, disciplina socialista; depois, o resto é fácil. Vem da fonte, é só estender as mãos...

Sabem que mais? Tenho muitas saudades do programa da TV sobre dinamização cultural (só isso?) feito pela 5.ª Divisão.

Era tão bom ver os soldados tão perto da nossa gente. A sério, sem ser com bandeiras nem com «slogans».

Maria Moura — Lisboa

UM SOCIALISMO COMO O ARCO-IRIS

MÁRIO MURTEIRA

. 1. Tem sido reconhecida a existência de um desfasamento entre a infra-estrutura económica e a superestrutura política e ideológica portuguesas, no impasse a que se chegou depois da crise do IV Governo Provisório. Em linhas gerais, o desfasamento consiste no seguinte: ao nível económico, o modo de produção capitalista em Portugal foi sujeito a transformações qualitativas importantes que poderão abrir um processo de transição para o socialismo; no plano político e ideológico, subsistem esquemas formais e arranjos na divisão do Poder, civil e militar, que se encontram de certo modo *atrasados*, relativamente à evolução sofrida pela instância económica.

Este desfasamento conduzirá inevitavelmente à superação do actual impasse ou no sentido do avanço da superestrutura ou do recuo na estrutura económica. A primeira hipótese requer, portanto, transformação qualitativa do Poder político e do projecto que o enforme. A segunda está no lógico desenvolvimento do processo iniciado com a constituição do VI Governo. Por isto se pode afirmar que, no momento presente, nos encontramos não em transição *para* o socialismo, mas sim em transição *entre* capitalismo e socialismo, de sentido indeterminado.

2. Em termos formais, a questão do Poder político remete para a análise de dois processos de institucionalização em curso: a institucionalização dum sistema de pluralismo partidário, nos moldes das democracias ocidentais e burguesas, em preparação na Assembleia Constituinte; a institucionalização de certa forma de Poder político-militar. Mais profundamente, estão em confronto duas «legitimidades»: uma emanada do agente revolucionário do 25 de Abril — digamos, o M. F. A.; outra, da consulta popular efectuada em 25 de Abril, mas de 1975, que revelou determinadas preferências do eleitorado relativamente a um embrião de sistema partidário.

Desta situação resultam várias contradições.

Se, em determinada altura, o Conselho da Revolução define um projecto de socialismo (expressamente diferenciado da social-democracia e da democracia burguesa) como se admitem partidos manifestamente contrários a tal projecto, incluindo a atribuição do Poder a um que se considera social-democrata?

. Se se aceita a existência de uma Assembleia Constituinte, com a composição partidária que se conhece, e não esquecendo a assinatura de um pacto com o M. F. A., que sentido faz definir à partida certo figurino manifestamente não apoiado — no todo ou na parte — pela maioria daquela Assembleia?

. Se é evidente que Portugal, após os profundos traumatismos que sofreu no processo que tem experimentado desde 1974 — só a liquidação do antigo império colonial seria factor de fortes tensões internas, económicas, sociais e políticas — carece de certa fase de transição, com Poder político forte e estabilizado, como conciliar isso com os dois processos morosos e contraditórios de institucionalização que se referiu?

. Sem dúvida que tudo se tornaria menos complexo se o Poder político-militar tivesse consistência ideológica e um mínimo de coesão interna. Na realidade, o M. F. A. foi apenas uma abstração e uma sigla ainda eventualmente útil para alguns dos actuais contendores na luta pelo Poder. O drama do processo português reside na *abissal desproporção entre uma riquíssima prática social e uma medíocre expressão no plano político-ideológico.*

Além disto, essa falta de consistência torna o processo português vulnerável a aventureiros apenas desejosos de poder pessoal, dispostos a irem tão longe quanto necessário, em nome do socialismo, mas na direcção contrária, se a tanto foram solicitados pelas vicissitudes da luta pelo Poder. Felizmente que a experiência portuguesa, apesar de tudo, tem revelado «leaders» políticos de inegável força moral, ainda que impreparados para as tremendas tarefas que a nação portuguesa exige dos seus governantes.

3. De passagem, vale a pena notar o seguinte: a luta pelo Poder que actualmente se trava em Portugal, é necessariamente, *uma luta entre diferentes estratégias de transição.* Num caso, visa-se consolidar o que há de socialista na presente fase do processo português; noutro caso, visa-se a democracia burguesa, ou qualquer sistema político que efectivamente barre o avanço do socialismo em Portugal. Como, perante os contendores em presença, ou se avançou de *mais ou de menos,* haverá sempre que planear certa forma de transição.

A questão pode ainda ser vista de outro ângulo, mais em concreto.

Liquidada a questão colonial — ou seja, atingindo o objectivo mais determinante do M. F. A. do 25 de Abril de 1974 — Portugal não constitui mais do que uma economia subdesenvolvida, pequena, largamente dependente do mundo capitalista, assumindo todavia importância estratégica na luta entre os grandes blocos mundiais, sobretudo à escala europeia. O que poderá ser, na prática e nestas condições concretas, a transição para o socialismo, com rejeição da democracia burguesa e da social-democracia, como continua a ser repetido pelas mais altas instâncias do Poder militar?

. Nenhuma força política, civil ou militar, ainda formulou claramente uma resposta conveniente a esta questão, ao menos publicamente. De forma negativa, é fácil excluir os caminhos que, embora possam ser apresentados como formas de transição para o socialismo, inevitavelmente conduzirão a outros sítios. Um consiste num Governo social-democrata no âmbito de uma democracia parlamentar. Outro, numa ditadura militar divorciada das massas populares, em nome de um vago projecto tipo «antifascista e anti-social-fascista».

4. As questões postas só poderão ser devidamente apreendidas e discutidas se se aceitar a recíproca dependência *das políticas interna e externa de transição para o socialismo* e se, uma vez isto aceite, se compreender porque são ambas inviáveis se a organização do Poder político não satisfizer determinados requisitos.

Uma estratégia de transição de tipo social-democrata, além do mais, e tendo em conta a intensificação da luta de classes em Portugal, não parece susceptível de ser contida nos quadros institucionais da democracia formal, que funciona em capitalismos muito mais avançados e centrais do que o capitalismo periférico português. É também necessário não perder de vista que a social-democracia no Poder, nas presentes condições portuguesas, e dado o anterior avanço do processo, terá de encetar *uma transição para o capitalismo*, isto é, terá de ser mais reaccionária do que se tivesse chegado ao Poder num quadro previamente instituído de democracia burguesa.

Na realidade, a grande arma desta estratégia tem sido a segurança que *parece* proporcionar-nos no plano externo; se se trata de certa forma de regresso ao capitalismo, essa segurança só pode residir na capitulação perante as forças externas que, de há muito, têm conduzido os nossos destinos colectivos.

Uma autêntica estratégia de transição pressupõe uma clara vontade política no sentido da independência económica nacional. Não é praticável com uma política externa tíbia e apenas progressista nas palavras. Veja-se o exemplo da especulação criada em torno da situação da balança de pagamentos.

Mesmo tendo em conta uma eventual penhora das reservas de ouro, como contrapartida de financiamentos concedidos a Portugal no passado, o montante global líquido das nossas reservas *não* é actualmente *inferior* a 70 milhões de contos, o que permitiria financiar dois anos como o actual de 1975. Se pensarmos em países como o Chile de Allende, Cuba de Fidel ou a Jugoslávia de Tito, o caso português é *ainda* excepcionalmente favorável do ponto de vista da balança de pagamentos para encetar uma autêntica via de transição para o socialismo — afirmação que não contradiz o reconhecimento de que, a médio prazo, um grave problema estrutural da nossa economia condiciona o êxito de uma política de relativa independência económica, não se autarquia, mas de efectiva capacidade de decisão interna das grandes orientações do desenvolvimento português.

Claro que se tornaria necessário, além do mais, dispor de efectiva capacidade de gestão das nossas reservas em ouro, não segundo as pressões e interesses do capitalismo internacional, mas segundo o nosso próprio interesse.

Qual é, porém, o *próprio interesse* de um socialismo onde cabem todas as cores, como no arco-íris?

UNIÃO DAS ADEGAS COOPERATIVAS

"O problema do Douro é fundamentalmente político"

. A União das Adegas Cooperativas da Região Demarcada do Douro enviou aos ministros, secretários e subsecretários do VI Governo uma exposição em que apela para a elaboração urgente de uma política regional que possa resolver os graves problemas de uma das regiões do País potencialmente mais ricas, ainda que, paradoxalmente, mais desprezadas.

«Estamos certos — afirma a entidade signatária — do vosso acordo sobre a imprescindível condição de libertar o povo do Douro fornecendo-lhe os instrumentos necessários que lhe permitam demonstrar toda uma capacidade de recriação de um futuro que terá de ser construído com a participação activa das classes laboriosas».

No desejo de facilitar ao Governo a tarefa de empreender essa política regional, a U.A.C.R.D.D., encontrando-se no cerne do problema, aponta algumas medidas a tomar, bem como os departamentos de Estado que deverão interferir directamente na resolução dos problemas do Douro. Assim, a coordenação urgente de toda a problemática regional, para evitar perdas de tempo e energias, deveria ficar a cargo da Secretaria de Estado do Comércio Externo; a criação da unidade político-administrativa — uma das aspirações das gentes do Douro — «que dê corpo e direcção a uma autêntica política de descentralização e represente o sentir de um povo que deseja participar na revolução portuguesa e sabe que a sua unidade é factor fundamental para a sua participação no futuro da revolução do Douro», deverá caber ao Ministério da Administração Interna. «A criação de uma zona integrada», prossegue o texto, «ou Federação de Municípios poderá representar uma experiência piloto para a institucionalização de uma futura descentralização na base de um novo ordenamento territorial».

A U.A.C.R.D.D. salienta que a unidade regional será o motor da revolução no Douro, e justifica esta afirmação: a unidade regional eliminará o esquartejamento em que a região se encontra injusta e indevidamente repartida, dotando-a de uma única cabeça representativa dos seus interesses globais; mobiliza as capacidades adormecidas; é ponto de apoio vital para as reformas a empreender e para a criação de órgãos regionais executores de uma autêntica política regional, «quer no que diz respeito ao sector primário, marcadamente no vitivinicultor, quer do estudo e arranque para um plano regional de desenvolvimento da bacia hidrográfica do Douro».

Também o Ministério da Agricultura tem papel fundamental a desempenhar na solução dos problemas do Douro, não só a nível de colaboração técnica mas essencialmente no arranque e concretização da Reforma Agrária Regional «elemento de vital importância para o progresso e justiça social do Douro».

Ao Ministério dos Negócios Estrangeiros atribui a União das Adegas Cooperativas da Região Demarcada do Douro uma tarefa de salvação nacional, na medida em que, com a ajuda de técnicos idóneos pode contribuir decisivamente para solucionar os problemas decorrentes da adição, no tempo do fascismo, de álcoois sintéticos nos vinhos do Porto e promover a expansão dos nossos vinhos nos mercados tradicionais e conquista de novos.

Na solução dos problemas

Continua na pág. 18

Nacional

EM PORTALEGRE

A DEMISSÃO DE TÉCNICOS DO C.R.R.A. VISTA PELOS PRÓPRIOS

. Com vista à divulgação dos problemas de saneamentos no Centro de Reforma Agrária do distrito de Portalegre um grupo de técnicos daquele organismo, entre os quais se destacava o dr. Pedro Hespanha e o dr. Rui Caixinha, que desempenharam os cargos de director e subdirector, convocou uma conferência de Imprensa.

Depois de uma extensa descrição sociológica e política do distrito de Portalegre onde existe uma forte implantação do Partido Comunista, nos concelhos de Campo Maior e Avis, enquanto na zona de Elvas e Monforte domina a direita, o dr. Pedro Espanha referiu-se ao papel do Centro durante cinco meses de actuação.

Quem estava indigitado para dirigir o Centro era o dr. Gama Pinheiro que tinha ligações familiares e até pessoais com os grandes latifundiários. Esse indivíduo saneado pelos trabalhadores, recrutou para o Centro cerca de 40 técnicos que foi buscar aos Serviços do tempo do fascismo. Mais tarde o Centro seria reforçado com pessoas que vieram de fora mas que estavam em minoria em relação aos técnicos reaccionários.

O dr. Hespanha explica que o Centro sendo ele director funcionava metido num colete de forças. Por um lado fazia-se sentir a pressão dos grandes agrários e o boicote sistemático dos seus lacaios (os técnicos dentro do Centro) que *faziam o menos possível à espera que a situação desse uma volta.* Por outro lado havia a posição dos comandos das Forças Armadas do distrito que sempre demonstraram não estar do lado dos trabalhadores.

Em seguida uma jovem técnica fala da maneira como o assunto do saneamento do director e subdirector do Centro da Reforma Agrária foi tratado e analisados no plenário da C. U. F. pelos Sindicatos de Trabalhadores Agrícolas presentes. Uma comissão de informação na qual se integrava a jovem técnica, deslocou-se ao Barreiro. Para apresentar uma proposta de paralisação geral de trabalhadores, como forma de luta contra os saneamentos. Isto vem na sequência de uma reunião de comissões de trabalhadores das herdades colectivas. No entanto, a jovem, que antes do início da conferência afirmou ser um dos objectivos destas *desmascarar as manobras do social fascismo* mostra-se muito aborrecida com o ambiente do plenário do Barreiro. Diz que o ambiente era péssimo. Que as pessoas estavam histéricas. Tudo aos gritos. Que «o sr. Soeiro» dirigente do Sindicato dos Trabalhadores Agrícolas de Beja, contestou a proposta de greve assim como o dr. António Bica. Afirmou ainda que os dirigentes sindicais de Portalegre acatavam em silêncio as «ordens» de José Soeiro e que no dia seguinte o Sindicato convoca uma reunião no Centro da Reforma Agrária e «que não dá uma ideia do que se passou no Barreiro».

Após uma série de propostas e contrapropostas que metia também encontros com o brigadeiro Pezarat Correia (que se chegaram a concretizar) e de várias reuniões os técnicos do Centro da Reforma Agrária criticam com uma linguagem nitidamente partidária «as cúpulas sindicais» de Beja, Évora e Portalegre. Ao mesmo tempo que salientavam a sua independência política de que o Centro era um exemplo os técnicos de Portalegre utilizavam constantemente expressões como «o falso Partido Comunistas»

Um elemento convocador da conferência de Imprensa ao descrever uma reunião com a Comissão de Informação do Centro e os dirigentes sindicais frisou que Manuel Vicente, do Sindicato de Trabalhadores Rurais de Évora, atacou a referida comissão chamando-lhe «divisionista e duvidosa». Na opinião dos técnicos «independentes» o tal «falso Partido Comunista» preparava-se para um assalto ao Centro e por isso estaria interessado em afastar, aproveitando-se da decisão do Ministério da Agricultura, os técnicos «independentes» para colocar em seu lugar técnicos da sua confiança. Em determinada altura os técnicos dizem que os acusaram a eles, os «independentes» de servirem não os trabalhadores mas sim determinado grupo político. Essas acusações foram feitas numa assembleia de trabalhadores que os técnicos consideram «uma assembleia fantoche».

Apesar de as declarações prestadas pelos técnicos na conferência de Imprensa serem um pouco confusas conseguimos descortinar que o dr. Pedro Hespanha e o dr. Caixinha foram saneados e que há portanto um grupo que se solidarizou com eles.

TOTOBOLA

. Dois totalistas foram esta manhã detectados no escrutínio do concurso n.º 10 do tottobola: o primeiro é de Castelo Branco e chama-se José Correia Pires Ferreira; o segundo é um anónimo de Sines. Até à data de fecharmos esta edição do «DL» o número de «dozes» era de 49. Recordamos que o valor de cada prémio é de cerca de 3700 contos.

PORTUGAL: QUE POSIÇÃO

Continuação da pág. 1

revelaram esta manhã ao «DL» que o Conselho da Revolução irá discutir, «com toda a certeza», os graves incidentes ontem verificados no Terreiro do Paço durante a intervenção de Pinheiro de Azevedo, os quais «têm toda a aparência de encenação por parte de forças de direita interessadas na sua exploração em seu próprio proveito».

Ao que conseguimos ainda apurar as manobras dos bastidores politico-militares, com relevo para a reunião ontem efectuada no Porto pelos três comandantes das Regiões Militares do Norte, Centro e Sul, acompanhados pelo general da Força Aérea, Pinho Freire, será apresentada por uma facção do C. R., nada satisfeita com este tipo de «conspiração». Aliás, em certos meios, fala-se já abertamente da tentativa de substituição de Costa Gomes no cargo de chefe de Estado-Maior das Forças Armadas, para o qual forças político-militares, ligadas aos «nove», ao P. S. e ao P. P. D. indicam o actual Primeiro-Ministro que por sua vez, seria substituído por uma figura da sua confiança, que poderia vir a ser Melo Antunes ou Almeida Santos. O caso da Rádio Renascença e os métodos terroristas utilizados para silenciar os seus emissores vai igualmente ser objecto de discussão, pois há oficiais que discordam em absoluto não só dos métodos utilizados mas, também, da cobertura que lhe foi dado com o nome do Conselho da Revolução, quando a medida foi tomada à sua margem.

Por outro lado, a continuação da reunião do Conselho de Ministros, que está prevista para hoje depois da reunião do Conselho da Revolução, «a fim de o Governo poder contar com a opinião dos Conselheiros sobre alguns aspectos dos problemas relacionados com a independência de Angola» encontra-se de certa forma prejudicada, uma vez que se prevê que este Conselho da Revolução seja muito demorado e «quente».

Pinheiro de Azevedo, que tinha programado para hoje um almoço em Tancos, com os pára-quedistas, adiou-o para data próxima.

HOJE NO MONTIJO

Poder popular vem para a rua

. Convocada pela Inter-Comissões de Moradores do concelho do Montijo, realiza-se hoje ao princípio da noite nesta vila uma «manifestação popular antifascista, anti-imperialista e de apoio à luta dos soldados da Base Aérea 6». A manifestação começa com uma concentração cerca das 19 e 30 no largo da praça de touros. Seguidamente, os manifestantes percorrerão algumas ruas, dirigindo-se ao Largo Dr. Manuel da Cruz, onde terá lugar um comício.

A jornada tem suscitado o interesse e a participação dos órgãos locais de poder popular (comissões de moradores e de trabalhadores), mas também da generalidade das forças políticas de esquerda, com forte implantação local. Dum comunicado emitido e posto a circular pelo secretariado organizador da manifestação constam as palavras de ordem que vão para o ar no decurso da jornada: «VI Governo não, Governo Popular, sim», «República, Renascença, 'O Setubalense', 'Gazeta do Sul' ao serviço da luta do povo», «Trabalhadores de 'O Século', unidos vencerao», «Contra o A. M. I., ofensiva popular», «Morte ao E. L. P. e a quem o apoiar», «Fora a N. A. T. O., fora a C. I. A., independência nacional», «Um só povo, uma só nação sob a bandeira do M. P. L. A.», «28 de Setembro, 7 e 11 de Março, inquérito popular», «Viva a justa luta dos soldados da B. A. 6», etc.

Na manifestação vão incorporar-se inúmeros soldados da Base Aérea n.º 6.

NA MARINHA GRANDE

. Também as comissões de moradores e de trabalhadores da Marinha Grande anunciam para hoje ao fim da tarde nesta vila uma manifestação idêntica à que tem lugar no Montijo. A movimentação começa cerca das 18 horas e das palavras de ordem previstas constam, além dos «slogans» incentivos à criação e desenvolvimento do poder popular, alusões favoráveis ao M. P. L. A. e à Fretilin como únicos movimentos a que o Poder deve ser transmitido pelas autoridades portuguesas respectivamente em Angola e em Timor.

OTELO NAS CALDAS DA RAINHA

. O general Otelo Saraiva de Carvalho, viajando de helicóptero, esteve esta manhã no Regimento de Infantaria das Caldas da Rainha. O objectivo da visita era contactar com oficiais, sargentos e praças das várias unidades militares, conforme tem vindo a acontecer.

Para esta tarde está prevista uma visita do comendante do Copcon ao Depósito Geral de Material de Guerra, mas a inesperada convocação do Conselho da Revolução para discutir o problema da independência de Angola poderá obstar a que essa visita se realize hoje.

SINDICATO DOS TRABALHADORES NA INDÚSTRIA HOTELEIRA E SIMILARES DO DISTRITO DE FARO

RUA BRITES DE ALMEIDA, 12-3.º — FARO

ASSEMBLEIA GERAL a realizar nos dias 10, 11 e 12 de Dezembro de 1975 para eleição dos novos Corpos Gerentes para o biénio de 1975/77

ASSEMBLEIAS DE VOTO: Localidades onde funcionam, instalações em que se situam e períodos de funcionamento

Dia 10 de Dezembro	— em Lagos	— na Casa da Cultura, sita na Praça de Armas	— das 10 às 12 horas
» 10 » »	— em Portimão	— no Salão Nobre da Câmara Municipal	— das 15 às 17 horas
» 11 » »	— em Albufeira	— na Sala de Reuniões da Câmara Municipal	— das 10 às 12 horas
» 11 » »	— em Faro	— no Átrio da Câmara Municipal	— das 15 às 17 horas
» 12 » »	— em Vila Real de St.º António	— na sede do Lusitano Futebol Clube	— das 10 às 12 horas
» 12 » »	— em Faro	— na sede do Sindicato	— das 15 às 17 horas

Faro, 10 de Novembro de 1975

OBS. — **IDENTIFICAÇÃO DOS ELEITORES**

A identificação dos eleitores será efectuada através do cartão de sócio, do bilhete de identidade, carteira profissional ou qualquer outro elemento de identificação com fotografia.

O Presidente da Mesa de Assembleia Geral
CARLOS ALBERTO

Nacional

MULHERES NA ESTRELA

MANIFESTAÇÃO FRUSTRADA

. Não decorreu sem incidentes a manifestação de mulheres que a chamada Comissão Nacional das Mulheres Portuguesas tinha convocado para ontem à tarde em Lisboa. Não decorreu sem incidentes e, verdadeiramente, não chegou a haver manifestação. Passou-se foi que apenas escassas dezenas de mulheres compareceram no local indicado, junto ao Palácio de S. Bento e aqui acorreram dezenas de populares. Gerou-se então uma situação de violência e foi necessária a intervenção de militares da P. M. para evitar o pior.

As escassas mulheres que compareceram estavam junto a S. Bento quando populares afluiram ao local gritando palavras de ordem como «Portugal não será o Chile da Europa». «Morte ao ELP e a quem o apoiar», «VI Governo, não, Governo Revolucionário, sim». Uma das intenções que presidia à manifestação das mulheres era a expressão pública do seu apoio ao VI Governo. Houve trocas muito pouco amistosas. A intervenção da P. M. conteve exaltações, no entanto, e as manifestantes puderam sair do local em direcção ao Terreiro do Paço.

No percurso, detiveram-se junto duma sede do M. R. P. P. e foram vivamente aplaudidas. A partir da zona do Rato, foram absorvidas pela movimentação dos manifestantes que se dirigiam à Baixa para a concentração das 17 horas na Praça do Comércio.

O M. L. M. PRONUNCIA-SE

«Assistimos ontem a uma manifestação frustrada da organização fantoche «comissão Nacional das Mulheres Portuguesas para a Defesa da Revolução», surgida na véspera com o objectivo de apoiar o VI Governo, quando este reivindica a responsabilidade do atentado terrorista à Rádio Renascença e condena as formas de organização do Poder Popular» — lê-se, entretanto, num comunicado emitido pelo M. L. M. Movimento de Libertação das Mulheres, na sequência dos acontecimentos registados ontem. «Esta convocação dirigida às mulheres apostava na sua marginalização política e fácil manipulação» — considera o M. L. M. — «O comunicado emitido por aquela comissão procurava apelar mais uma vez para os chamados sentimentos maternais das mulheres, aproveitando-se da sua real situação e duplas exploradas na família, nas fábricas, nas empresas, nos campos, nas escolas.Tudo isto dificulta a sua tomada de consciência, impedindo-a de lutar pela resolução dos seus problemas específicos que continuam esquecidos desde o processo revolucionário iniciado em 25 de Abril.»

. Furtando-se a comentários sobre o significado político mais localizado da manifestação em questão, o M. L. M. desvia-se para uma crítica de generalidade. E diz: «Porquê apoiar o VI Governo ou outros que nunca se ocuparam com a solução dos reais problemas que as mulheres enfrentam tais como: desemprego, discriminação salarial, exploração do trabalho doméstico, aumento do custo de vida, falta de equipamentos sociais (creches, cantinas, lavandarias). Estes Governos conservam ainda as leis fascistas sobre a família, mantendo as mulheres numa situação de subalternidade e opressão. Nada mudou em relação ao acesso à contracepção e aborto, que nós queremos livres e gratuitos.»

. Tanto quanto se sabe, a referida Comissão era, no seu inicio, constituída por Vera Lagoa, Mariana Guimarães, Maria José dos Santos, Etelvina Lopes de Almeida, Fernanda Botelho, Manuel de Azevedo, Ana de Sousa Lopes, Maria José Almeida e Silva e Elvira Martins Ferreira.

Entretanto, Manuela de Azevedo e Etelvina Lopes de Almeida abandonaram a Comissão.

Por outro lado, sabe-se que Vera Lagoa, é objecto dum processo-crime fundado na acusação de exportação ilícita de divisas para o estrangeiro. Vera Lagoa, numa das suas deslocações ao país vizinho, teria entregue, segundo a acusação, a importância de 110 contos a um elemento do E. L. P., Rebordão Esteves Pinto. A quantia respeitava a ordenados deste, que foi funcionário da RTP e da Emissora Nacional.

Festival de Outono

. O Grande Festival de Outono, organizado pelo Partido Comunista Português, prossegue hoje sob o tema «Solidariedade com os povos oprimidos». Às 21 horas, Ary dos Santos e Joaquim Hinojosa recitarão poesia revolucionária, seguindo-se uma sessão de cinema.

O dia de amanhã será dedicado à independência de Angola,

No decurso da manifestação, um automobilista provavelmente afecto às manifestações lançou contra os populares que envolviam a manifestação das mulheres o seu automóvel, tendo feito cair alguns dos contramanifestantes, como a gravura mostra. O carro é um Toyota, matrícula FI-95-37. A referência importa: as autoridades procuram o motorista para competente procedimento judicial.

QUEM ATACA A P.M.

. Personalidades responsáveis, tanto civis como militares dirigiram acusações graves à actuação da Polícia Militar que ontem interveio nos incidentes registados durante a manifestação organizada pelo P. S. e P. P. D. de apoio ao VI Governo. A partir destes incidentes vai ser tentado todo um aproveitamento que conduza a novos ataques àquele regimento na tentativa da sua dissolução. Mas verdade é que ficou a dever-se à forma calma, segura e técnica como a P. M. actuou o não ter havido ontem uma tragédia que poderia traduzir-se por muitas dezenas de mortos e feridos. Bastaria outra força, menos segura, menos tranquila e menos habituada a estes confrontos para que os tiros disparados não o fossem para o ar, enquanto uma parte da multidão se dirigia para os elementos da P. M. no intuito de solicitar a sua intervenção, outra parte tentava agredir os militares, havendo até tentativa de tirar-lhes as armas. «Houve inclusivamente pistolas apontadas à cabeça de militares», declarar-nos-ia esta manhã um elemento da P. M.

Em todos os momentos a P. M. controlou a situação disparando apenas tiros para o ar. Falar de situação «descontrolada» por parte destes militares é absolutamente inexacto. O próprio teor das comunicações entre os vários carros e a unidade, ouvidas por muita gente, demonstra que a P. M. se manteve sempre acima de todas as emoções, apesar de ter contra si uma multidão ameaçadora, quaisquer que fossem as suas razões, entre a qual se destacavam mesmo antigos elementos daquele regimento.

Como se sabe o Regimento de Polícia Militar era, no tempo do fascismo, a unidade onde os senhores importantes colocavam os seus filhos, parentes e amigos, para que não saíssem de Lisboa nem se afastassem das «boites» do Estoril e Cascais. Muitos deles ontem eram «povo» no tal Terreiro do Povo.

Actualmente o ambiente da P. M. é bem diferente e esta força exerce uma missão de vigilância na cidade atacando tanto o «bas-fond» fino como o outro, e, à falta de outras, constitui uma força dissuasora contra a criminalidade com os seus elementos expondo constantemente a vida na luta contra os marginais de todo o tipo. Não admira portanto que seja atacada e que até se aproveite uma manifestação para isso.

prefira confecções woolmark portuguesas

confelis-tecidos e confecções, lda.

almada

"CONFELIS"

Ao país o que é do país

ESPIRAL

Apoio à economia nacional

A indústria têxtil é uma das que mais trabalhadores emprega no nosso país. A confecção constitui um sector importantíssimo daquela actividade. Assim, promover a confecção Portuguesa, é impulsionar eficazmente a economia nacional.

Controlo de qualidade Woolmark

A presença do controlo Woolmark significa, para a Confecção Portuguesa, a garantia de um padrão de qualidade a nível verdadeiramente internacional. A confecção Woolmark Portuguesa é uma realidade nossa ao serviço de todos.

Exija as Confecções Woolmark Portuguesas

Ao fazê-lo, terá a garantia de que o artigo que compra foi rigorosamente testado e controlado. O símbolo da Woolmark é o sinal do seu bem-estar. A confecção Woolmark Portuguesa é um factor do bem-estar de todos nós.

WOOLMARK
PURA LÃ VIRGEM

fabricado em Portugal

Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Beja

ANÚNCIO

Prova do direito ao Abono de Família de Descendentes, Estudantes e Inválidos

Avisam-se os beneficiários desta Caixa que se encontram a receber abono de família por descendentes que no ano lectivo de 1975/76, completam 14, 18 e 21 anos, devem apresentar até 31 de Dezembro de 1975 os documentos a seguir indicados, conforme os casos:

1 — **Descendentes que completam 14 anos**
Certificado de matrícula na 5.ª e 6.ª Classes, no ciclo preparatório do ensino secundário ou curso secundário ou equiparado.

2 — **Descendentes que completam 18 anos**
Certificado de matrícula em curso médio ou equiparado.

3 — **Descendentes que completam 21 anos**
Certificado de matrícula em curso superior ou equiparado.

4 — Nos casos de matrícula nos cursos referidos nos números anteriores deverá ser feita prova de frequência até final do ano lectivo de 1974/75.

5 — **Descendentes matriculados em Escolas de Reeducação para anormais**
Certificado de matrícula em escola de reeducação para anormais, quando não coincidente com a incapacidade total para o trabalho.

6 — **Descendentes Inválidos**
Atestado médico passado pelo médico dos Postos Clínicos das Caixas de Previdência, comprovativo de que os desdendentes se encontram definitivamente incapacitados para o trabalho.
— Atestado passado pela Junta de Freguesia comprovativo do actual rendimento do agregado familiar.

7 — Foi prorrogada por mais um ano a dispensa da prova anual do direito ao abono de família e à assistência Médico-Social.

IMPORTANTE

A falta de entrega ou a entrega fora do prazo dos documentos escolares **implica a perda do direito ao abono de família até ao mês, inclusive, em que os documentos derem entrada na Caixa.**

— A falta de entrega do atestado médico comprovativo a Invalidez geral e do atestado da Junta de Freguesia do actual rendimento, **dá lugar à suspensão dos abonos,** até à entrega de tais documentos.

— Os beneficiários que não se encontrarem a receber, de momento, abono, por estarem sem trabalho, deverão ainda nestes casos, entregar os mencionados documentos, para evitarem prejuizos futuros.

Beja, 3 de Novembro de 1975

A COMISSÃO ADMINISTRATIVA

BROTHER

MÁQUINAS DE TRICOTAR

uma sensacional criação japonesa. A máquina que tem recursos para a ajudar a ganhar dinheiro. Peça uma demonstração sem compromisso aos representantes:

ELECTRIPORTO

Rua Rodrigues Sampaio, 193
Telefone, 20238 — PORTO
Em Lisboa:
R. dos Anjos, 21-A—Tel. 532251

Consulte o Agente da sua localidade. Se não o encontrar, escreva-nos.

Nacional

PALAVRA DE ORDEM NA MANIFESTAÇÃO

"PINHEIRO, EM FRENTE, AQUI TENS A TUA GENTE!"

A manifestação-comício de ontem na Praça do Comércio teve um final que muitos já esperavam: conturbado.

As bombas de gás detonadas por provocadores, os tiros de pistola que causaram os incidentes maiores, a intempestiva «adesão» de pessoas que se diziam do C.D.S., conduziram o acto para caminhos perigosos e que poderão vir a ter consequências que interessam muito a quem, antes de apoiar o VI Governo e Pinheiro de Azevedo, teme os frequentes e significativos avanços das forças populares.

A tentativa de isolamento e as provocações que foram dirigidas aos soldados do Regimento de Polícia Militar podem ser interpretados como uma resposta da direita ao comunicado interno da unidade, assinado pelo seu comandante, major Campos de Andrada, difundido na noite de sábado. Muita gente «embarcou» nisso.

O certo é que em uma hora de discurso, o Primeiro-Ministro deixou as suas posições bem claras. E demonstrou com que apoios é que conta para mantê-las.

Uns estavam satisfeitos. Outros não. De qualquer maneira os milhares de pessoas que estavam a ser mobilizadas desde há uma semana, vindas de diversos locais do País e que tomavam três quartas partes do Terreiro do Paço, ontem à tarde já eram suficientes para aquilo que a manifestação-comício promovida pelo P. S., P.P.D., P.P.M. e P.C.P.-ml pretendia: uma forte demonstração de apoio ao VI Governo Provisório e ao almirante Pinheiro de Azevedo.

A concentração começou muito mais cedo do que a hora oficial para o início da manifestação. E durante este tempo, sucederam-se as palavras de ordem e os «aparecimentos às janelas» do Ministério da Economia, cujas varandas foram transformadas em tribuna de onde Pinheiro de Azevedo falou, dizendo coisas que, em muitos sectores, foram consideradas como uma declaração de guerra.

«Vasco só há um, o Lourenço e mais nenhum», «Nem F.U.R. nem E.L.P., nem Praga, nem Chile», foram as palavras de ordem mais gritadas, tanto quanto «disciplina» e «Socialismo sim, ditadura não», «Pinheiro de Azevedo, em frente sem medo» e «Pinheiro em frente, aqui tens a tua gente».

Uma a uma, algumas das personalidades mais faladas nos últimos tempos, ligadas aos «nove», foram aparecendo. O primeiro foi Vasco Lourenço, a acenar. Em seguida, Melo Antunes, de punho cerrado. Logo após, muito sorridente, Vítor Crespo. E a cada um, os manifestantes saudavam, transformando o seu nome em palavra de ordem. Jorge Campinos e Vasco Lourenço demonstravammuitasatisfação, pois não paravam de rir, um para o outro. Foi logo depois de todos dizerem «Pára-quedista amigo, o povo está contigo», num claro apoio ao atentado contra os emissores da Rádio Renascença, que surgiu numa das janelas o primeiro dirigente do P. S., Salgado Zenha. E logo a seguir, fato verde-claro gravata verde-escuro, camisa branca e sorridente, autocolante da Juventude Socialista ao peito, Mário Soares, de punho erguido, ao lado de Vasco Lourenço. Talvezdemonstrando um descontentamento por ver que a manifestação começava a mostrar tendências muito definidas, os militantes do P.P.D. não deixaram por menos, e gritaram a plenos pulmões: «Unidade... Unidade!».

Às portas do Ministério da Economia a segurança esteve entregue a militantes do P.S. e do P.P.D., paralelamente a agentes da P.S.P. Mais afastadas, para os lados do Tejo, ficou a P.M.

Finalmente, às 17 e 25, surgiu o Primeiro-Ministro, Pinheiro de Azevedo, ocupando a varanda de onde pendia a bandeira de Portugal e onde estavam montados quatro microfones colocando-se, entre Mário Soares (à direita), Sá Carneiro (à esquerda) e o capitão Sarmento Pimentel, militante do P. S., que permaneceu ao lado do seu secretário-geral.

As janelas laterais foram todas ocupadas por gente conhecida. Numa delas, ficaram Salgado Zenha, Vítor Crespo e Almeida Santos, o discutido ministro da Comunicação Social. Noutra, sozinhos, Melo Antunes e Vasco Lourenço. Numa terceira, Magalhães Mota, Medeiros Ferreira, secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros, e Jorge Campinos.

Grande parte do discurso do Primeiro-Ministro era lido, também, em voz baixa, por Mário Soares. O secrecretário-geral do P.S. acompanhou largos trechos a ler por cima dos ombros do Primeiro-Ministro. Comportamento bem diferente teve o secretário-geral do P. P. D., Sá Carneiro. Manteve-se durante todo o tempo em que tudo transcorreu em calma, quieto. Apenas um leve sorriso acompanhava os seus olhares sobre a multidão.

INCIDENTES

Mais ou menos meia hora depois de Pinheiro de Azevedo ter começado o seu dircurso, iniciaram-se os incidentes que poderiam vir a ter gravíssimas consequências. Uma bomba de gás lacrimogéneo rebentou próxima ao Ministério da Justiça, quase na esquina da Rua do Ouro. Gerou-se a natural correria, com uma grande debandada pela Rua do Arsenal. Quase imediatamente, um helicóptero que sobrevoava o local baixou bastante de altitude, chegando a deixar que se visse algo parecido com um cano a sair de uma das portas abertas. O ruído do helicóptero fez com que o Primeiro-Ministro interrompesse por alguns instantes o seu discurso e provocou vaias entre os manifestantes. Ao mesmo tempo os altifalantes pediam um médico. Uma jovem estava desmaiada por causa dos efeitos da bomba de gás. Os restos do engenho foram recolhidos pela P.S.P.

Entretanto, entre os manifestantes do P.P.D. e do P.P.M., que estavam muito próximos, surgiu uma nova palavra de ordem: «Calar, de vez, Rádio Clube Português».

A confusão começou, para não mais terminar, às 18 e 30, quando, dos lados do Ministério da Marinha, na esquina da Avenida das Naus, surgiram algumas dezenas de pessoas,portando bandeiras do C.D.S., a gritar o nome do seu partido e a dizer que também queriam apoiar Pinheiro de Azevedo e o VI Gverno. Imediatamente, militantes do P.P.D., que estavam mais próximos, providenciaram no impedimento da aproximação, o que gerou confitos. Curiosamente, alguns elementos que se afirmavam do C.D.S. traziam autocolantes do Partido Popular Democrático à lapela, o que mais aumentou a confusão.

Quando este incidente estava quase sanado, com a neutralização dos que se proclamavam adeptos do Centro Democrático Social, explodiu a segunda bomba de gás lacrimogéneo, bem mais próxima de onde estava Pinheiro de Azevedo a discursar. Desta vez a correria foi maior, pois ali a concentração de manifestantes era bastante grande. O discurso foi interrompido. Enquanto os manifestantes procuravam lenços para tapar o rosto, o Primeiro-Ministro, Mário Soares e Sá Carneiro queriam manter a calma, visivelmente afectados pelos efeitos da bomba. Chegaram a tentar cantar o Hino Nacional. Mas os gritos, a fumaça, os manifestantes a pedirem «justiça, justiça» e a desordem generalizada, frustraram a tentativa. Até porque os três não a pideram manter. Os efeitos da bomba os atingiram mesmo em cheio.

Quando Pinheiro de Azevedo tentou retomar as palavras, com o nariz protegido por um lenço, ouviram-se tiros de pistola, vindos do meio da praça. Isto é indiscutível, uma vez que os ruídos que diferenciam os disparos de pistola e de G-3 são perfeitamente identificáveis. Os primeiros são mais abafados. Os de G-3, além de mais secos, são muito mais barulhentos. Este facto exime a Polícia Militar de qualquer culpa, que queiram imputar-lhe, sobre o início dos disparos. Aliás, a manobra foi perfeitamente detectável. Assim que ocorreram dois ou três tiros, alguns manifestantes foram para os lados onde se encontravam os soldados da P.M. Um deles foi agredido. Só então, a P.M. disparou para cima, em defesa própria. O facto dos soldados apontarem as suas armas para o ar, encorajou algumas dezenas de manifestantes, que continuaram a avançar sobre os soldados, tentando mesmo arrebatar-lhes as G-3. Os militares recuaram até onde estavam estacionados os «jeeps», próximos ao Cais das Colunas. A movimentação atraíu para o local mais gente que, dmonstrando grande agressividade contra os soldados, fechava o cerco em torno das viaturas, fazendo com que se pensasse num final grave para o incidente. Foi quando surgiu uma mulherl a dizer que tinha visto a segunda bomba ser jogada de cima do Ministério da Marinha, o que, absolutamene, não pode ser confirmado. Realmente,da praça, podiam-se ver duas pessoas no local indicado. Entretanto, poderia tratar-sedeelementosresponsáveis pela segurança, que também não se confirma.

Nesta altura, metade dos manifestantes já tinham debandado. Entretanto, chegava um «Berliet» com reforços para a P.M., sendo recebido com hostilidade. Os soldados defendiam as suas G-3 de alguns avanços. Militantes do P.S., menos nervosos, tentavam contornar a situação, procurando acalmar os mais exaltados e frustrar as tentativas claras de provocadores — um dos quais foi preso.

Quando os ânimos estavam quase serenados, ouviram-se rajadas do lado do Ministério da Marinha, disparadas por outro contingente da P.M. que ali estava estacionado. A origem e o motivo dos tiros não foram explicadas. A hipótese mais provável é esta, que foi apresentada pelos próprios soldados: uma G-3 terá disparado acidetalmente e o clima de extrema tensão fez o resto. O certo é que, em nenhuma das ocasioes houve ferimentos, prova suficiente de que a P.M. jamais atirou contra os manifestantes, como se tentou fazer crer.

Pelas 19 e 30 os soldados receberam ordens para regressar à unidade.

Em seguida, mesmo certos militantes do P.S. ficaram um tanto chocados quando foram dados vivas ao A.M.I. No final, talvez pela primeira vez, a P.S.P., que apareceu depois dos incidentes terem terminado, foi ovacionada. Mesmo no local, surgiu uma possível explicação: houve, realmente, tentativa de isolameto da P.M., uma das unidades mais progressistas, ao mesmo tempo que os aplausos à P.S.P. demonstram que recentes e remotas actuações desta força foram, «estranhamente», esquecidas po determinadas pessoas.

O fim da manifestação-comício foi dominado pelo P.C.P.-m.l., quando a Praço do Comércio já estava vazia, a gritar «não à conciliação». Com quem?

CAMPOS DE ANDRADA COMENTA

"Querem acabar com a P.M."

«O povo português não esquecerá os tiros descontrolados disparados por descontrolados elementos da Polícia Militar que indevidamente vestem a farda do Exército Português», afirma, a dada altura, um comunicado do P.S. que, relativamente à agitação ocorrida ontem, durante a manifestação P.S./P. P. D., acaba por pedir «que se tomem medidas enérgicas contra os fautores da desordem, sejam eles civis ou militares».

Mas que «descontrolo» foi esse? O major Campos de Andrada, comandante do Regimento de Polícia Militar, desmente-o firmemente: «Como se pode falar de descontrolo, se ninguém ficou ferido?»

Os factos, segundo o comandante do R. P. M.:

«Houve elementos agitadores no meio da manifestação. Inclusivamente foram disparados tiros antes de nós dispararmos para o ar. E ameaçaram-nos com armas brancas, pistolas, matracas, etc. Houve quem tentasse desarmar alguns soldados. O P. S., no seu comunicado, fala em descontrolo, mas ninguém ficou ferido, portanto parece-me que não se pode falar em descontrolo. O P. P. D., por sua vez, fala de um bando armado, num comunicado vergonhoso, mas eu não ligo nenhuma a esses tipos. O comunicado deles é uma vergonha!»

Com que fim foi a P. M. provocada? Para o major Campos de Andrade, a intenção é clara:

«A finalidade daquela provocação toda era, efectivamente, acabar com a P. M., que é uma unidade progressista, criando situações como esta, para obrigar a P. M. a responder e, depois, atacá-la e exigir **medidas enérgicas».**

Entretanto, o indivíduo que a Polícia Militar deteve foi levado para Lanceiros 2, saindo em liberdade pouco depois, porque, da conversa havida entre ele e militares da P. M. nada se apurou.

Nacional

PINHEIRO DE AZEVEDO AOS MANIFESTANTES

"O VI GOVERNO VEIO PARA FICAR"

«Portugueses:

1 — É esta a resposta aos que combatem o VI Governo ou nele descrêem. Raras vezes, na sua já longa história, esta praça terá sido cenário de tão maciça e homogénea manifestação de vontade. Interpreto-a no sentido de que o Povo Português quer o VI Governo e quer que ele governe.

Assim foi no Porto, assim foi em Faro. O plebiscito pela presença e voz, vai continuar. Mas desde já o considero inequívoco: os que combatem o VI Governo e a sua linha política; os que combatem as forças nele representadas e a sua plataforma de acordo, estão contra a esmagadora maioria do Povo Português.

Decerto por isso, começam certas minorias a reivindicar o privilégio e o exclusivo do vanguardismo e do esclarecimento. Em seu entender, o que conta são as vanguardas politizadas. E como passam o tempo a gastar o nome ao povo e aos trabalhadores, teremos então de entender, para não cairmos no seu desagrado, que o povo e os trabalhadores são apenas eles?

. Conhecemos o argumento. Foi com base nele que durante 48 anos se recusou o direito de voto a um português em cada oito.

Mas o 25 de Abril não se fez para substituir uma minoria por outra, uma intolerância por outra intolerância, uma violência por outra violência. E nós estamos aqui, e estamos no Governo, para acabar com mitos.

O Povo Português são todos os portugueses!

. A vontade do Povo Português é a vontade da maioria dos portugueses!

. Trabalhador é quem trabalha. Quem trabalha no campo e nas fábricas, como quem trabalha nos gabinetes, nas escolas, nos hospitais, no domicílio, nos quartéis militares ou nas esquadras de polícia. Tenho na minha frente trabalhadores, povo, portugueses. Ser democrata é reconhecer, no respeito pela vontade da maioria, a única alternativa válida para a violência. Ser socialista é reconhecer na igualdade económica e social na equitativa distribuição dos bens e das oportunidades, e também dos sacrifícios, a única via para a justiça social e para a paz.

O socialismo que defendemos é o que conduz uma sociedade sem classes. Sem exploradores e sem explorados. Sem opressores e sem oprimidos. Sem privilegiados e sem párias. Aos falsos revolucionários, oporemos a verdadeira revolução. Aos falsos mandatários da vontade popular, oporemos a determinação e a vontade da esmagadora maioria do povo português. Aos profissionais da manifestação oporemos este espectáculo, este entusiasmo, esta verdade. Este terreiro que foi do paço e hoje é do povo.

Não queremos mais castas. Nem a dos opressores pelo dinheiro, nem a dos opressores pela intolerância ideológica. O socialismo que defendemos é tolerante, amigo do povo e não seu algoz. O povo não se deixa iludir pelos que o insensam com a boca e o desprezam com o coração. Lê nas acções e despreza as palavras. Despreza quem o despreza. Combate quem o combate. Põe em respeito quem pretende intimidá-lo. O povo é sereno, não tem medo.»

«REGRESSO AO PRIMITIVISMO»

«2 — Não são estes o lugar e o momento próprios para uma análise aprofundada dos nossos problemas e preocupações. Mas ninguém desconhece que temos problemas e preocupações. Iludi-los ou desconhecê-los não conduzirá à sua solução.

A este respeito, desenham-se várias tendências: as que radicalizadas, defendem soluções catastróficas, indeferentes aos mais respeitáveis sentimentos populares e a que defende soluções racionais e prudentes, o mais possível respeitadoras do consenso popular.

Algumas das radicalizadas, as antifascistas, reconhecem, às vezes só na aparência, o primado da soberania popular.

Mas enquanto que estas advogam formas de soberania directa, defende a última, formas de soberania representativa. Falam ainda aquelas, em Poder Popular. É preciso que nós entendamos sobre esse conceito. Também eu defendo, e os que estão comigo defendem, o Poder Popular. Mas não o Poder Popular atrabiliariamente exercido à margem de um corpo de leis, antes canalizado, através do mecanismo da representação, para aqueles que, em relação a cada acto de poder, tenham pela maioria do povo português sido considerados seus representantes.

Governar é difícil. Desconhecer essa dificuldade representaria uma perigosa ilusão. É uma das conquistas da civilização, que é ao mesmo tempo um dado da experiência, é a de que o poder tende a tornar-se tirânico quando não limitado por um corpo de leis.

Que vemos nos defendido e em começo de execução? Um regresso suicida ao primitivismo de formas de democracia directa, ao nível de pequenos grupos que se chocam, que se combatem, que se arrogam uma falsa representatividade. Uma democracia, não só fragmentária, mas dissociada da necessária visão de conjunto, ou seja, dos problemas e interesses colectivos. Pior do que isso, situada, não só à margem das leis, «refiro-me às posteriores ao 25 de Abril) mesmo as mais revolucionárias, são desacatadas. Sempre que não convém aos interesses imediatos e localizados de qualquer pequeno grupo, apodam-se de burguesas.

E quando acontece que os tribunais, a pedido dos lesados, tentam repor a justiça, chega-se ao ponto de se invadirem os tribunais e, quando calha, fazem-se julgamentos atrabiliários que nem deixam de sê-lo por se lhes chamar «populares». Com idêntico falso critério se fazem ou se tentam saneamentos selvagens, greves selvagens, ocupações selvagens.

Pergunto: Será que esses pequenos grupos, no seu aliás respeitável entusiasmo, pretendam fazer regressar o País ao primitivismo? Será que teremos de resignar-nos a que a lei volte a ser, o que foi em épocas recuadas e incivilizadas, ou seja, a vontade do mais forte, seja indivíduo ou seja grupo?

. Se pretendem que o VI Governo concorde com isso, melhor é que se desiludam. Se é nisso que persistem, só lhes resta continuar a contestá-lo. E nós aceitaremos esse desafio.

Bem certos que acabarão por desistir. Recorrem agora à suprema manobra. ambas as forças extremistas, da extrema-direita e da extrema-esquerda: uns em nome de um anacrónico espírito de élite e outros em nome de uma falsa democratização das estruturas militares e de uma falsa liberalização das relações entre chefes e subordinados, procuram arredar o empecilho à desordem e à anarquia que as Forças Armadas representam. Foi assim que tivemos de assistir ao espectáculo deprimente de soldados e oficiais encapuçados que, em manifestações de rua, ou em conferências de Imprensa ou entrevistas contestam implícita ou explicitamente a necessidade da hierarquia e da disciplina militar em todos os escalões e a todos os níveis.»

«Tenho na minha frente trabalhadores, povo, portugueses»

«O POVO NÃO FALHARÁ»

«Sempre que, acontece que as Forças Armadas ou o Governo tentam deter essa maré absurda, travando o passo à desordem ou opondo um não à indisciplina, são apontados de repressores ou de desleais.

A que mais teremos ainda de assistir para que os dirigentes de boa vontade do nosso país, os revolucionários conscientes da nossa Revolução. os militares responsáveis das nossas Forças Armadas, correspondam ao não que o povo português já opôs a toda essa marcha para o abismo fascista, já que é ao regresso do fascismo que ela inevitavelmente conduz?

Tenho aqui o povo e pergunto-lhe:

— Foi para isto que fizemos e vós acarinhastes o 25 de Abril?

— Queremos a democracia ou a intolerância?

— Queremos a disciplina ou a anarquia?

— Queremos o respeito pelas leis ou a confusão?

Se os dirigentes de boa vontade não dirigem o País para o trabalho; se os revolucionários conscientes não conduzirem a Revolução para o socialismo autêntico; e se os militares responsáveis não restituirem às Forças Armadas a coesão e a disciplina que os seus inimigos de todos os lados tentam destruir, ter-se-ão demitido da sua condição e serão indignos da nossa Revolução.

Acredito na pureza das convicções que têm e na força da reserva moral que representam. Como acredito em que, se apesar disso falharem, deixando de ouvir a voz e de corresponderem à ansiedade do povo e ao seu apelo, nem por isso teremos de vergar de novo a servir a uma ditadura, seja ela de extrema-esquerda seja de extrema-direita.

Se nós falharmos, não falhará o povo.

Contra ele, de nada valerão as profecias dos falsos profetas, as vozes agoirentas do fascismo, as armas roubadas ou introduzidas clandestinamente no País pelos pseudo-revolucionários ou pelos fascistas, a solidariedade mercenária dessas suspeitas brigadas internacionais, não se sabe ao serviço de quem, a tentativa de voltar a semear o medo no coração dos portugueses.

As vitórias definitivas são as únicas que contam. As que celebram os profissionais da manifestação, porque conseguiram um saneamento selvagem, uma ocupação selvagem, um julgamento selvagem ou o episódico bloqueamento de uma actividade ou de um serviço, o assalto à sede de um partido, o lançamento de bombas e petardos não chegam sequer a coroar batalhas. Representam apenas o reflexo da impunidade de que ainda gozam uns e outros e da qual retiram uma falsa coragem e um falso heroísmo, que não enganam quem sabe que, muitos deles, docilmente reverenciaram o fascismo e os seus mentores, e se acovardaram perante a sua tirania e os seus métodos. São outro mito que é preciso denunciar. Um mito que representa apenas a outra face do nosso horror à repressão e á violência. Mas cuidado. De abuso em abuso, podem aproximar-se formas de luta que são em si violentas.

A luta política, em si legítima, começa, com preocupante frequencia, a capear o delito comum. O apelo à sedição dos E. L. P.'s da direita ou da falsa esquerda, feito inclusivamente, por órgãos de Informação que deviam ser responsáveis, e até por panfletos anónimos.

Temos de ser claros: se a violência que nos é imposta não cede à persuasão, não poderão os que dela fazem uso e padrão de conduta esperar outra coisa que não seja a adequada resposta.»

«OS EXTREMOS MISTURAM-SE»

«3 — Todos estamos de acordo em que a primeira necessidade de uma revolução é definir os seus inimigos.

Foi dito, e é evidente, que a Revolução portuguesa se joga tanto no campo político como no económico. Um socialismo que não traga o aumento da riqueza e bem-estar seria a negação do socialismo. Temos, pois, de ganhar a batalha política e de não perder a batalha económica.

Um bem defenido inimigo espreita a sua oportunidade e não desiste de voltar a dobrar a espinha erecta do povo português. A reacção. O fascismo. Mas não é o único. São também inimigos da Revolução e do socialismo, tanto os gestores que sabotam a gestão como os trabalhadores que não trabalham. Isto tem de ser dito muito claramente.

Por outro lado, não deve iludir-nos o sinal aparentemente revolucionário de algumas formas de luta que se nos têm deparado. A quem aproveitam a desordem e a confusão? À Revolução? Se. como penso, aproveitam à contra-revolução, são objectivamente contra-revolucionários, os que promovem a indisciplina e dela se servem. Como são objectivamente contra-revolucionários os que combatem a legalidade revolucionária, a ordem revolucionária, a democracia revolucionária.

Por outro lado, a quem aproveitam o caos económico, a derrocada financeira, a dependência do exterior em bens e serviços? À Revolução? Se, como julgo, só servem a contra-revolução, todos são igualmente contra-revolucionários.

Não duvido de que, mesmo nos sectores mais genuínos da esquerda revolucionária, há revolucionários apaixonados e corações generosos. Mas pergunto: Onde está a quinta coluna da reacção? Só no E. L. P. e nos demais grupos que, lá fora, ruminam saudades do poder tirânico? Tenhamos a coragem de reconhecer que, os que estão cá dentro, e que são, de certo, o maior número, embora talvez não sejam os mais poderosos, estão sem dúvida vestidos de revolucionários e, para que deles se não suspeite, na pele dos que, aparentemente, mais o são. Estão entre os que assaltam as embaixadas e sedes de partidos, entre os que sequestram os membros do Governo entre os que paralisam o trabalho com reivindicações impossíveis, entre os que minam a disciplina militar, entre os que deformam a Informação, entre os que perseguem cidadãos, entre os que assaltam as casas dos antifascistas. Estão, sobretudo, entre os que desmotivamos defensores do povo e os detentores da chefia das Forças Armadas. Nessa medida, ao sermos tolerantes para com aqueles em cujo seio se acoitam, seremos tolerantes para com a contra-revolução.

Diz um velho aforismo que os extremos se tocam. Mais do que isso: em termos de acção revolucionária, misturam-se. A extrema-direita disfarça-se de extrema-esquerda, e serve-se dela. Só assim encontram explicação alguns erros e alguns excessos que em nome da Revolução têm sido cometidos.»

«O VI GOVERNO VEIO PARA FICAR»

«É por isso que, custe o que custar, as armas têm de regressar aos quartéis, os julgamentos aos tribunais, os trabalhadores ao trabalho, a calma às ruas, o vivismo aos cidadãos, Portugal à tranquilidade e ao entendimento entre todos os seus filhos.

É em todo este contexto que se inserem, e à luz destas realidades que devem ser interpretados, alguns actos que, remando contra a maré do regime de total permissividade e quase insurreição em que temos vivido, podem. à primeira vista, parecer injustificados e até chocantes. Tomemos o exemplo mais recente e mais frisante: a acção exercida, por deliberação oportuna do Conselho da Revolução, contra as instalações da Rádio Renascença.

São conhecidos os seus antecedentes: uma ocupação ilegal e compulsiva, geradora de um conflito com o sector católico, a quem a Rádio Renascença legalmente pertence, que podia ter, e em alguma medida teve, graves consequências. Uma acção de ocupação militar seguida de encerramento e selagem. Uma violação, por quebra de selo e arrombamento, cometida pelos anteriores ocupantes, seguida de retomada de uma campanha emocional contra os órgãos do poder. Esta, agravada pela circunstância, nitidamente provocatória, de ter tido lugar na véspera da visita do Presidente da República ao Papa Paulo VI.

Não podia o Conselho da Revolução deixar de desagravar o Presidente da República, a autoridade do Estado e a Igreja Católica, e através desta a confissão católica a que pertence, por laços de crença, a maioria dos portugueses.

Continuar assim a assistir passivamente a situações ilegais de facto consumado, só porque se lhes imprime o sinal, nem sempre inequívoco, de revolucionárias, representaria grave erro.

O Conselho da Revolução assumiu o seu dever da maneira que lhe pareceu menos criadora de riscos e a força militar executou-a com disciplina consentida, como cumpria. E creio que já vai sendo tempo de os verdadeiros revolucionários que, sem consciência dos riscos que assumem, serneiam a indisciplina, se convencerem de que, uma vez semeada, não serão eles, mas o fascismo, que lhes colherá os frutos. Se alguma vez tiverem de ser Governo, e de exercer o poder, terão de colher o que semearam. A experiência de outras revoluções, sem excluir as que dizem tomar como paradigma, é isso que ensina.

Uma coisa é certa: o VI Governo veio para ficar: e ficará enquanto o povo português quiser que fique. O VI Governo veio para governar. E governará quaisquer que sejam os obstáculos que se oponham à sua acção. Quando um Governo tem por si o povo, tem por si a razão. E a razão é invencível.

4 — Não quero terminar sem vos agradecer, de todo o coração, o apoio e o encorajamento ao VI Governo que aqui viestes trazer-nos.

Portugal e a Revolução há-de encontrar o seu caminho.

Caminho de trabalho, caminho de paz. Caminho de sacrifícios e renúncias. Mas caminho que terá de ser de todos os portugueses, rumo ao socialismo, sem deixarmos, no percurso, as liberdades.

VIVA A LIBERDADE! VIVA O SOCIALISMO! VIVA PORTUGAL!»

Trabalho

setenave

ESTALEIROS NAVAIS DE SETÚBAL, S. A. R. L.

ADMITE :

CHEFE DE SERVIÇO DE APRESTAMENTO

— Dpartamento de Projecto —

(Tarefas típicas. Organização, seguimento e controlo dos trabalhos atribuídos ao Serviço. Actuação como especialista na resolução de problemas técnicos. Chefia de pessoal e contribuição para a sua formação).

EXIGE :

— Experiência profissional em Estaleiro de construção ou de reparação naval.
— Experiência de trabalho em gabinetes de Estaleiro de construção ou reparação naval.
— Conhecimentos de inglês.
— Curso superior de engenharia mecânica ou arquitectura naval.

OFERECE :

— Vencimento conforme experiência e de acordo com as normas praticadas na Empresa.
—Horário de trabalho 40 h. semanais. (2.ª a 6.ª feira).
— 30 dias de férias a partir de 1 ano de serviço.
— 100 % de subsídio de férias.
— 13.º mês.
— Refeições subsidiadas em cantina na Empresa.
— Comparticipação nos transportes.
— Outras regalias sociais.

As respostas com «curriculum vitae» deverão ser enviadas a :

SETENAVE — SERVIÇO DE RECRUTAMENTO E SELECÇÃO.
MITRENA — SETÚBAL

setenave

ESTALEIROS NAVAIS DE SETÚBAL, S. A. R. L.

ADMITE :

TÉCNICO DE RAIOS X DE 1.ª CLASSE E TÉCNICO DE MEIOS AUXILIARES DE DIAGNÓSTICO PARA O SEU SERVIÇO DE MEDICINA NO TRABALHO

EXIGE :

— Experiência na função.
— Curso Industrial ou equivalente.
— Conhecimento de máquinas automáticas de revelação (para Técnico de Raios X).

OFERECE :

— Vencimento conforme experiência e de acordo com as normas praticadas na Empresa.
—Horário de trabalho 40 h. semanais. (2.ª a 6.ª feira).
— 30 dias de férias a partir de 1 ano de serviço.
— 100 % de subsídio de férias.
— 13.º mês.
— Refeições subsidiadas em cantina na Empresa.
— Comparticipação nos transportes.
— Outras regalias sociais.

As respostas com «curriculum vitae» deverão ser enviadas a :

SETENAVE — SERVIÇO DE RECRUTAMENTO E SELECÇÃO.
MITRENA — SETÚBAL

BATAS ESCOLARES

ALTAMENTE ESPECIALIZADOS
TINTURARIA GUANABARA - Dep. Confecções
Av. João XXI, 5-D — R. Infantaria 16, 55-C — Lisboa

TRABALHADORES EMIGRADOS:

"QUERIDOS AMIGOS OU CAROS SENHORES"

Firmado por 45 assinaturas de trabalhadores agrupados na Alemanha, recebemos a seguinte carta, que transcrevemos na íntegra:

«Dortmund, 26 de Outubro, 1975

Ao Presidente da República,
Ao Conselho da Revolução,
Aos chefes de Estado-Maior das Forças Armadas,
Ao comandante do COPCON,
Ao Primeiro-Ministro, ao presidente da Ass. Constituinte,
Aos ministros do Trabalho, dos Negócios Estrangeiros e sec. de Estado da Emigração,
Ao embaixador de Portugal em Bona e ao cônsul em Dusseldorf.

Queridos amigos ou caros senhores:

Somos 50 portugueses emigrados nas localidades de Letmathe, Dortmund, Iserlohn, Kalthof, Langschede, Schwerte, Bosperde, Fröndenberg-Delwig, Meschede e Nuttlar, reunidos hoje, 26 de Outubro na cidade de Dortmund, na República Federal da Alemanha. Nunca nenhuma fraca percentagem de 20 e poucos mil emigrados nos elegeu para os representarmos. Mas somos trabalhadores desde sempre, filhos de trabalhadores, conhecedores das terras do Alentejo, como do Centro ou Norte do País, operários da indústria, explorados em Portugal e no estrangeiro. Somos, entretanto, conscientes da nossa situação, força e perspectivas, não sós mas sim na torrente imparável da força do povo. Por isso representamos 1000 vezes mais os interesses dos trabalhadores portugueses emigrados na R.F.A. que uma centena que fosse, e não apenas um, de quaisquer deputados de um partido contra-revolucionário, servo dos patrões e do fascismo.

É pois consciente da força da nossa razão, sabendo dos amigos, mas também dos inimigos que campeiam aqui e em Portugal, desejosos de tudo fazer para ajudarmos, também nós emigrantes, à defesa e ao avanço do processo democrático e revolucionário do 25 de Abril mas também do 11 de Março, querendo contribuir para a unidade de todas as forças e elementos políticos e militares do nosso povo capazes de serem ganhos para uma política progressista, que vos damos a conhecer estas linhas. E fazemo-lo com fervor de patriotas e com força de trabalhadores. Pelo avanço da Revolução rumo ao socialismo.

Trata-se do seguinte:

Para aqui emigrámos, empurrados pela vida de opressão e miséria que o fascismo nos impos. Aqui passamos anos muito difíceis, tantas vezes discriminados, peças de uma exploração capitalista desenfreada que agora, tendo os monopólios criado a crise, nos tenta lançar para cima os efeitos das suas taras. Correm ameaças de desemprego, expulsão, já realidade para tantos milhares. Sabemos que tipo de sociedade fabrica a social-democracia, de quem se defende assanhadamente e quem tolera (o neofascismo), como parente não muito afastado.

É neste ambiente que aqui temos vindo a acompanhar o 25 de Abril, a derrota da manobra Carneiro-Palma Carlos, o golpe da 'maioria silenciosa' e a grande vitória do nosso povo em aliança com o M. F. A. quando da tentativa de golpe militar fascista do 11 de Março. Aqui soubemos da independência dos povos irmãos da Guiné, Moçambique e dos outros territórios, da nossa boa amizade e entendimento após tantos anos de guerra colonial criminosa, contra os seus e os nossos interesses. A política das nacionalizações e o início e avanço da Reforma Agrária, a defesa da unidade dos trabalhadores na sua central sindical, tantos outros motivos de euforia que aqui foram chegando, que aqui nos foram cada vez mais fazendo amar a nossa Pátria.

Ouvimos os homens do M. F. A. falar em socialismo autêntico, em sociedade sem classes, garantindo que ninguém mais queria em Portugal um regime de exploração. O M. F. A. falou-nos na construção do socialismo, e nós, embora longe, já nos sentíamos trabalhando para lá chegar. Fizemos muito pelo reforço da aliança Povo-M. F. A., um M. F. A. que nos foi apresentado como movimento de libertação. Calamos algumas injustiças, para reforçar o que nos parecia essencial. Passamos também aqui no estrangeiro por vexames e calúnias, só porque pretendíamos a cada momento, nos locais de trabalho, aqui e acolá, defender o nome dos militares do 25 de Abril, livrá-los das mais sujas calúnias com que a reacção os tentava ofender. Vimos em vocês os filhos do povo; embora olhando as dificuldades de libertar um povo da exploração, confiamos num futuro radioso para os nossos filhos. Como garantia a nossa vontade e a vossa força, que juntas ninguém venceria.

Notamos hoje coisas que nos deixam tristes e que nos enchem de revolta. Vemos afastados da direcção do processo revolucionário homens como o general Vasco Gonçalves, brigadeiro Corvacho, comandante Costa Martins, este director de um banco nacionalizado, aquele governador civil, tantos outros, só por nos terem defendido como verdadeiros amigos do povo. Vemo-los aqui e ali substituídos por contra-revolucionários ou conservadores, gente que guina na direcção dos interesses dos ricos e do fascismo. Vemos bandos de fascistas semear o ódio e o terror e não assistimos a uma resposta pronta do braço armado da revolução. Alas, mdlps e outros elpes manobram sem resposta, enquanto que se instauram processos a federações sindicais pelo 'crime' de defenderem intransigentemente centenas de milhares de trabalhadores. Em certas regiões do País já não vingam as liberdades fundamentais, sabem-se os nomes e as moradas dos contra-revolucionários, de agentes da C. I. A. e do fascismo, mas são os democratas quem se afasta ou exila por decreto, a quem se ameaça com a prisão. Tenta-se voltar atrás com a política das nacionalizações e da reforma agrária, quando são essas das vitórias mais valentes que algum dia o nosso povo conseguiu. Faltam os créditos para as unidades colectivas de produção agrícola e para os pequenos agricultores, mas há governadores militares que autorizam os capitalistas a raspar-se para o estrangeiro com o dinheiro que roubaram. Perante tais abandonos vemos os trabalhadores da Imprensa livre a defender as conquistas da revolução e logo a seguir acossados por um ministro chantagista, inimigo da verdadeira liberdade do Povo.

Assiste-se a um namoro descarado às falsas ajudas do capital e do imperialismo, sem mais se confiar na capacidade heróica dos trabalhadores poderem reconstruir o seu país. O imperialismo ingere política e economicamente nos assuntos internos de Portugal, como resposta temos os saneamentos e as ameças às forças de esquerda. A tendência político-militar conservadora e contra-revolucionária tenta dominar o processo, conduzir o País novamente à esfera de domínio dos grandes monopólios, mães do fascismo. Assistimos à actividade de um Governo onde há alguns elementos progressistas, outros que mais ou menos poderão ser recuperados para a revolução. Mas o que é que lá fazem membros de um partido que está na base, empenhado até ao pescoço em todas as manobras e atentados da reacção e do fascismo? Quem é que pode esperar avançar para o socialismo metendo na máquina os próprios inimigos do socialismo?

Tanta coisa de mudado! Tanta tentativa de travar o nosso processo revolucionário, de o fazer recuar!

Confiamos sinceramente que homens das Forças Armadas, em quem nos habituamos a ver gente dos nossos, pensem bem estas coisas. Sabemos que a aliança dos soldados, marinheiros, sargentos e oficiais progressistas e revolucionários com as massas trabalhadoras da cidade e do campo e outras camadas antimonopolistas do nosso povo há-de vencer, apesar da crise. Sabemos que em Portugal há forças militares e populares suficientes para defender a Revolução. Só vos pedimos:

Não saneiem os revolucionários, os democratas e progressistas!

Não permitam que os inimigos do povo orientem o País!

Não deixem que bandos fascistas imponham em Portugal o terror e a perseguição nazi!

Defendam a ordem democrática, olhem pela defesa das liberdades, uma das grandes conquistas do derrube do fascismo!

Cuidado com a descolonização! O 11 de Novembro é o dia da independência de Angola e nenhuma manobra do neocolonialismo ou do imperialismo poderá reduzir ou adiar a independência total e imediata! Cuidado com a ingerência ou a intervenção estrangeira tentando a internacionalização do conflito! Tratem com lealdade o M. P. L. A., legítimo representante do seu povo!

Cuidado com as nacionalizações! A banca é do povo e a C. U. F. também! É o povo quem trabalha, é ao povo que essas riquezas devem servir, somos nós e vocês quem as deve administrar!

. Cuidado com a reforma agrária! Ajudem os trabalhadores agrícolas e os pequenos agricultores! Se a terra produz, tem sido com o seu suor e o seu sangue. Eles gostam muito dos seus amigos, mas nunca permitiriam que lhes tirassem a terra que sempre trabalharam e agora conquistaram!

. Reforcem a vossa unidade, que não há tempo para divisões quando espreita a contra-revolução. Só os progressistas, embora talvez hesitantes, e os revolucionários podem conduzir uma revolução, sob o risco de deixar de o ser!

. Soldados, sargentos e oficiais das Forças Armadas: mereçam a nossa confiança, que também nós emigrantes vos queremos muito! Mas na defesa dos interesses do nosso povo! Em aliança com as forças progressistas e revolucionárias! Na construção de um Portugal democrático! No prosseguimento e na vitória da revolução, rumo ao sociálismo!

Assim, e só assim, unidos venceremos!»

As contas em dia

"VERGAR A MOLA"

Ontem, à tarde, ouvi um diálogo no «metro» (sempre o «metro», porque não tenho carro). Eram duas senhoras, uma nova com uns cabelos loirinhos, muito bem arranjadinhos, outra velha, com cabelos grisalhos pintados de grisalhos. Falavam de Angola porque de lá fugiram.

Falavam dos sacrifícios que alguém «familiar da nova», tinha sofrido «se» preso por um dos movimentos de libertação (sem dúvida o MPLA, qu'esse é que são os malandros. «É por isso que eu não posso nem ver os pretos. Tanto que sofremos». A senhora não falou do que sofreram durante quinhentos anos os negros, sob a ordem de brancos, ou brancas. Os negros trabalhadores, os negros que verteram o seu suor para construir cidades de que esta gente agora mostra tantas saudades e de que lembram o suor (supostamente de brancos na esplanada? ao volante do carro?).

Porque falamos disto?

É que, em Portugal, é frequente aparecerem duas visões diferentes sobre os mesmos factos. Assim, onde um diz «os trabalhadores defenderam-se», outro salienta que «os trabalhadores atacaram». E porquê?

Porque há duas visões diferentes. Se for o patrão a falar, há-de, com certeza, salientar os esforços que fez a pensar na melhor forma de levar o trabalhador. Raciocinando assim, basta o trabalhador dizer a verdade para estar em oposição.

Razão esta porque senhoras muito bem pintadas, «lutando» à sua maneira e que nunca «vergaram a mola», cabem numa secção de (não) trabalho.

R.V.

Em **ALVALADE-SADO** o **DIÁRIO DE LISBOA** está à venda na **PAPELARIA MARIA ADELAIDE**

Trabalho

PLENÁRIO DAS C.T. DA CINTURA INDUSTRIAL DE LISBOA

Demissão imediata do ministro e secretário de Estado do Trabalho

. «Nos últimos dias, tem-se assistido a uma actividade febril da reacção, para aumentar a tensão e levar o pânico também à classe operária e, deste modo, atingir de morte a Revolução, com um golpe reaccionário de direita. Tal como no 28 de Setembro e no 11 de Março, cabe aos trabalhadores portugueses e à classe operária um importante papel na vigilância às actividades contra-revolucionárias e à sua liquidação», foi salientado na análise à situação política com que abriu o I Grande Encontro das Comissões de Trabalhadores da Cintura Industrial de Lisboa, realizado no sábado, no ginásio da Siderurgia Nacional, e no decorrer do qual foi exigida a demissão imediata do ministro e secretário de Estado do Trabalho.

Mais de 150 comissões de trabalhadores participaram neste plenário. Na análise ao momento político foi afirmado mais à frente: «A luta travada pelos trabalhadores, pela classe operária e pelo povo português nas últimas semanas para impedir as tentativas de viragem à direita por parte do VI Governo Provisório, mostrou a todos os verdadeiros revolucionários quem está com a Revolução e quem está contra, quem está disposto a não lhe negar sacrifícios e quem está disposto a bater-se em defesa das liberdades democráticas alcançadas.» E concluí: «Isto só serve para demonstrar que as liberdades e a democracia em Portugal só se defendem com o avanço para o socialismo e que a base social de apoio para a construção da nossa sociedade socialista não está nas camadas conservadoras e reaccionárias.»

SOLIDARIEDADE COM «O SÉCULO» E R R

Depois da exposição da actual situação política no País, os participantes no plenário dividiram-se nas seguintes secções: controlo operário, desemprego, reivindicações, nacionalizações, reforma agrária, organização e coordenação das comissões de trabalhadores e assembleias populares.

Cerca das 19 e 30 começaram os trabalhos de encerramento do plenário. Como entidades convidadas, encontravam-se presentes, representantes da Intersindical, da União dos Sindicatos de Lisboa e Setúbal e dos Sindicatos Agrícolas de Lisboa, Setúbal e Beja e uma Delegação da Armada composta por militares do Alfeite. Participaram também vários soldados do Exército e da Força Aérea.

Foram aprovadas no final, moções de apoio, à luta dos trabalhadores de «O Século» e à Rádio Renascença. Os trabalhadores da Rádio Renascença receberam dos trabalhadores presentes no plenário uma carinhosa manifestação de solidariedade. Idêntica atitude para a comissão de luta dos trabalhadores de «O Século».

DEMISSÕES NO SINDICATO DOS JORNALISTAS

. O jornalista Manuel Geraldo, que foi eleito para o actual elenco directivo do Sindicato dos Jornalistas, pediu a sua demissão do cargo que ocupava naquele organismo. Como razões justificativas da sua atitude, o nosso camarada de Redacção aponta: «Não ao reformismo nas suas formas multifacetadas (razão da minha candidatura às últimas eleições sindicais) — mas, não igualmente, às alianças sem princípios que podem levar (e têm levado) a trilhar caminhos, que em muitos aspectos se aproximam dos objectivos sociais-democratas e, não raro, são aproveitados pelas forças fascistas e fasciszantes desta terra, onde o fascismo no momento presente é ainda, no meu ponto de vista, o principal inimigo das massas proletárias e das conquistas autenticamente revolucionárias do povo português.»

. Encontram-se igualmente demissionários do corpo do Sindicato dos Jornalistas, Adriano de Carvalho e Freire Antunes.

Nota oficiosa

..Do Ministério do Comércio Interno recebemos a seguinte nota oficiosa que temos de publicar ao abrigo do Decreto-Lei n.º 15 da Lei de Imprensa:

..O jornal «O Século» na sua edição de 6 de Novembro e numa notícia intitulada «Despacho Ministerial Favorece os Intermediários: a Intersindical Repudia» refere informações totalmente falsas, impondo-se a este Ministério a reposição da verdade.

..Assim, o teor do Decreto-Lei n.º 605/75, de 3 de Novembro, destina-se exclusivamente aos pequenos e médios agricultores, excluindo quaisquer benefícios aos agentes da comercialização: bastava uma leitura deste diploma para se constatar tal facto.

..O significado do art. 9.º do aludido Decreto-Lei, que a Intersindical contesta, é o seguinte: «Os fabricantes e importadores de adubos facturarão todas as vendas em função da redução dos 20 por cento, compensando posteriormente os comerciantes e organizações da lavoura, mediante documentos justificativos, dos diferenciais de preços resultantes das vendas à tabela dos pequenos e médios agricultores.

..Não se vê, portanto, qual o benefício que obterão os intermediários com a venda dos adubos, além da sua margem legal de comercialização.

..Mais de esclarece que as unidades de produção geridas por trabalhadores podem adquirir o adubo com a redução de 30 por cento, que é a tabela dos pequenos e médios agricultores.

SINDICATO NACIONAL DOS TÉCNICOS DE DESENHO

SECTOR DE CONSTRUÇÃO CIVIL

COMUNICADO

..Na madrugada do dia 8 de Novembro e em seguimento da reunião havida no Ministério do Trabalho no dia anterior em que este não deu cumprimento ao compromisso assumido em 28 de Outubro, Comissões de Trabalhadores do Sector da Construção Civil reunidas com a Comissão Negociadora do C. C. T. deliberaram decretar GREVE no Sector a partir de hoje e até 4.ª-feira, 12 de Novembro, data em que às 14,30 horas se realizará uma concentração no Terreiro do Paço para a realização de uma manifestação tendente a obter o compromisso público do M. T., no sentido de serem aprovadas na íntegra as tabelas salariais constantes da Proposta Sindical.

..A Direcção do S. N. T. D. como membro da Comissão Negociadora ausente na reunião realizada no M. T. por motivos imperiosos e da reunião realizada durante a madrugada por desconhecimento da sua realização está vinculada a esta decisão.

..Dado o facto de esta decisão de GREVE extensiva a todos os trabalhadores da Construção Civil a nível nacional não ter sido fruto de uma ampla discussão na maioria dos locais de trabalho, discussão esta que deveria articular o problema do C. C. T. com o desemprego existente no Sector, conforme aprovado em Reunião Geral de Sócios do Sector da Construção Civil (Zona-Sul) realizada em 30 de Outubro e já divulgada, a Direcção do S. N. T. D. propõe que em todos os locais de trabalho se discuta esta decisão de GREVE e que os Técnicos de Desenho aceitem a posição da maioria dos trabalhadores da sua empresa, pois esta forma de luta ultrapassa as anteriormente definidas.

..A Direcção do S. N. D. T. entende ainda como oportuno divulgar que o Ministério do Equipamento Social, interlocutor do Estado, representante das empresas com intervenção estatal, além de ser Ministério responsável pelo investimento oficial no Sector da Construção Civil, nunca compareceu às negociações, como também «boicotou» o chamamento das entidades patronais a estas, conforme foi divulgado na reunião realizada em 7 de Novembro no M. T., e cuja Acta o Secretário de Estado do Trabalho não assinou.

..Lisboa, 10 de Novembro de 1975

A DIRECÇÃO

Não foi publicado "O Século" do referendo

Afinal, aquilo a que «A Luta» chamava de «verdadeiro Século» e cuja publicação estava prevista para hoje, aparecerá «muito provavelmente amanhã», segundo informações que obtivemos esta manhã junto da «facção do referendo», que continua a ocupar a delegação de «O Século», no Rossio. Segundo a mesma fonte, as notícias de que a edição em causa sairia hoje, segunda-feira, foi fornecida por aqueles elementos.

De acordo com as informações de que dispomos, este «Século» aparecerá sob a direcção de Roby Amorim, que já tinha sido escolhido pela «facção do referendo» para dirigir «O Século» que sai, diariamente, das rotativas da Sociedade Nacional de Tipografia, sitas à rua do Século.

O «Diário de Notícias» de hoje, que classifica esta tentativa do grupo referendista como tratando-se de «edição clandestina», anuncia que «a sua impressão é apoiada por Vítor Direito, o qual tem andado em negociações com tipografias, segundo fonte fidedigna». Vítor Direito é director-adjunto do jornal «A Luta».

Entretanto, «O Século» sob a direcção de Lopes Cardoso, já nomeado pela administração da S. N. T., continua a ser publicado e recebe moções de apoio das mais variadas entidades: Sindicatos dos Trabalhadores da Construção Civil do Distrito de Lisboa, das Comissões de Moradores de Monte Abraão e da Freguesia de S. Nicolau, de trabalhadores da Heska Portuguesa e outra aprovada por aclamação durante uma sessão de esclarecimento no Clube Atlético da Encarnação.

Atendendo à situação político-militar, e com o objectivo de não provocar a direita, que poderia aproveitar da situação, ficou decidido entre o Copcon e o Comité de Luta dos Trabalhadores do Ministério da Comunicação Social que uma força de fuzileiros asseguraria a segurança do edifício, mantendo-se no entanto os piquetes de vigilância, «simbólicos».

O Comité de Luta assinala que o Ministério continua a funcionar normalmente, muito embora o titular da pasta não apareça desde os acontecimentos da noite de quinta-feira, sem que, no entanto, exista qualquer obstáculo ao seu «regresso». No caso de Ferreira da Cunha, também não voltou a aparecer, mas neste caso os trabalhadores mantém-se vigilantes para lhe obstar a entrada, no caso de ela ser tentada.

Foi, entretanto, desmentida a notícia de que os trabalhadores do M. C. S. estariam a gerir os serviços daquele departamento governamental.

SINDICATO DOS PROFESSORES

(ZONA DA GRANDE LISBOA)

PLENÁRIO

ESTATUTOS DO SINDICATO

A Comissão Directiva convoca os professores de todos os graus de ensino para o Plenário que se realiza na **Quarta-Feira, dia 12 de Novembro, pelas 21.00 horas, na Aula Magna da Reitoria.**

A CDP apela a uma participação massiva dos professores neste plenário.

PROFESSOR

O futuro do teu Sindicato depende muito do Estatuto que aprovares!

COMPARECE NO PLENÁRIO!

A COMISSÃO DIRECTIVA

UM CONCEITO DE BOM SENSO

Viaturas com garantia de um ano sem limitação de quilometragem

Um Volkswagen é sempre um bom investimento

Geral

NO BANQUETE DAS HIENAS

ANTÓNIO BORGES COELHO

Vasco Gonçalves não pronunciará, com o seu gesto largo, «olhos nos olhos», o coração pulsando à nossa vista, o discurso português da libertação de Angola. Fê-lo em Moçambique, fê-lo em Cabo Verde (lembram-se da «incompreensível» explosão de fraternidade, na cidade da Praia, entre os representantes do ex-colonizador e ex-colonizado?

. Vasco Gonçalves não pronunciará o discurso. E este facto singular, insignificante na aparência, assinala bem a mudança: mudança no processo de descolonização; mudança nos órgãos do Poder político em Portugal.

Que mudou então com a descolonização de Angola? Os sentimentos e o querer do povo português? Mas não ficaram com o M. P. L. A. 50 000 a 100 000 portugueses, dispostos a vencer ou morrer, pelo menos a arriscar? Perguntem ao democrático povo francês quantos ficaram na Argélia após a independência?

Está por fazer a história da expansão: a história da baixeza, mas também do heroísmo, da fraternidade humana, do abraço sem cuidar da cor da pele. Uma coisa parece certa. Este é ainda o povo de Fernão Mendes Pinto, de Camões com a sua Dinamene, da História Trágico-Marítima, mas um povo na baixeza e na grandeza do século XX. Os seus melhores filhos chama-se Luandino, António Cardoso, poeta e outros que não desmerecem de Tomás Gonzaga e da sua Marília de Dirceu. Cantam e enaltecem a sua nova pátria; no Tarrafal dezenas de anos sofreram por ela enquanto filhos da África negra cantam na língua portuguesa o apelo às armas para o seu povo.

Não mudaram os sentimentos do povo trabalhador, motor real da revolução de Abril. Quem mudou foram as estruturas do Poder. Em 25 de Junho, data da independência de Moçambique, já o P. S. era a «maioria», no sentido eleitoral constituinte, mas continuava em vigor o pacto entre os partidos. Hoje o P. S. é a maioria e o tom do VI Governo. Completam-no os mais lídimos representantes do terceiro-mundismo. Mas agora Luanda, a velha cidade dos navios negreiros, da baixa europeia e dos nusseques, não ouvirá o discurso de Vasco Gonçalves ou de outro membro oficial do Governo português.

Mário Soares, aliás, definiu: Portugal deveria respeitar os acordos de Alvor. Pergunta-se: quando as outras partes, vitalmente interessadas, rasgaram os acordos, falar deles agora não equivale a entoar uma conversa de surdos; não equivale a procurar a verdade de Pilatos?

Os verdadeiros revolucionários respondem, passo a passo, à situação tal como ela se apresenta. E não têm sequer a desculpa da ignorância das circunstâncias. Ora Mário Soares conhece a personalidade exemplar de Agostinho Neto e os objectivos patrióticos do seu movimento. O presidente do P. S. António Macedo, defendeu no Tribunal Plenário do Porto o presidente do M. P. L. A., quando este e irmanava com o povo português em luta pela sua libertação. O M. P. L. A. tem o povo, tem os intelectuais, tem os portugueses que ficaram para viver e lutar na nova pátria africana. E a F. N. L. A. de Holden Roberto e dos seus capangas de língua francesa? Não se apoia nas tropas, nas armas do Zaire, nos dólares das multinacionais? Não derrubou a bandeira portuguesa, violando os acordos de Alvor nas regiões que ocupa? Não procedeu aos massacres mais abomináveis (perguntem ao dr. Vasco Vieira de Almeida, aos chefes militares se não viram os frascos onde os canibais guardavam o sangue e os fígados humanos) E a U. N. I. T. A. do sr. Savimbi? Antes do 25 de Abril, apêndice do colonialismo caetanista; após Alvor, liga-se à F. N. L. A., ao E. L. P:, aos invasores mercenários da África do Sul. Onde estão os milhares de portugueses do planalto de Nova Lisboa que apoiavam a U. N. I. T. A.? Ficaram algumas dezenas.

Perante esta situação, o VI Governo deixa o campo aberto, facilita a manobra de envolvimento do povo angolano, a pretexto de papeis escritos e acordados pelos homens numa circunstância concreta e que já nada significam. Incapaz de olhar a realidade tendo em conta os interesses do povo angolano que coincidem com os interesses do povo português, sacrifica a esta política belos discursos terceiro-mundistas, palavras que enalteciam Portugal como ponte para o Terceiro Mundo. Mas que raio de ponte é esta, se, perante a demissão descolonizadora do VI Governo, o outro lado da ponte se desmorona a começar por Moçambique, Guiné-Bissau e S. Tomé e Príncipe? Ou seriam as palavras terceiro-mundistas a roupagem brilhante com que se vestia a rendição do projecto socialista ante a ameaça dos «amigos» europeus e americano? Ou não significará tal atitude afinal, a impotência crónica do capitalismo português.

Agora que se ouve já o grito da independência, agora que o ex-colonizador fecha as últimas malas, e retira, a situação que vigorou durante a guerra colonial torna-se mais evidente. O Exército português, com milhares de mortos e de mutilados, retira-se do terreno. Mas a guerra continua. Novos Exércitos — Exércitos de mercenários — ensanguentam a terra grande de Angola. Quem recruta os mercenários, quem lhes paga, quem os arma? Que fantasma é esse que devora a terra e persiste em abocanhar os seus filhos? Esse fantasma é o imperialismo, a «mafia» tenebrosa das multinacionais que controla governos, cias, assassinos profissionais.

Não é por acaso que a Alemanha Federal do sr. Brandt e do sr. Schmidt, acusada pelos patriotas da Guiné-Bissau de envolvimento no desembarque spinolista de Conakry, se revela «amiga» da mão agressora dos racistas da África do Sul. Não é a Krupp a exploradora dos minérios de ferro da «portuguesa» companhia do Lobito? Não há grossos capitais alemães no banquete de hienas a que se juntam capitais americanos, belgas e franceses? Porque é que o sr. Brandt, tão «desinteressadamente» envolvido no «socialismo português em liberdade», não protestou contra os massacres de Luanda e de Moçâmedes?

A História Trágico-Marítima do povo português, não terminou. Vive hoje horas dramáticas e exaltantes. Aqui e pelos continentes onde espalhou e misturou o seu sangue. Mas com sofrimento e determinação o povo angolano e o povo português vencerão.

NOTA SOBRE O "FRENTE-A-FRENTE"

O Conselho da Paz não interferiu nos assuntos internos de Portugal

Subscrito pelos membros do Secretariado do Conselho Português para a Paz e Cooperação, recebemos o seguinte esclarecimento relativo a afirmações feitas no encontro televisivo entre Mário Soares e Álvaro Cunhal:

«A propósito de duas afirmações produzidas no debate de Televisão da noite de 6 de Novembro, entende o Secretariado do Conselho Português para a Paz e Cooperação ser seu dever trazer perante a opinião pública as seguintes informações objectivas:

1. O Conselho Mundial da Paz nasceu em 1949 como organização da opinião progressista internacional que se opunha à ameaça da guerra atómica. Foi o C. M. P., então em plena «guerra fria», muito atacado e caluniado e, em países como Portugal e outros, perseguido. Isso não impediu o C. M. P. de alargar cada vez mais a sua acção e influência nos países ocidentais e socialistas e, com particular relevo, nos países do Terceiro Mundo. Hoje, composto por mais de mil personalidades representativas e ligado a Comissões Nacionais de Paz em mais de cem países, o Conselho Mundial da Paz tornou-se na principal organização da opinião pública mundial na luta pela paz.

O Conselho Mundial da Paz é reconhecido como Organização Não Governamental (O. N. G.) pela O. N. U, com a qual colabora estreitamente. Na Presidência do C. M. P. figuram destacadas individualidades das mais diversas correntes: socialistas como Ulf Sundqvist secretário-geral do Partido Social-Democrata da Finlândia e dirigente da Internacional Socialista ou Carlos Altamirano, secretário-geral do Partido Socialista Chileno; personalidades cristãs como o Cónego Raymond Goor, da Bélgica, e da Pax Christi ou o Pastor Martin Niemoller, da República Federal Alemã, dirigente do Terceiro Mundo como os presidentes Samora Machel, Aristides Pereira e Agostinho Neto; personalidades dos países socialistas como o prof. Hoang Minh Giam, da República Democrática do Vietname ou o académico Nikolai Tikhonov, da U. R. S. S, etc., etc..

Os princípios da coexistência pacífica, da não ingerência nos assuntos internos de cada povo e de luta contra o colonialismo e o neocolonialismo pelos quais o Conselho Mundial da Paz se bateu persistentemente desde a sua fundação têm tido consagração jurídica internacional em numerosos acordos e tratados e foram recentemente reconhecidos pelos Estados europeus em Helsínquia.»

A QUESTÃO ANGOLANA

«2. A delegação do Conselho Mundial da Paz que esteve em Portugal, dirigida pelo Cónego Raymond Goor e por Carlos Altamirano, secretário-geral do Partido Socialista Chileno, veio ao nosso país numa visita de amizade e solidariedade para com o povo português e o seu direito a seguir um caminho próprio e independente para a democracia e o progresso social, sem ingerências nem pressões económicas e políticas do imperialismo. Foi no plano desses princípios que se colocaram as declarações da delegação durante a sua estadia em Portugal (independentemente da interpretação dada, num ou noutro caso, por algum órgão da comunicaçao social). A delegação do Conselho Mundial da Paz particularizou a sua posição numa única questão política: a do reconhecimento da independência de Angola em 11 de Novembro pela transmissão do Poder ao M. P. L. A. único movimento de libertação autêntico do povo angolano. A delegação do C. M. P. pronunciou-se sobre esta questão precisamente porque ela não é um problema interno português. Não se tratou pois de uma «ingerência nos assuntos internos de Portugal» porque o direito do povo angolano à independência real e completa nunca foi e muito menos é hoje um problema interno de Portugal mas antes uma responsabilidade do povo e do Estado portugueses para com o povo de Angola e os povos do Mundo. Ao exprimirem francamente a posição da opinião progressista mundial, os delegados do Conselho Mundial da Paz conduziram-se afinal como amigos leais do povo português — disse o sr. Primeiro-Ministro na sua mensagem à sessão do Teatro S. Luis — e foram por isso recebidos com a maior cordialidade e interesse pelas principais autoridades políticas e militares do país a quem reiteramos o nosso reconhecimento.

Ao prestar este esclarecimento, o Secretariado do Conselho Português para a Paz e Cooperação, que conta com a colaboração unitária de portugueses dos mais diversos horizontes políticos e espirituais, não pretende intervir em qualquer polémica partidária, mas pelo contrário contribuir para o entendimento e a unidade urgentes entre todos os homens e mulheres patriotas deste país, que aspiram à independência nacional e à independência de todos os povos, a uma democracia progressista e a uma vida melhor, à paz interna e externa cada vez mais necessárias e prementes.»

O MÁRMORE EM TEMPO DE CRISE

QUE FAZER ÀS "MELHO PEDRAS DO

Abrangendo os concelhos de Estremoz, Borba e Vila Viçosa, numa área onde a terra se identifica por uma tonalidade de castanho vivo, estendem-se veios de mármores e granitos. Dizem os entendidos na metéria que as pedras extraídas do subsolo alentejano são das melhores do mundo. A indústria extractiva do sector dos mármores encontra-se, porém, numa situação caótica — uma situação em que os trabalhadores (cerca de quatro mil) não têm culpa nenhuma. Pelo contrário: podemos imputar a responsabilidade da crise aqueles que sempre os exploraram. Os trabalhadores aguentaram frio e chuva no rigor dos Invernos sucessivos. Debaixo de sóis abrasadores arrancaram toneladas de pedra. E os salários mantinham-se baixos. Sujeitos a acidentes, sem condições preventivas, foram sobrevivendo anos e anos.

Agora os blocos amontoam-se. A exportação para o estrangeiro desceu consideravelmente. Quanto ao consumo interno, podemos acrescentar que é praticamente nulo pois grande parte do mármore era empregue na construção civil. Sector este em crise, também. Visitámos algumas pedreiras. Na maioria delas os operários debatem-se com graves problemas. José Rilhas Nunes, delegado da empresa Marmo declarou:

. «Os 194 trabalhadores da Marmo deliberaram em plenário entregar às Forças Armadas a gerência da empresa por não receberem ordenado há quatro meses. Saneámos a entidade patronal, demos conhecimento do facto ao Ministério da Indústria e ainda não obtivemos qualquer resposta. Entretanto carecemos de uma gerência à altura capaz de tratar dos negócios com o estrangeiro. As pedreiras estão em belíssimas condições. Todas a produzir. Mas não podemos dar escoamento ao produto.»

. .Segundo nos informou José Rilhas a Marmo deve às companhias de seguros mil e tal contos e à Caixa de Previdência cerca de quatro mil. Este é um caso.

. .A Comissão de Trabalhadores da firma António Jesus, Lda., de Estremoz, apresenta uma questão muito oportuna. Perguntam ao Governo:

«A entidade patronal andava com os ordenados em atraso. Fomos obrigados a ir para a autogestão. A firma chegou a dever a cada operário a importância de 9 mil escudos. Depois de muitas instâncias lá foram liquidando as dívidas. Quando pedíamos o dinheiro os patrões respondiam que não tinham. Agora andam a compra pedra de pedreira em pedreira para vender ao estrangeiro. Gostaríamos de perguntar quem é que emprestou dinheiro a esses senhores para comprarem a pedra?

. .Os porta-vozes, Manuel Inácio Cordeiro e José Francisco Velez, da Comissão de Trabalhadores da firma citada, através do nosso jornal dirigem um apelo aos camponeses: «Que todos unidos vamos acabar com a exploração do homem pelo homem».

«O que são quatro metros cúbicos?»

ORES MUNDO"?

..Em contraste com a esmagadora maioria das empresas dos mármores daquela zona do Alto Alentejo, a Lusa-Belga está a laborar normalmente. Sem dificuldades. Há uma explicação clara para o fenómeno. Que coincide com o facto da Luso-Belga ser das empresas mais bem apetrechadas. Possui toda a espécie de maquinaria moderna e uma boa rede de comercialização. E, consequentemente, produz cerca de quatro metros cúbicos — homem — mês enquanto as outras mal se detêm nos dois e picos. Com esforço atingem os dois e meio.

O MÁRMORE NÃO É UM LUXO

«Os jazigos não permitem um aproveitamento total do mármore devido às fracturas. No entanto os nossos mármores são dos melhores do mundo, independentemente das fracturas, o que se traduz num certo desperdício, e de não manterem uma uniformidade tipo. Alteram constantemente quanto ao aspecto do veio. E isso desvaloriza o mármore. É certo que produzimos 4 metros cúbicos. Mas o que é isso comparado com a Geórgia onde atingem entre 15 e 20 metros cúbicos?» Disse-nos Bernardo José Simões, da Luso-Belga.

A propósito da rentabilidade da indústria dos mármores, o nosso interlocutor acrescentou:

«A rentabilidade depende da qualidade do material. Claro que os materiais de terceira o ou quarta ordem não compensam a exploração. Em cada metro cúbico para exportação temos de produzir cinco. Exportamos cerca de 30 por cento da produção e o restante é empregue na construção civil e em trabalhos de cemitérios. Exportamos sobretudo para a Bélgica, Itália e Espanha.

Lutamos, todavia, na Bélgica com a concorrência dos países socialistas. Por exemplo na fase de construção do metropolitano belga éramos nós os principais fornecedores mas fomos batidos pela Roménia e Jugoslávia que praticam preços mais baixos. Por outro lado a exportação para Itália diminuiu quando a indústria começou a fracassar. Apesar de os italianos terem uma indústria bem montada consumiam grande parte do nosso mármore sobretudo no fabrico de móveis.

Sobre a crise que assola o sector dos mármores Bernardo Simões adiantou:

. A construção civil parou. Tínhamos aí uma enorme clientela que absorvia o material que outro mercado não aceitava por razões relacionadas com a qualidade e por ter defeitos. No IV Governo apareceu um subsecretário de Estado da Habitação que considerou que o mármore era um artigo de luxo e portanto não aplicável na construção social. Essa tese espanta-me. Admitem construções no valor superior a 9 contos o metro quadrado e ao mesmo tempo dizem que o mármore não é aplicável na construção social. Se toda a política nacional está orientada (dizem) no sentido de se comseguir criar postos de trabalho o que se vai fazer a quatro mil pessoas que trabalham na indústria dos mármores? Nós trabalhadores rejeitamos essa atitude do referido subsecretário ou de qualquer outro com a mesma posição. E teremos que tomar medidas de força. Nós e que sabemos dos nossos problemas... Como se pode chamar artigo de luxo a um produto extraído da nossa terra, transformado e colocado e colocado por portugueses. Que representa uma fonte de divisas. Não se pretendem casas com balaustres ou pesadas escadarias como as dos capitalistas mas sim habitações condignas e asseadas. O mármore aplicado nas ombreiras ou nas casas de banho não pode ser aplidado de artigo de luxo. Com a ridícula importância de 15 mil escudos de mármore por cada fogo já se resolvia o nosso problema.

Na Luso-Belga onde trabalham 300 pessoas, a percentagem de capital belga era elevado e a empresa nunca enfrentou dificuldades financeiras. Apesar do mercado interno não consumir como dantes a situação económica da firma mantém-se num certo equilíbrio. Por enquanto. Os investimentos em máquinas aumentaram mas reduziu-se a mão-de-obra. A política seguida pela Luso-Belga é tentar abrir cada vez mais pedreiras em procura da qualidade. Essa estratégia garante-lhe a exportação. E com ela a sobrevivência.

A indústria do mármore, em Portugal, nunca obedeceu a um esquema de planificação elaborado. Fazia-se, aliás como tudo (excepção à exploração dos trabalhadores) um tanto à balda. É necessário que o Ministério da Indústria proceda a um estudo de aproveitamento do subsolo no sentido da localização de jazidas, do controlo de qualidade, do cálculo de reservas. Enfim! Uma melhoria da técnica extractiva e da planificação da exploração. Seria importante incrementar a transformação do mármore que tem vindo gradualmente a ser descurada. Os «artistas» do mármore criadores de peças ornamentais têm tendência a desaparecer.

Ouvimos um operário da indústria transformadora do mármore. Coelho, delegado sindical, activista revolucionário.

AS VIGARICES DOS INDUSTRIAIS

O Governo não liga patavina aos mármores. Na minha opinião há um estudo feito pelo Regimento de Cavalaria de Estremoz que apresenta soluções bastante correctas. A construção civil quase parou. Os italianos, alemães e os americanos deixaram de comprar mármore. Apenas continuamos a ter como clientes os espanhois. E pouco mais. O boicote coincide com o aumento de salários. No entanto esse aumento nada tem a ver com a crise da indústria. Por outro lado os industriais do mármore nunca se preocuparam em procurar mercados. Os compradores é que cá vinham. Agora não vêm e o mármore fica amontoado nas pedreiras.

O Regimento de Cavalaria de Estremoz propôs que se formasse a nível dos três concelhos (Borba, Estremoz e Vila Viçosa) um gabinete estatal com um fundo de 50 mil contos que seriam para adiantar ao produtor consoante as despesas e o arranque que ele tivesse à razão de xis por metro cúbico produzido. Ao produtor em princípio seria concedido um ano para repor a pedra. Era uma medida provisória mas poderia aguentar o sector.»

O delegado sindical Coelho atribui uma vasta quota parte das culpas da crise do sector aos industriais da zona. Que não investiam capital em máquinas. Que não se interessavam na formção do pessoal.

. Que eram acima de tudo comerciantes sem visão do futuro. A mira deles apontava para o lucro imediato. Nem sequer o espírito requintado do verdadeiro capitalista tinham...

«Até o próprio processo de arranque era mal explorado. Baseava-se nos tiros de pólvora o que estragava os mármores. Por outro lado não havia um preço único para a pedra. Cada um fazia o seu preço. Também destruiram os mercados no estrangeiro com as vigarices que fizeram. Aconteceu variadíssimas vezes os italianos escolherem determinados blocos de uma qualidade e os industriais mandavam-lhes outros com as mesmas medidas mas de qualidade inferior. Pelo mesmo preço, evidentemente. Chegavam lá os blocos e os italianos não os aceitavam. Nos portos italianos existem ainda carregamentos dessas pedras recusadas.

Mas não ficavam por aqui em matéria de trafulhice. Havia firmas que tinham sucursais em Espanha e na Bélgica. Exportavam daqui para essas firmas a um preço inferior ao do mercado interno. Esses armazéns vendiam aos clientes por um preço muito superior roubando-nos divisas pois a diferença ficava no estrangeiro e não no nosso país. Os industriais nunca se preocuparam em trabalhar aqui a pedra. Vendiam-na em bruto. Isso deu origem a que a arte de canteiro esteja a acabar. Depois... havia ainda os parasitas que viviam à custa dos mármores. Nessa categoria integram-se os donos das terras que tinham oliveiras e recebiam 500 ou 600 escudos por cada metro cúbico de pedra arrancado. Esses tipos não produziam nada. Tudo isso ajudava a encarecer o produto. Havia também os intermediários que compravam pedra numa pedreira a dois contos o metro cúbico e vendiam-na no mesmo sítio sem sequer tirar de lá por três ou quatro contos».

Os trabalhadores dos mármores sempre se caracterizaram por uma elevada consciência de classe. Foram célebres as greves de Pero Pinheiro ocorridas em pleno fascismo que desafiaram uma forte repressão policial. No concelho de Vila Viçosa a aldeia de Bengatel onde quase a totalidade da população trabalha nas pedreiras, é considerada uma terra «vermelha». Há nos trabalhadores da indústria de mármores e granitos do Alentejo um enorme potencial revolucionário. Essa consciência política radicou-se sobretudo nos operários da extracção. E compreende-se porquê. Aliás, Coelho, explica que «se torna mais difícil penetrar nos operários da transformação porque sempre receberam melhores salários e dedicam-se a um trabalho individual enquanto os operários da indústria extractiva trabalham em equipa». A dureza do trabalho também determina a consciência política. A revolta. A raiva.

«Quando fomos para a greve por causa do contrato colectivo de trabalho os meus camaradas das oficinas hesitaram. Alguns deles nem queriam aderir. Arrancámos em comboios especiais e camionetas para uma manifestação em Lisboa. O pessoal das pedreiras partiu em massa. Quanto ao pessoal das oficinas já não foi bem assim...»

Num encontro decorrido em Abril deste ano onde compareceram perto de 1500 operários dos mármores aprovou-se: que fossem postas em prática medidas governamentais de emergência, assim como a formação de cooperativas dirigidas pelos trabalhadores; que se procedesse a uma comercialização canalizada por uma empresa pública de todo a assegurar a liquidação dos intermediários; que se criassem comissões com vista à fiscalização de segurança no trabalho a fim de eliminar os acidentes, um seguro contra acidentes de trabalho, instalações higiénicas tais como balneários e refeitórios, devidamente aprovados por um serviço de saúde.

Entretanto a crise continua. E a luta também.

LOURDES FÉRIA

«O Governo não liga patavina aos mármores!»

Geral

Rudi, o ferroviário

Rudi Roeder, maquinista ferroviário, foi ameaçado de despedimento por ser militante do Partido Comunista Federal Alemão (KPD). Roeder, que pediu a transferência para Nuremberga, já foi chamado quatro vezes pelos seus patrões deste que apresentou esse requerimento. Os patrões acusam-no de ter sido candidato do DKP em diversas eleições regionais na Baviera e de ter participado em várias reuniões políticas na Alemanha de Leste.

Se Roeder for despedido, será mais uma vítima da lei contra a admissão de «extremistas» na função pública, lei ao abrigo da qual já foram afastadas dos seus lugares 300 pessoas, sobretudo no sector do ensino.

Não fosse a referência à Alemanha do Leste, o leitor seria levado a crer que estaríamos a dar uma notícia dos anos 30, quando Hitler desencadeava uma luta sem quartel contra os «vermelhos».

A verdade, porém, é que isto se passa, neste mês de Novembro de 1975, na República Federal Alemã. País de Governo social-democrata, muito atento ao respeito pelas liberdades e direitos da pessoa humana. País, que muito se distinguiu na sanha contra a revolução portuguesa, nos tempos em que esta traçava outros rumos, que não os de agora.

Os rumos de agora «pausa para digestão», segundo uns, regresso ao 24 de Abril, segundo outros — são mais do agrado dos amantes da «liberdade», que não consentem comunistas na função pública.

O telegrama da France Press, que nos dá esta significativa notícia, não conta se os advogados sociais-democratas da Alemanha Federal vão envergar a toga e defender estas vítimas da «liberdade».

Esperemos que sim. Não devem os alemães ficar atrás dos portugueses. Cá os nossos já prometeram que vão defender os comunistas presos, se isto virar.

A. N.

ANTÓNIO BROTAS NA TV

Mais que um problema de linguagem...

O engenheiro António Brotas, secretário de Estado do Ensino Superior e Investigação Científica, veio no sábado, através dos écrans da Televisão explicar ao País, numa perspectiva histórica, os problemas mais candentes do Ensino Superior.

Se muito do que se passa no ensino está suspenso da «habitual» herança do fascismo (houve «um povo que não teve auxílio das suas elites, mas elites responsáveis») por outro lado, regista-se um maior acesso de jovens a Universidade.

António Brotas, que no início da sua comunicação dispensou o clássico papel, referenciou com preocupação o desemprego que grassa entre os jovens e relembrou que há 20 ou 30 anos a Universidade era antiquada. Textualmente: «Os estudantes eram obrigados a trabalhar muito».

Numa linguagem em que se define ainda uma democratização da escola através de uma qualidade técnica do ensino e se esquece o papel fundamental da Universidade como veículo de uma ideologia, António Brotas, foi peremptório em afirmar: «O regime anterior corrompeu a Universidade burguesa. O regime acabou por ceder nos seus próprios critérios». E subitamente, como se houvesse confusão entre regime e Governo Provisório salientou as facilidades concedidas exemplificando-as com passagens administrativas. Insistindo na qualidade de ensino afirmou o secretário de Estado do Ensino Superior e Investigação Científica: «Há lugares que vão ser ocupados por esses falsos profissionais».

A Imprensa foi outro dos instrumentos sociais de utilidade social a que o engenheiro Brotas haveria de minosear com reticências e éticas. Há uma burguesia reinvidicativa que aparece nos jornais, uma maior atenção prestada às manifestações que aos verdadeiros problemas do ensino. Estas algumas das acusações feitas pelo secretário de Estado do Ensino Superior à Imprensa.

No entanto, do que se esqueceu (e que os jornais não esqueceram) o engenheiro Brotas? Vejamos: a participação dos sindicatos no goveno das Universidades, o problema dos trabalhadores-estudantes que não chega sequer a ser abordado, a criação de uma Universidade aberta que é silenciada nas palavras de um dos responsáveis do M.E.I.C., a situação real dos Institutos Industriais, a reestruturação do estatuto de docente, o ano vestibular (serviço cívico e cadeiras propedêuticas) embora o S.C.E. chegasse ate ao telespectador nas palavras do engenheiro Brotas mas como uma crítica à cobertura que dele fizeram os jornais. Três pontos foram esquecidos, portanto, na comunicação do engenheiro Brotas que os jornais deram um particular destaque: Universidade aberta, sindicatos na Universidade, problema dos trabalhadores-estudantes já deram, por exemplo, primeira página no «DL», já foram por exemplo motivo de longa entrevista com o dr. António Hespanha, ex-director-geral do Ensino Superior, além de três textos do mesmo sobre herança do V Governo em matéria de Educação. De novo, que nos deu até hoje a Secretaria dirigida pelo engenheiro Brotas? perguntamos.

R.R.

AULAS ADIADAS NA ESCOLA FERNÃO LOPES

O início das aulas na Escola Preparatória Fernão Lopes, previsto para amanhã, foi adiado para a próxima segunda-feira, conforme indicação dos órgãos de gestão. Esta medida prende-se com a necessidade de levar a cabo obras de adaptação no edifício onde a escola se acha instalada.

Tribuna de Imprensa

Sionismo e imperialismo

O sionismo, organização politico-ecnómica dos judeus, é e sempre foi um dos pilares do capitalismo mundial, e tem uma força verdadeiramente gigantesca que a muita gente passa despercebida.

Foi durante a minha longa estadia na Polónia, país de grande concentração judaica, que comecei a penetrar num dos maiores enigmas da História: o do povo judeu, que, deurante seculos, conseguiu manter a sua identidade, embora vivendo sempre entre outros povos, apesar das perseguições e matanças de que foi alvo. Esses condicionalismos históricos criaram certas características psicológicas no israelita: agressividade, desconfiança, vontade de vencer, de subir, de dominar, e grande coesão nacional. Uma família de judeus pode viver 300 ou 400 anos num país, mas será sempre e antes de tudo, pelo judaismo, embora essas pessoas tenham nacionalidade e se digam, por exemplo, russas, francesas ou brasileiras... Claro que há sempre as raras excepções, os que se afastam definitivamente das rígidas leis e do fascismo mosaico.

Desde a Idade Média que os judeus ficaram indissoluvelmente ligados ao dinheiro, pois era então interditado aos cristãos, pelas leis canónicas, o exercício de actividades comerciais e pecuniárias, consideradas pela Igreja coisas sujas e só para infiéis... Foi assim que as primeiras fortunas e os primeiros bancos pertenceram a família de fé mosaica. E como o dinheiro chama dinheiro, hoje muitos dos magnatas da finança europeia e americana são judeus. O homem mais rico de França, o barão de Rothschild, é judeu e um dos chefes da organização sionista francesa. Um dos seus antigos empregados bancários foi presidente. Pompidou. E Dassault, o dono das fábricas de aviões Mirage, os aviões que defendem Israel, tambem é judeu. E o mesmo para a actual ministro da Saúde de França. Na União Sul Africana, o homem mais rico é o sr. Openheimmer, judeu e dono das minas de ouro e diamantes, onde trabalha meio milhão de mineiros negros. A grande firma Phillips, multincional com sede na Holanda, é propriedade de uma família de judeus. E a firma inglesa Singer, idem, aspas. E nos EE. UU. o maganta Rockfeller? E o sr. Kissinger? A lista podia prolongar-se, mas mesmo assim ficariam muitos por descobrir, nessa enorme e tenebrosa teia de interesses económicos que, infelizmente, dirige grande parte do mundo...

Esse poderio incalculável no campo económico dá ao sinoismo, como corolário, grande poder sobre os meios de comunicação de massa e, portanto, sobre a formação da opinião pública mundial. São propriedade de judeus grande parte dos maiores jornais do mundo («Guardian», «O Estado de São Paulo», «New York Times», etc.), das revistas («Manchete», «Time», «L'Express», etc.), das agências de notícias (Reuter), das editoras de livros, das estações de rádio e televisão (cadeia Tupi de televisão), das firmas produtoras de filmes (Metro, Fox, Columbia, etc), etc.

Durante a Idade Média todo o cristão que fosse apanhado a exercer a medicina ou a fazer experiências químicas era imediatamente acusado de bruxaria e queimado na fogueira pela Santa Inquisição. Esse facto ajudou os judeus, que, assim, puderam livremente dedicar-se à investigação científica, medicina, etc.

E como sempre foi, e continua a ser em boa parte do mundo de hoje, estuda quem tem dinheiro para pagar os estudos, são dedeus muitos jornalistas, escritores, músicos, artistas, cientistas, médicos, engenheiros e outras de profissões intelectuais. Um operário judeu é uma raridade...

As comunidades mosaicas estão espalhadas um pouco por todo o mundo, mas há países onde elas têm uma influência muito grande principalmente na zona do chamado «mundo livre» como sejam a Holanda, Inglaterra, Suécia, França, Brasil, Argentina, União Sul-Africana, e EE. UU. No Brasil o domínio da economia e dos meios de comunicação de massas é quase total e em estreita ligação com os «irmãos» dos EE. UU. A comissão sueca atribuidora dos prémios Nobel tem sido acusada de estar sob a influência dos sionistas, pois apresta-se a dar prémios a escritores só por serem judeus e anti-socialistas. Lembremo-nos, também, que durante a última confrontação israelo-árabe, o primeiro país pró-sionista a ficar sem petróleo foi a Holanda, sede da gigantesca Shell...

Dos 40 milhões de mortos na última Grande Guerra 6 milhões eram judeus, na maioria queimados nos campos de concentração nazista. Durante certo tempo, sionistas e comunistas estiveram unidos na luta contra o inimigo comum: o nazi-fascismo. Daí ter havido nos países socialistas, muitos judeus inscritos nos partidos comunistas, o que ocasionou mais tarde, grandes problemas aos sionistas colocados em posições altas nas estruturas governamentais, principalmente a partir do dia em que a U. R. S. S., passou, decididamente, a apoiar a luta dos palestinianos contra o imperialismo e o Estado de Israel. Estes factos podem explicar o que anda por detrás de muitos acontecimentos, como por exemplo, a agitação que houve em Varsóvia em Março de 1968. Notemos também que a grande maioria dos tão apregoados «dissidentes» soviéticos são judeus, como é o caso de Alexandre Soljenitsine, Pasternak, Yuri Daniel, Sinyavski e muitos outros, cuja «luta» é difundida aos quatro ventos pela tal imprensa «livre»...

Esses núcleos de judeus da Europa do Leste, muito importantes antes da 2.ª Guerra Mundial (uns 15 milhões de pessoas) e agora bastante reduzidos devido à emigração para os EE. UU., Brasil e Israel, localizavam-se principalmente na Polónia, Ucrânia, Bessarábia (Roménia) e Lituânia. É curioso notar que imprensa mundial sionista faz grande alarido, dizendo que o Governo da U. R. S. S. não permite a saída de judeus para Israel, mas não explica que essas dificuldades são superadas, caso o emigrante pague os estudos que tirou nas óptimas escolas superiores da U. R. S. S... Conheci até dois desses «patriotas» que passaram dois ou três meses no «paraíso» de Israel e que logo embarcaram para o Brasil e EE. UU... Claro que «fugiram» da U. R. S. S., mas depois «emigraram». (como costumam escrever) para os EE. UU.

. Fronteira é o nome de uma editora jovem, dirigida por Serafim Ferreira, e que está a publicar duas colecções «Prática Política» e «Revolução», cujos títulos são, em si mesmos, um programa. A revolução tem de abrir trincheiras em todas as frentes: os esforços editoriais que nesse sentido se façam só podem merecer o nosso louvor. No caso de que estamos a falar, saliente-se igualmente o preço relativamente acessível — 40$00 — destes livros, condição indispensável para que o esforço de divulgação atinja os seus fins. Dois livros «A Comuna de Paris» e «Fazer a Revolução», publicados pela Fronteira, respectivamente nas colecções «Prática Política» e «Revolução», são hoje referenciados nestas colunas.

«A COMUNA DE PARIS»

Quer sejam anões atarracados, quer tenham uma narigão mentiroso, quer disponham de potentes nádegas, os dirigentes burgueses reagem sempre com o mesmo pânico ante o avanço do proletariado. Num anão atarracado — Thiers, de sua graça — é a personagem — símbolo da burguesia, cujo retrato nos foi dado por um contemporâneo sem paralelo possível com o personagem: Karl Marx. Thiers foi o primeiro Pinochet da história humana. Por uma razão óbvia: foi o primeiro dirigente burguês a enfrentar um estado proletário — a Comuna de Paris.

O que foram esses dois meses de poder proletário em Paris, o banquete de vampiros que se lhe seguiu, quando a burguesia nacional, aliada às forças alemãs invasoras, esmagou a primeira revolução proletária da história — tudo nos é contado por Karl Marx. A sua visão científica dos acontecimentos não impede que a emoção nele despertada nos seja transmitida. E, com ele, sentimo-nos a odiar os «Amigos da Ordem» «legítimos herdeiros do antigo senhor feudal para quem todas as armas eram boas contra os plebeus, enquanto nas mãos destes qualquer arma constituia, só por si, um crime». Como ele, sentimos profunda admiração por essa «Paris que trabalhava e pensava, lutava e dava o seu sangue». Como ele previa, «a Paris dos operários, com a sua Comuna, será eternamente enaltecida como marco glorioso de uma nova sociedade».

Vinte anos depois dos acontecimentos, Friedrich Engels escreveu também sobre a Comuna de Paris. Neste livro temos o texto da Introdução que Engels fez à «História da Guerra Civil de França». Este texto e os dois de Lenine, que se reúnem também neste livro, sao peças fundamentais para a compreensão não apenas da Comuna de Paris, mas de todas as revoluções proletárias. Das que tiveram êxito. E das que ameaçam soçobrar sob a bota dos continuadores de Thiers.

«FAZER A REVOLUÇÃO»

«De olhos nos olhos» fala Fidel com o seu povo. As palavras são claras e inequívocas. Branco no branco, preto no preto, ou revolucionário no revolucionário, contra-revolucionário no contra-revolucionário — assim fala o dirigente cubano, quer perante os que, com ele, edificam uma civilização nova em Cuba, quer perante as assembleias internacionais. Não tem nada a esconder. Não tem golpes a ocultar. Utiliza estatísticas, pede desculpas pela aridez dos números e nunca cede a tentações poéticas nem a bravatas demagógicas.

Fidel, como todos os autênticos revolucionários, não alia a mentira à política. Ele sabe que o povo cubano está pronto a todos os sacrifícios, disposto a todos os combates para salvar a revolução. O povo cubano sabe que todas as promessas de Fidel têm sido e continuarão a ser cumpridas. É nesta base que se constrói a disciplina revolucionária em Cuba. Nesse país latino-americano, o primeiro território livre das Américas, onde se erigiu um regime socialista, que, nada tendo a esconder, dispensa quaisquer outras palavras para se definir.

Coordenados e traduzidos por Serafim Ferreira, coligidos num livro «Fazer a Revolução», da colecção «Caminho do Socialismo», têm os leitores portugueses oportunidade de ler seis discursos de Fidel, a carta do «Che» ao seu companheiro de armas, e uma cronologia da revolução cubana. Quatro páginas «hors-texte» com documentação fotográfica acompanham este livro.

Deixamos propositadamente para o fim outra importante particularidade deste livro: o discurso que Otelo Saraiva de Carvalho fez em Cuba, e a resposta que Fidel lhe deu.

Otelo disse no final do seu discurso: «Somos irmãos no combate e seremos irmãos na liberdade».

Fidel replicou, a dada altura: «Quando se fala como falou o general Otelo Saraiva de Carvalho, quando os homens falam assim e actuam assim, sem medo, sem hesitações, sem se atemorizarem diante dos grandes obstáculos, pode dizer-se que o movimento revolucionário está assegurado».

Fidel sabe. Nunca teve medo. Nunca hesitou. Nunca se atemorizou diante dos grandes obstáculos.

«A Comuna de Paris» — autores: Marx, Engels, Lenine; Selecção e tradução de: Serafim Ferreira; Capa de Alfredo Martins. Editora: Fronteira. Colecção: Prática Política. Número de páginas: 115 (com 9 fls de ilustrações «hors-texte). Impresso em Setembro de 1975. Preço de capa: 40$00.

«Fazer a Revolução» — autores: Fidel Castro, «Che» Guevara, Otelo Saraiva de Carvalho. Coordenação e tradução de Serafim Ferreira. Capa de Gil Perdigão. Editora: Fronteira. Colecção: Revolução. Número de páginas: 105 (com 4 fls de ilustrações «hors-texte). Impresso em Setembro de 1975. Preço de capa: 40$00.

Estrangeiro

CANCELADA A "MARCHA DA PAZ"

A Espanha disposta a entregar o Sara às Nações Unidas

. MADRID, 10 — (R) — A Espanha parece disposta a entregar a administração do Sara Espanhol às Nações Unidas devendo realizar-se negociações com Marrocos, a Argélia e a Mauritânia para chegar a um acordo sobre o seu futuro.

Fontes governamentais declararam ontem que Madrid estava disposta a colocar as suas tropas sob o comando das Nações Unidas enquanto o organismo mundial administrava a colónia durante seis meses.

A posição espanhola foi fortalecida ontem pela declaração do rei Hassan de Marrocos de que ia cancelar a «marcha da paz» sobre o território do deserto.

Observadores nesta cidade disseram que ao declarar aos caminhantes que tinham «atingido os resultados previstos e alcançado o objectivo desejado», o rei Hassan indicou uma disposição de entrar em conversações sérias.

Fontes governamentais declararam que a Espanha informou o soberano que as tropas espanholas abririam fogo sobre os caminhantes se estes avançassem mais profundamente no território ou abandonariam a colónia a menos que as Nações Unidas agissem rapidamente para assumir o seu controlo temporariamente.

De qualquer das maneiras disseram as referidas fontes — o rei Hassan ficaria perante um possível derramamento de sangue — lutando com o Exército espanhol ou com a Argélia que afirmou que lutaria para impedir que Marrocos tomasse o território.

A Rádio estatal espanhola saudou com agrado a decisão tomada pelo rei de Marrocos de mandar retirar os «caminheiros da paz» do Sara espanhol, classificando-a de manifestação de responsabilidade do monarca para com o seu povo e respeito para com a Espanha.

«Reduz grandemente a tensão criada pela marcha» — anunciou a Rádio, segundo a qual a Espanha teve o gesto amistoso de permitir aos participantes alcançar o seu objectivo de entrar no Sara.

«Nenhuma vida humana se perdeu devido à prudência de ambos os lados — disciplina entre os caminheiros e frieza entre as tropas espanholas» — acrescentou. «O Exército espanhol manteve intacto o seu prestígio e honra. Estão ainda ao alcance soluções justas e imparciais para salvaguardar os interesses de todas as partes».

RETIRADA

MADRID, 10 — (R.) — Os «caminheiros da paz» de Marrocos iniciaram hoje às 9 e 30 horas (de Lisboa) a sua retirada do dispurado território do Sara Ocidental administrado pela Espanha, — anunciou de El Aaiun, capital sariana, uma agência noticiosa espanhola.

MAO PERDEU FACULDADES
—afirma a "Newsweek"

NOVA IORQUE, 10 — (FP) — O presidente Mao Tsé-tung perdeu quase a totalidade das faculdades de elocução, gozando no entanto, de todas as suas faculdades mentais — afirma o semanário «Newsweek» na sua última edição.

Quando se avista com personalidades estrangeiras, o presidente da República Popular da China rodeia-se de três assistentes que lêem as suas palavras pelo movimento dos lábios e traduzem-nas aos seus interlocutores — esclarece a «Newsweek».

Durante a sua recente entrevista com o chanceler Helmut Schmidt da Alemanha Federal, o presidente Mao gracejou por várias vezes a propósito da actividade de Henry Kissinger, tendo dito que o secretário de Estado norte-americano tenta fazer muita coisa «como se quisesse apanhar dez pulgas com os seus dez dedos».

Ainda segundo a «Newsweek», «não se tratou do problema da saúde do primeiro-ministro Chu En-lai quando da estadia na China do chanceler Schmidt. Contudo, a simples evocação do nome do primeiro-ministro fez chorar uma das intérpretes do presidente Mao. Segundo certos rumores, Chu En-lai sofreria de um cancro particularmente doloroso.

Vinte e sete raptos na capital libanesa

BEIRUTE, 10 (ANOP) — Milícias libanesas muçulmanas e cristãs, no sexto dia de tréguas, ergueram ontem nos arredores de Beirute uma série de barragens, tendo sido raptadas 27 pessoas de ambas as partes.

Os muçulmanos raptaram 16 pessoas no subúrbio de Mazraa, tendo os falangistas em resposta raptado 11 muçulmanos no bairro do porto de Beirute.

Chegou entretanto ontem a Beirute uma delegação do Vaticano chefiada pelo cardeal Paulo Bertoli, que procurará também contribuir para a consolidação da paz entre as facções rivais.

UM RIM ARTIFICIAL MANTEM FRANCO VIVO

. MADRID, 10 — (R) — O general Francisco Franco estava hoje ainda a lutar contra a morte, três dias após uma operação para lhe tirar dois terços do estômago bem como 11 úlceras hemorrágicas.

O último boletim emitido pela equipa de médicos do general, agora perfazendo um total de 25, dizia a noite passada que os seus sintomas vitais permaneciam inalterados, a inflamação de veias na sua coxa esquerda — juntamente com coágulos sanguíneos — estava estabilizada e o seu estado cardíaco era normal.

Além de uma série de outras doenças e complicações, o general de 82 anos de idade sofreu quatro ataques cardíacos — classificados como «insuficiências coronárias» — desde 21 de Outubro passado.

Fontes médicas disseram que ele estava a sofrer também de um enfraquecimento nos rins, e que um rim artificial estava a ser utilizado para o manter com vida.

PREVISÕES DE TIERNO GALVAN

HAMBURGO, 10 — (ANOP) — Enrique Tierno Galvan, dirigente do Partido Socialista Popular (P.S.P.) espanhol, previu em entrevista publicada ontem na revista alemã «Der Spiegel», que «não haverá uma alteração real no sistema» quando o generalíssimo Franco morrer.

Galvan, cujo partido faz parte da Junta Democrática Espanhola conjuntamente com o Partido Comunista, de Santiago Carrillo, acrescentou que o ano após a morte de Franco será um ano de inquietação, protestos e exigências sociais, um ano em que todos os tipos de pessoas desembainharão as suas espadas».

O advogado, de 57 anos, afirmou que «em Portugal foram cometidos sérios erros que não se repetirão em Espanha: depois do 25 de Abril, Portugal ficou sem uma direita e nenhum organismo político no Ocidente pode passar sem a direita».

A propósito do regime franquista, Tierno Galvan declarou: «Esta ditadura aproxima-se do fim. Não poderá continuar por muito tempo... Sabemos que o fruto cairá. Sabemos que está maduro e auxiliá-lo-emos a cair».

Juan Carlos — disse o dirigente oposicionista espanhol — terá de escolher entre ser Caetano ou Karamanlis. «Aconselhá-lo-ia a ser o último».

«Existem na realidade indicações de que nada mudará de imediato... Penso que, enquanto não houver agitação, os militares manterão uma neutralidade que tornará as alterações possíveis» — disse ainda Tierno Galvan.

Interrogado sobre o seu acordo com o partido de Carrillo, o chefe do P.S.P. disse que aquele possui uma compreensão europeia e uma tendência marcadamente nacionalista.

«Sentem como nós: estão tão longe de Moscovo como dos Estados Unidos» — concluiu Tierno Galvan.

Presos políticos na Rodésia

. LONDRES, 10 (ANOP) — A Amnistia Internacional pediu ao primeiro-ministro rodesiano Ian Smith que liberte amanhã todos os prisioneiros políticos por ocasião do décimo aniversário da declaração unilateral da independência da Rodésia.

Martin Ennals, secretário-geral desta organização independente que luta pelos direitos do homem e cuja actividade é sobretudo orientada para a libertação de presos políticos, declarou que se verificou no corrente ano na Rodésia um forte incremento no número de pessoas detidas sem julgamento.

Ennals acrescentou que o número de presos por motivos políticos na Rodésia ascende a mais de 600.

"Pouco provável" este ano a cimeira Ford-Brejnev

..WASHINGTON, 10 — (ANOP) — O presidente norte-americano, Gerald Ford, afirmou ontem em entrevista à estação de televisão NBC, que se têm registado tão poucos progressos nas conversações sobre limitação de armas estratégicas «que é pouco provável» a realização este ano de uma confrência cimeira com o secretário-geral do Partido Comunista da União Soviética, Leonid Brejnev.

..Ford disse no entanto que as conversações SALT prosseguem, embora as suas perspectivas para este ano não sejam muito animadoras.

..O presidente norte-americano frisou contudo que prefere «um bom acordo» a um acordo medíocre completado numa data determinada.

..Segundo o chefe do Executivo norte-americano, o afastamento de James Schlesinger e James Colby deveu-se a «uma crescente tensão» na equipa encarregada da defesa nacional.

..Após confirmar a afirmação feita na passada segunda-feira quando do discurso anunciando o afastamento doś dois colaboradores de que não tinha quaisquer «argumentos filosóficos importantes» contra eles, o presidente lançou nova luz sobre o assunto dizendo que na base da sua decisão estava a tensão reinante na equipa.

..Sobre as eleições presidenciais de 1976, Ford afirmou não considerar o vice-presidente Nelson Rockefeller uma ameaça pessoal à sua candidatura, tendo-lhe este assegurado já o seu apoio.

..Na passada segunda-feira, Rockefeller, num movimento de surpresa, anunciou que não seria parceiro de Ford no próximo ano.

..O presidente norte-americano não excluiu ainda a hipótese de Donald Rumsfeld ou George Bush, substitutos de Schlesinger e Colby, concorrerem com ele às eleições, como vice-presidentes.

..Ford afirmou ainda que o país está a recuperar das «experiências traumatizantes» de Watergate, do Vietname do Sul e da crise económica, tendo o povo norte-americano reencontrado uma «nova vitalidade».

CRÍTICA SOVIÉTICA

..MOSCOVOS, 10 — (ANOP) — A agência oficial soviética Tass criticou ontem, em termos especialmente violentos, o presidente norte-americano Gerald Ford, pelo apoio manifestado por este à crescente força militar do país durante o discurso proferido na sexta-feira à noite em Boston.

..«Prestando evidentemente tributo aos partidários da tensão internacional, o presidente Ford afirmou que a força é a única fundação sólida da paz» — afirmava a Tass.

..Diversos diplomatas dizem que a tentativa de ligar o presidente norte-americano a forças de tensão foi um dos mais acesos ataques movido a Ford pela União Soviética nos últimos meses, ideia que é reforçada pelo facto de ataques do género incluirem raramente a nome do presidente dos Estados Unidos.

..As mesmas fontes afirmam ainda que a U. R. S. S. apoiou indiscutivelmente o afastamento do secretário da Defesa James Schlesinger.

Scheel visita a U.R.S.S.

. BONN, 10 — (R) — O presidente Walter Scheel partiu hoje desta cidade na primeira visita de um chefe de Estado alemão ocidental à União Soviética.

Era acompanhado pelo ministro dos Negócios Estrangeiros Hans-Dietrich Genscher, que terá discussões políticas com o ministro dos Negócios Estrangeiros soviético, Andrei Gromyko durante a visita de cinco dias.

SINDICATO NACIONAL DOS TÉCNICOS DE DESENHO

COMUNICADO

Comunica-se a todos os técnicos de desenho, na situação de desemprego e que ainda não tenham participado a sua situação ao Sindicato dos Técnicos de Desenho, que o devem fazer na sua sede em Lisboa, Av. Duque de Loulé, 126-3.º e delegação do Norte, Rua de Santa Catarina, 286-2.º Esq., no Porto, todos os dias úteis das 14 às 20 horas.

Aos colegas, na mesma situação fora dos distritos de Lisboa e Porto, devem participar por escrito à sede em Lisboa.

Lisboa, 8 de Novembro de 1975

A COMISSÃO DE DESEMPREGO

É SÓ BRONCAS!
NO
ADOQUE
grupo de teatro
(ao Martim Moniz)
Tel. 87 42 80
HOJE
Às 20.30 e 22.30 horas
A CIA DOS CARDEAIS

Magda Cardoso em
«INQUISIÇÃO»
Um extraordinário bailado!
(Não ac. men. 18 anos)

Espectáculos

Crítica de Cinema

LAURO ANTÓNIO

A ÚLTIMA GOLPADA

Título original: Thunderbolt and Lightfoot
Realização: Michael Cimino, 1974 (EUA)
Intérpretes: Clint Eastwood, Jeff Bridge, George Kennedy, etc...
Distribuição: Rank Filmes;
Estreia: Cinema S. Jorge.

Esta é a história de uma amizade entre dois marginais americanos: um fugitivo e um ladrão de automóveis, amizade que os irá conduzir a um destemido **bold up** e os acompanhará até à noite.

Heróis de tempos passados, figuras lendárias que não se adaptam às convenções modernas da vida americana **Raio** e **Pè Leve** são reminiscências de um pioneirismo ultrapassado que só sobrevivem na marginalidade. Onde acabam por ser trucidados. Esta a idéia central deste filme de estreia de Michael Cimino, um homem que tem tradição como argumentista de filmes de acção e violência.

Obra que se vê sem enfado, e por que se sente uma certa simpatia. **A Ultima Golpada** não traz contudo nenhuma novidade de vulto a somar aos inúmeros exemplos deste género de películas. Apenas um exercício de estilo escorreito e a amizade que se ressalva. O que não é mau, mas é pouco.

A EVITAR

A evitar são os cinco títulos que se seguem de uma estupidez e inutilidade total: : **Júlia e os Homens**, de Sigi Rothemund, com Sylvia (Emmanuelle) Kristel e Terry (Casta Susana) Torday, é um «porno» dos mais imbecis que imaginar se possa.

A dupla Alain Delon e Mireille Darc está presente em dois títulos, ambos de indigência manifesta: **Os Seios de Gelo**, de George Lautne (cada vez mais longe do brilho da sua carreira inicial) e **Madly, a Outra Mulher**, de Roger Kahane (uma aventura a três para consumo da burguesia).

Ainda **sexy** mas já aventurosa é **Isabella, Duquesa do Diabo**, com Brigitte Skay e Minno Palmara (uma aventura do estilo «A Espada e a Rosa», esta desflorada com ardor...). Policial banal e tristonho é **A Trama**, uma aventura do televisivo **Callan**, dirigida por Don Sharp, com Edward Woodward e Eric Porter

Festival de Outono

. De 8 a 16: uma semana chamada Grande Festival Popular de Outono. Organizado pelo Comité Local de Lisboa do Partido Comunista Português, este Festival tem um programa que preenche todas as noites situadas entre estas duas datas-limite e que vai desde Teatro a sessões de Canto, Poesia, etc. Do elenco que passará pelo Mercado do Povo constam, entre outros, os nomes de Ary dos Santos, Adriano Correia de Oliveira, José Afonso, José Jorge Letria, Intróito, Armando Caldas, Samuel, José Viana, etc.

motor revista

UM MÚSICO NA REVOLUÇÃO(2)

POR UMA ARTE DE MASSAS

Trata-se de colocar agora a questão de saber como deveria exercer-se essa influência, para que não se cometessem erros, para que os benefícios em relação à arte fossem reais e cada vez mais amplos, para que a tarefa da educação das grandes massas populares através da cultura e da arte fosse efectivamente coroada de êxito. O grande poeta e militante comunista Maiakovsky, no apogeu da glória quando Chostakovitch, com a 1.ª sinfonia, ascendeu por sua vez ao primeiro plano da música soviética, revela-nos claramente em alguns dos seus ensaios o tipo de problemas que então preocupavam os jovens artistas revolucionários e lhes suscitavam fecundas interrogações. A perspectiva de Maiakovsky é, evidentemente, a do escritor, mas pode generalizar-se a qualquer manifestação artística:

. «Diz-se: Não temos necessidade de uma arte só para alguns nem de livros para poucos leitores.

Sim ou não?

. Sim e não. Se um livro se destina apenas a uns tantos e para seu exclusivo consumo e se, além disso, não tem qualquer outra finalidade, é sem dúvida alguma inútil (...).

Mas se um livro se dirige a alguns da mesma maneira que a energia da barragem do Volkstoi — isto é: da energia que se transmite a umas tantas substações e depois é por estas redistribuída **já transformada em corrente eléctrica** — nesse caso o livro é sem dúvida alguma útil.»

Noutro passo:

«A arte soviética, proletária, autêntica, deve ser compreendida pelas massas. Sim ou não?

Sim e não.

Sim, mas com a correcção do tempo e da propaganda. A arte não nasce arte de massas; sê-lo-á através de muito esforço: análise crítica, para determinar se a sua utilidade é permanente e efectiva: difusão organizada pelo Partido e pelo Governo, nos casos em que essa utilidade seja evidente; oportunidade na difusão do livro entre as massas; correspondência entre o assunto abordado no livro e o seu grau de maturação entre as massas. Quanto melhor é um livro tanto melhor prevê os acontecimentos.»

Nem todos os artistas davam às interrogações de Maiakovsky as mesmas respostas que aqui lhes dá o poeta futurista de a «A núvem de calças». No campo da música, por exemplo, manifestavam-se na arte soviética dos anos vinte duas tendências antagónicas, que tomaram corpo em associações autónomas. Assim, constituiram-se a **Associação Russa dos Músicos Proletários** e a **Associação de Música Contemporânea**, a primeira enfermando, a bem dizer de um desvio de esquerda, e a segunda, de um desvio de direita.

A «Associação Russa dos Músicos Proletários» rejeitava em bloco toda a tradição, fosse ela ligeira, clássica ou popular e seus filiados compunham canções e coros de factura deliberadamente simplista, os quais, segundo M. R. Hoffmann, biógrafo de Chostakovitch, seriam de um nível singularmente inferior ao do próprio auditório de massas a que pretendiam dirigir-se. Em contrapartida, a «Associação de Música Contemporânea» rompia brutalmente com o passado da própria tradição musical russa, refugiando-se em exclusivo numa estética importada dos compositores avançados de outros países.

A POSIÇÃO DE CHOSTAKOVITCH

Qual era a posição de Chostaroviteh face a estas duas tendências dominantes por ocasião da estreia da sua primeira sinfonia? A resposta na sua própria música. Desde logo, na sua primeira sinfonia.

Ao escrever essas páginas, Chostakovitch mostra-se com vinte anos incompletos, um consumado mestre-de-ofício aos vários níveis da composição musical: desde a transparente clareza da escrita contrapontística ao virtuosismo da orquestração. Quem se afirma nesta obra é o músico russo e ao mesmo tempo senhor dos ensinamentos da tradição musical europeia de Bach, a Mahler. Mas há, para além disso, a qualidade da invenção, a originalidade da linguagem — eminentemente expressiva — a tensa unidade do conteúdo e da forma. E se, nos dois andamentos finais, o compositor nos oferece, com as cores fortes da autenticidade, um dos seus grandes «frescos» musicais (onde se revive o drama e o heroísmo de quem faz — e é capaz de levar por diante, até ao fim! — uma revolução sem precedentes) encontramos, por contraste, nos dois andamentos iniciais, um humor, uma alegre euforia de caminhar para a frente, bem ilustrativos do dinamismo que o povo soviético deveria evidenciar naquela fase da revolução, vivendo já a firme certeza da vitória (após a guerra civil), e construindo com entusiasmo, e com desprezo pelas muitas privações e sacrifícios, os caminhos do futuro. Curiosamente, é também esta atmosfera que nos transmite o poema de Maiakovsky intitulado «Isto vai!», escrito pela mesma ocasião, e onde aparecem versos como aquele: «A política é simples como um gole de água».

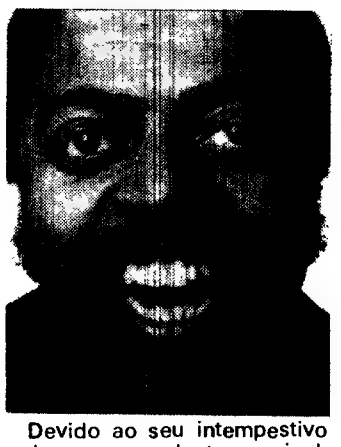
Para Chostakovitch, também a política, nas suas relações com arte, seria então 1simples como um golo de água». Por isso ele não se deixou enredar nos equívocos dos músicos soviéticos da sua geração, associados nos tais grupos rivais. Antes correspondeu, como poderosamente o demonstra a primeira Sinfonia, à síntese de Lenine sobre o significado da cultura proletária:

. «O marxismo adquiriu uma tal importância histórica enquanto ideologia do proletariado revolucionário que, longe de rejeitar as maiores conquistas da época burguesa, pelo contrário assimilou e repensou tudo o que havia de precioso no pensamento e na cultura humanas mais de duas vezes milenárias. Só o trabalho efectuado nesta base e neste sentido, animado pela experiência da ditadura do proletariado, que constitui a etapa última da sua luta contra toda e qualquer exploração, pode ser considerado como desenvolvimento de uma cultura verdadeiramente proletária».

MÁRIO VIEIRA DE CARVALHO

Roy Haynes em Cascais no dia 23

. No terceiro dia do Festival de Jazz de Cascais que em breve se realizará naquela vila, estará, entre outros, o Roy Haynes Hip Ensemble, um quinteto que tem no baterista Roy Haynes o seu líder. Eis, em poucas palavras, quem é Roy Haynes.



Devido ao seu intempestivo e impetuoso talento musical, Roy Haynes tornou-se uma lenda em todo o mundo. A sua versatilidade, ressoando como um timbalão e, ao mesmo tempo, tão sensível como os seus címbalos, tornou-se profundamente evidente numa noite, recentemente, em Nova Iorque, quando dominou um público jovem e não motivado, com um solo que ficará inesquecível. Repetidas vezes deitou a casa abaixo e impressionou profundamente as audiências.

A música levou-o da sua cidade natal, Boston, através do país, à Europa e Japão, onde goza enorme popularidade. Foi honrado com um convite, para ir a Bangkok tocar para o rei e para a rainha da Tailândia e, também para ir tocar à Casa Branca.

A sua maturidade e estilo pessoal, confirmados pela revista «Esquire», inspirou uma virtuosidade, a qual evoluiu até ao seu grupo Roy Haynes Hip Ensemble. Uma homenagem ao grupo deu-se recentemente no Carnagie Hall de Nova Iorque, com uma impressionante ovação de pé. Roy Haynes continua a interpretar a Vida através das suas espantosas actuações.

HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA

Concurso N.º 3-0099/75

Fornecimento e montagem de um Ascensor (monta-camas), no Hospital de Arroios

Recebem-se as propostas até às 9.30 horas do dia 9 de Dezembro próximo, para o mencionado concurso.

Os concorrentes poderão pedir no Serviço de Aquisições dos Hospitais Civis de Lisboa (Campo dos Mártires da Pátria, 91), todos os dias úteis das 9 às 11.30 horas e das 14 às 16 e aos sábados das 9 às 12 horas, as respectivas condições.

Serviço de Aquisições dos Hospitais Civis de Lisboa, em 3 de Novembro de 1975.

O Chefe de Serviço

a) **Alexandre Pinheiro**

Televisão

CANAL DA CRÍTICA

MÁRIO CASTRIM

VARANDA, VARANDA FAZ QUE ANDA MAS NÃO ANDA

Primeiro, foi no Porto. A seguir, Faro. Agora, Lisboa. Aliás, já em Lisboa também fora antes. O P. S. toma a iniciativa, o P. P. D. adere, o P. P. M. apoia, o C. D. S. aparece — porque nestas coisas quem não aparece, esquece — e sabemos lá quem aparece mais.

As iniciativas fazem-se para apoiar o VI Governo, também conhecido na área por «o Insubstituível». Somos, continuamos a ser, o país dos «insubstituíveis». Salazar, Amália Rodrigues, Eusebio... Temos mais um na lista.

Nestas manifestações partidárias há sempre uma varanda. uma varanda no Porto, o couma varando no Porto, o comandante Veloso e o dr. Mário Soares, lado a lado, numa evidentíssima «demonstração» de que as Forças Armadas são apartidárias.

Igualmente, na manifestação de ontem, a varanda não faltou. Não uma, mas várias. Naquela, e entre outros oficiais o capitão Vasco Lourenço. Na principal, Soares e Sá a ladear o Presidente do Conselho. O Presidente do Conselho, assim acompanhado por S. e S., falou ao País — pelo menos é assim que se consturna dizer.

Se o improviso não é o seu forte, a leitura parece ser ainda menos, sendo certo porém que o que está escrito não ajuda ninguém.

Os conceitos expressos pelo Presidente do Conselho não adiantam grande coisa para o esclarecimento da situação político-militar. Não ultrapassam a categoria dos lugares-comuns, com a enervante agravante da repetição constante, o que, de instante a instante, torna a situação mais fatigante.

Expressões como «o povo português são todos os portugueses» e «trabalhadores são todos os que trabalham» deixam o ouvinte numa posição desconfortável, dada a ambiguidade do seu objectivo. Os «tais oprimidos e opressores», de que tanto se fala, com acompanhamento à guitarra e à viola, são portugueses. Logo, são povo. Logo...

Depois, há a disciplina. Quem mais gravemente atropelou a disciplina, não se diz. Quem a minou, quem esfaqueou a disciplina revolucionária. Quem não tem medo dos sobrolhos carregados...

Timidamente, de raspão, fala-se do ataque às sedes de partidos progressistas. O Presidente do Conselho porque não perguntou ao parceiro da esquerda alguma coisa sobre isso? Trata-se de uma pessoa certamente muito esclarecida do que vai pelo Norte do País, bem como pela Madeira e pelos Açores.

Esses incêndios e essas perseguições a elementos progressistas não se passam tão longe como parece. O Presidente do Conselho tinha um exemplo diante dos olhos quando elementos infiltrados na manifestação, queimavam em efígie um conhecido dirigente político. Ainda há muito boa gente incapaz de ver os lobos que rondam a porta...

Contra-revolucionários, ficámos nós a saber, são também aqueles que não trabalham. Estou a lembrar-me que, há meses, andaram os trabalhadores lançados na batalha da produção. Seria talvez curioso lembrar as pessoas e os agrupamentos que se desinteressaram dela ou a hostilizaram mesmo. Recordá-los quanto mais não seja para saber quem são afinal os maiores contra-revolucionários desta terra.

Quanto ao E. L. P., quase nada. Nenhum forte incitamente à vigilância popular. De notar igualmente o facto de, entre a multidão, o tema não ter sido levantado, pelo menos de forma audível pela televisão. O que parece significar haver uma grande parte da população portuguesa desmotivada em relação a um problema central, pelo que se justificaria maior atenção dos responsáveis — que o são só na medida em que forem educadores.

O problema da descolonização, com a independência de Angola à porta, estava-se mesmo a ver que não podia faltar, vincadamente num «falar ao País». Pois faltou, por muito estranho que pareça. Que diabo, uma pessoa também não se pode lembrar de tudo.

A principal preocupação parece centrar-se na defesa do VI Governo. Foi dito que o VI conta com o apoio da esmagador maioria do povo português. Muito bem. Mas então por que e que o VI Governo não governa? Por que será que o Poder não pode? A carga de plástico utilizada contra a Renascença não será a prova de um total divórcio entre as forças do Poder e as forças populares?

Não. Não se pode governar contra os trabalhadores, ignorando os trabalhadores. Esta é uma lição da História. Não se pode governar assim. Assim, só se pode reprimir. Com todos os perigos da escalada da repressão.

Uma varanda, no Terreiro do Paço. Mais uma varanda. Quantas varandas teremos nós ainda de gramar? Na varanda, o Presidente do Conselho sopra dentro do microfone, Soares também sopra. Soares mexe os lábios. O Presidente do Conselho fala. O presidente do Conselho e Soares sussurram ao ouvido um do outro. O Presidente do Conselho, à direita Mário Soares, à esquerda Sá Carneiro. A opção definitiva parece feita.

... Então, fiz ou não fiz uma crónica muito calma? Custou mas consegui. Estou a suar. É quase manhã. Vou tomar um duche.

PARA TOMAR NOTA

Foi um fim de serão muito romântico, com aquela história de amor à inglesa. À falta de melhor, uma história já repetida. O que, bem vistas as coisas, não tem grande importância. Haverá alguma história de amor que não seja a repetição de qualquer outra história de amor?

Antes daquela trama de uma dama já madura que se queria transformar em boneca (ai os dramas os dramas os dramas que há lá pela Inglaterra!) tivemos notícia doutros acontecimentos bem mais realistas.

Por exemplo, o documentário sobre a actividade do M. P. L. A., o legítimo representante do povo angolano, no desenvolvimento da sua implantação nas populações. Dentro de breves horas, Angola será mais um país livre, novo país lusófono, sob a direcção do partido da resistência anticolonialista, o M. P. L. A., após o que a luta continuará até completa libertação de Angola.

Outras notícias do país nosso: a reunião dos trabalhadores da cintura de Lisboa, na Siderurgia, com os depoimentos de Manuel Nascimento, João Sancho e Vilar. Mais ainda: os despedimentos dos representantes do Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil, empurrados para a greve devido às obstruções do patronato. José Pereira e Dinis expuseram a questão por forma pouco lisongeira para o Ministério vulgarmente conhecido por «do Trabalho».

E já agora não quero esquecer aquela reunião dos lavradores do Norte. Ouvimos breves declarações dos senhores David Assunção, sobre as dificuldades em obter batatas de semente; Pereira Pinto, sobre o problema dos adubos; Emídio Silva, para falar sobre a questão da carne; e ainda Sampaio Moura a propósito do leite. A este respeito, o sr. Sampaio Moura afirmou e espero que se tome boa nota:

Há toda uma série de entraves e de sabotagens que se estão a realizar entre os produtores e os consumidores, a que é preciso pôr cobro. Os industriais que fazem a recolha do leite para seu benefício, ficam com parte desse leite, em vez de o entregarem para consumo e isso acarreta uma prejuízo ao Estado na ordem dos milhares de contos por dia. Achamos que é oportuno chamar a atenção para quem de direito que têm de rever todos esses circuitos e reformar toda a estrutura que existe aqui no Norte do País sobre o leite, para que tanto os consumidores como os produtores sejam beneficiados.

Esperamos que o senhor Quem de Direito tenha tomado nota.

ATENÇÃO AO MONUMENTAL CIRCO MEXICANO

INSTALADO
AV. DA REPÚBLICA
Junto à Feira Popular
HOJE, ÀS 21.45, HOJE

TAL COMO NA CIDADE DO PORTO

O POVO É QUEM MAIS ORDENA

POR ISSO AS LOTAÇÕES ESGOTADAS SÃO A PROVA DA CATEGORIA DO ESPECTÁCULO MÉXICO 75

LEÕES , TIGRES, CAVALOS, CHIMPANZÉS, CÃES AMESTRADOS, DUAS PARELHAS DE PALHAÇOS DUAS

E AINDA O MAIOR DA EUROPA

JOSÉ FREIXO

E SEU PATO DONALTIN

TODAS AS NOITES, ÀS 21.45 — QUINTAS E SÁBADOS, ÀS 16 HORAS — DOMINGOS, 3 ESPECTÁCULOS, ÀS 15, 18 E 21.45

Hoje

«Orlando Furioso»

I PROGRAMA

19.00 **«Papa Pellerin»** — 1.º episódio — 2.ª parte «História de Maria Gripe» e «Rapsódia de Motivos Japoneses»
19.25 **Teledesporto** — as actividades desportivas.
19.55 **Magazine do Norte** . Luísa transmissão dos estúdios do Porto.
20.30 **Telejornal** — 2.ª edição — noticiário do País e do estrangeiro.
21.05 **Antologia** — «Orlando Furioso» — 1.º episódio — uma espectacular versão televisiva realizada por Luca Ronconi e baseada no poema épico de Ludovico Ariosto (séc. XVI). São intérpretes: Massimo Foschi, Mariangela Melato, Edmonda Aldini, Ottavia Piccolo, Marilu Tolo, Claudia Giannott, Paola Gassman, Vittorio Sanipoli e Grazia Maria Spina.
23.00 **Telejornal** — 3.ª edição
23.15 Fecho

II PROGRAMA

21.00 Aberura e série filmada Floris von Rosemund
21.30 **Telejornal** — em diferido a edição do Telejornal transmitida no I Programa às 20 e 30.
22.00 Recital de piano por Olga Prats — programa: Sonata n.º 3, de Lopes Graça.
22.30 Fecho

DESTAQUES

I PROGRAMA

Antologia — «Orlando Furioso» (21.05)

II PROGRAMA

Recital de Piano por Olga Prats (22.00)

Amanhã

I PROGRAMA

. . . . **1.º Período** — **12.45**: Abertura e Documentário; **13.15**: Telejornal . 1.ª edição; **13.30**: «O Regador Mágico» («Pardon My Genie») — série filmada — «Cada Vez Mais Alto»; **13.55**: Logo à Noite — cartaz dos teatros e cinemas e da TV; — **Ciclo Preparatório TV** — **14.10**: Lingua Portuguesa (2.º ano); **14.35** Matemática (1.º ano); **15.00**: Francês (2.º ano); **15.25**: Ciências da Natureza (1.º ano); **15.50**: Educação Visual (2.º ano); **17.10**: Matemática (2.º ano); **17.35** Língua Portuguesa (1.º ano); **18.00**: Trabalhos Manuais (2.º ano); **18.25**: Francês (1.º ano). **2.º Período** — **19.00**: Programa produzido pelo Departamento de Programas Juvenis e Infantis; **19.25**: «Os Malucos do Circo» — série filmada; **19.55**: TV Palco — um programa apresentado por Igrejas Caeiro; **20.30**: Telejornal . 2.ª edição — noticiário do País e do estrangeiro; **21.05**: Programa militar do Estado-Maior das Forças Armadas; **21.55**: VII Concruso Internacional Viana da Motta; **23.00**: Telejornal 3.ª edição; **23.15**: Fecho.

II PROGRAMA

. . . . **21.00**: Abertura eUm episódio da série filmada «O Regador Mágico»; **21.30**: Telejornal — em diferido a edição do Telejornal transmitida às 20 e 30 no I Programa; **22.00**: Clássicos do Cinema; **23.15**: Fecho.

PARA REPARAÇÃO DO SEU TV
CLÍNICA DE TELEVISÃO E ASTRONAUTA
COM RADIO-TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
Deslocamento gratuito
Telefs. 72 27 86 - 83 42 71
Avenida S. João de Deus, 13-B - Rua Macau, 8

Desporto

Homens a peso de ouro fazem festa de latão

Atraído pela fama e peso ($$$) de alguns intervenientes nos vários quadros em equação o público foi ontem, ao Estoril, presenciar a 1.ª jornada de um torneio promovido pela Associação de Futebol de Lisboa, que forneceu 300 contos de receita (ponto fundamental para os organizadores) e os resultados que indicamos: Atlético, 2-Sporting, 1 e Belenenses, 2-Benfica, 1. Os «teams» que se exibiram e os autores dos golos no 1.º jogo:

Árbitro: J. Paulo, de Lisboa.

SPORTING — Pinhal; Tomé, Laranjeira «cap», Amandio e Inácio; V. Gomes, Valter e Baltasar; Jesus, Libanio e Chico.

ATLÉTICO — Lapa; Costa, Luís Horta «cap», Coelho e Franque; M. Wilson, F. Alves e Baltasar; Amaral, Avelar e F. Martins.

Substituições — Aos 65 m. Libânio por Garcés e F. Alves por José Eduardo e aos 80 m. Amaral por Prieto.

Cartão amarelo: a F. Martins aos 76 m.

Ao intervalo. 0-0.

Golos: Aos 47 m. Avelar, 1-0: aos 50 m., Jesus, 1-1 e aos 73, Baltasar (do Atlético), 2-1.

No 2.º embate:

Árbitro: Alfredo Silva de Lisboa.

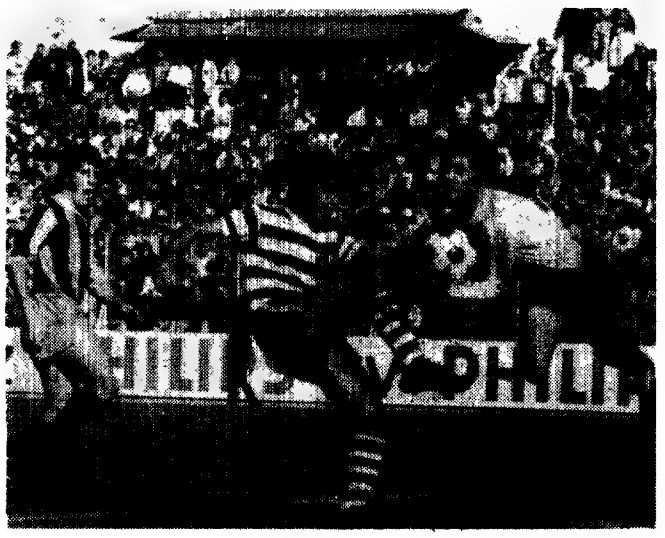
BENFICA — Fidalgo; Bastos Lopes, Messias, Eduardo Luís e Barros; V. Martins «cap.», Carlos e Romeu, Nelinho, Moia e Diamantino.

BELENENSES — Figueiredo; Sambinha, Quaresma «cap», Lima e Esmoriz; José Francisco, Pincho e Leitão; Ramalho, Alfredo e José Rocha.

Substituições — Na segunda parte Carlos por Cavungi e aos 62 m. Moia por Ibraim.

Ao intervalo, 0-0.

Golo: Aos 59 m. Leitão, 1-0.



Chico (língua fora da boca e olhos cerrados) equilibra-se num pé, enquanto Lapa (também com as pálpebras corridas...) voa com a bola bem segura.

Móia (de olhos fechados) deixa Figueiredo «defender» nas calmas. Dirigido por Fernando Cabrita, o Benfica ficou em ranco.

Como se poderá inferir, foi tudo apenas um passatempo outonal. Uma ou outra exibição mais agradável (Laranjeira, Nelinho, Amaral e Leitão) não chegou para contrariar o propósito da maioria de homens pagos a peso de ouro: deixar correr o tempo, a ver em que paravam as modas. Factos incontroversos: a pésssima manobra táctica engendrada pelo brasileiro Osvaldo Silva para um Sporting pejado de «vedetas» (a baquear frente ao colectivismo e disciplina esquemática dos alcantarenses) mais o gigantismo dos «azuis» frente a um Benfica displicente e a passo.

SELECÇÕES À ESPERA

Humberto chegou e prometeu

Poucos minutos para as 17; na pista um avião que se imobiliza; pouco depois uma figura conhecida dos nossos estádios desembarca: é Humberto Coelho, que vem emprestar a sua categoria à selecção nacional «A» que depois de amanhã, nas Antas, defronta (em jogo decisivo) o combinado checo.

Humberto vem satisfeito: «Não pode calcular a alegria que sinto em estar novamente em Portugal; é uma satisfação muito fora do normal. E estou desejoso de tomar o avião para o Porto, pois estou «faminto» de conviver com os meus camaradas».

Sobre o motivo que o trouxe de novo a Portugal: «Estou convencido que vamos ultrapassar a Checoslováquia e continuar a alimentar todas as esperanças numa qualificação para a fase final. Por isso vim; para isso lutarei até ao fim».

Humberto Coelho (cuja vinda a Portugal custará cerca de 70 contos à Federação Portuguesa de Futebol) jogou no sábado pelo seu clube francês; ganhou por 4-2, muito embora tenha jogado fora de casa. «Não marquei nenhum golo, mas a minha missão no S. Germain não é marcar golos; estou lá é para defender. No entanto, ainda não esqueci que se marcam golos de cabeça. Talvez nas Antas isso venha a acontecer».

Entretanto o treinador José Maria Pedroto já ontem «obrigou» Humberto Coelho a participar num treino do nosso melhor combinado: ue alinhou com Damas, Rebelo, Humberto, Freitas e Artur; Octávio, Alves e Toni; Nené, Vitor Baptista e Moinhos.

Particularmente activo o ataque da selecção; na primeira parte marcou quatro golos (3 de Nené) e sofreu um; na segunda metade do treino registaram-se algumas alterações (saiu Alves entrou Jordão, Nené trocou com Rui Rodrigues). Mais 5 golos da selecção contra um da equipa treinadora (por sinal apontado por Nené). A selecção que defrontará a Checoslováquia não deve andar muito longe (na sua constituição) daquela que se apresentou no início do treino.

CHECOS

Espera-se que a Checoslováquia apenas faça uma alteração na equipa representativa que venceu a Inglaterra por 2-1 quando defrontar Portugal no jogo vital a contar para o Grupo I do campeonato europeu de futebol, que se efectua no Porto, na quarta-feira.

Lubomir Knapp, que jogou no miolo do terreno contra a Inglaterra, acha-se lesionado e será substituído por Moder. Outro ausente na equipa checoslovaca indicada pelo seleccionador Vaclav Jezec é o ponta de lança Petras, que não jogou com a Inglaterra e que se acha ainda na lista dos lesionados. Jezek omitiu também Alexander Vencel, o guarda-redes suplente com a Inglaterra, que foi expulso por correr para dentro do campo quando se disputava o desafio. Foi substituído como guarda-redes suplente por Kozinka.

A constituição provável da equipa da Checoslováquia será: Viktor; Pivarnik, Ondrus, Jurkemik, Goegh, Bivovsky, Pollak, Moder, Mashny, Nehoda e Gallis.

Suplentes: Kozinka, Dobias, Jozef Capkovic, Medvid, Svehlik e Fratisek Vesely.

No jogo do Porto, na quarta-feira, e o desafio entre Portugal e a Inglaterra, em 19 de Novembro, são os mais importantes para a qualificação no grupo I.

A Inglaterra comanda agora a classificação com sete pontos em cinco jogos e termina o seu programa de qualificação com o jogo contra Portugal. A Checoslováquia tem seis pontos em quatro desafios e a vitória na quarta-feira assegurar-lhe-ia a qualificação, visto o último jogo ser contra o Chipre, o último da tabela.

No primeiro jogo entre a Checoslováquia e Portugal, em Praga, em Abril, os checos ganharam por 5-0.

ESPERANÇAS

Entretanto as «esperanças» portuguesas actuarão na próxima quarta-feira na Checoslováquia. A nossa selecção deve formar do seguinte modo: Tibi; Ramalho, Teixeira, José Mendes e J. Cardoso, Vítor Pereira, Abreu, Frasco, Shéu; Gomes e Júlio. Seguem também para Teplice os seguintes jogadores: Matos, Zezinho, Adolfo, Marinho e Vital.

Do lote de 19 em estágio, 3 foram afastados: Gabriel e Jorge (levemente tocados) e Manuel Fernandes, já que houve a necessidade de «sacrificar» um elemento com idade superior a 23 anos.

TOTOBOLA

Boletim com "13"

Fafe - Feirense	X
Alba-Espinho	X
Régua-Paredes	1
Salgueiros-Varzim	X
Lourosa - Gil Vicente	X
Marinhense - Famalicão	2
Penafiel - Covilhã	X
Sintrense - União Leiria	1
Juventude - Montijo	1
E. Lagos - Oriental	1
U. Montemor - Caldas	2
Peniche - E. Portalegre	1
Barreirense - Portimon.	X

NACIONAIS DE FUTEBOL

Visitantes em foco na Segunda Divisão

Na 9.ª jornada do campeonato nacional da segunda divisão ontem cumprida, ressaltam os bons resultados que as equipas forasteiras conseguiram: na zona Norte, duas vitórias e nada mais nada menos do que cinco empates; na zona Sul, as vitórias «fora» foram em número de 3 enquanto empate apareceu um único. Em matéria de golos, os clubes que jogaram em casa conseguiram 28 (13 mais 15) contra 18 (8 mais 10) dos visitados. Mesmo assim, a ronda foi francamente favorável às turmas que actuaram fora dos seus ambientes.

Na zona Norte, surpreenderá o empate que o Sporting da Covilhã foi buscar a Penafiel (2-2), bem como o do Gil Vicente (1-1) em Lourosa; também o Feirense foi a Fafe impor uma igualdade a um tento, o mesmo, afinal, que o Espinho conseguiu no campo do Alba. Salgueiros e Varzim, sem dúvida o mais importante da jornada, terminou sem golos.

O Famalicão foi à Marinha Grande conquistar 2 pontos: bateu a turma local por 1-0, imitando assim o Chaves que actuou em S. João da Madeira. Vitórias perante o seu público, apenas sorriram ao Riopele (1-0) ao União de Lamas), ao Régua (3-0 ao Paredes) e ao Paços de Ferreira (que bateu por 3-0 o Vilanovense).

Na classificação desta zona o Varzim continua a ser o «leader» com 14 pontos, estando agora o Riopele na segunda posição apenas a um ponto de distância. O Salgueiros é o terceiro classificado com 12 pontos. Na última posição estão o Régua, Marinhense e Paredes, todos com apenas 5 pontos.

Na zona Sul, Caldas e Torriense triunfaram no campo do adversário: enquanto os homens de Torres Vedras foram a Santarém triunfar por 2-1, os das Caldas foram a Montemor marcar um único tento que foi quanto bastou para somar os dois pontos postos em jogo. Também o Olhanense triunfou (1-0) em Almada.

No mais importante encontro da ronda, Barreirense e Portimonense ofereceram um espectáculo de emoção e de resultado sempre imprevisível: com alternâncias constantes no marcador, chegou-se ao fim com uma igualdade a três tentos.

Vitórias conquistadas em casa pelo Sintrense (3-1 ao União de Leiria), pelo Juventude de Évora (1-0 ao Montijo), pelo Esperança de Lagos (2-1 ao Oriental), pelo Peniche (1-0 sobre o Estrela de Portalegre), pelo Marítimo (3-1 ao Torres Novas), pelo Sesimbra (2-0 sobre o Lusitano de Évora).

Na classificação da zona, o Caldas subiu ao primeiro lugar, beneficiando da derrota do Montijo: soma agora 13 pontos contra 12 do Montijo e do Marítimo. Um quarteto (Almada, Barreirense, Sesimbra e Juventude) ocupam o terceiro lugar com 11 pontos, enquanto o último é o Torres Novas com 3 pontos apenas.

3.ª DIVISÃO

Resultados dos jogos ontem disputados a contar (também) para a 9.ª jornada:

Na série «A»:

Tirsense, 4-Forjães, 1; Vianense, 4-Bragança, 2; Esposende, 1-Arrifanense, 0; Leça, 4-Aliados de Lordelo, 1; Mondinense, 0-Freamunde, 2; Cabeceirense, 2-Avintes, 0; Paços de Brandão, 1-Sporting de Lamego, 2; Mirandela, 0-Limianos, 0; Rio Ave,1-Aves, 1.

Classificação: 1.º Vianense, com 15 pontos, 2.ºs Tirsense e Vila Real, 14; 3.ºs Leça e Freamunde. 13: últimos: Mirandela, Paços de Brandão e Mondinense, com 4 pontos.

Série «B»:

Covilhã e Benfica, 1-Lousanense, 3; Oliveira do Bairro, 2-Gouveia, 0; Águeda, 2-Viseu e Benfica, 1; Penalva do Castelo, 3-Marialvas, 1; Oliveirense, 1-Ala Arriba, 0; Desportivo da Guarda, 2-Cucujães, 0; Académico de Viseu, 0-União de Coimbra, 1; Vilanovense, 1-Anadia, 0; Naval, 3-Vildemoinhos, 1; Febres, 2-Tabuenses, 0.

Classificação: 1.º União de Coimbra, com 15 pontos; 2.ºs Oliveirense e Lousanense, 14; 3.º Guarda, 13; último: Tabuense, 2 pontos.

Série «C»:

Marrazes, 1-Alverca, 0; Eléctrico de Ponte de Sor, 2-Sporting de Pombal, 1; Alhandra, 2-Loures, 2; Benavente, 3-Nacional, 2; Alcanense, 2-Bombarralense, 1; Portalegrense, 3-Elvenses, 1; Vieirense, 0-Alcobaça, 2; Campomaiorense, 0-União de Almeirim, 0; Odivelas, 0-Cartaxo, 0; O Elvas, 4-Vilafranquense, 0.

O Caldas foi a Montemor vencer (por um golo a zero). Chegou para garantir o topo da zona Sul.

Classificação: 1.ºs Odivelas e U. Almeirim, com 14 pontos; 2.ºs Loures e Portalegrense, 12; 3.ºs Cartaxo, Alcanenense, Marrazes e Ponte de Sor, 11; último: Os Elvenses, com 3 pontos.

Finalmente na série «D»:

Quarteirense, 1-Desp. Beja, 1; União de Santiago, 1-Luso do Barreiro, 0; Sacavenense, 1-Casa Pia, 2; Seixal, 0-Costa da Caparica, 1; Lusitano de Vila Real de Santo António, 1-Cova da Piedade, 0; Sambrazense, 0-Estrela de Vendas Novas, 0; Rosairense, 1-Amora, 0; Alcochetense, 3-Paio Pires, 1; Odemirense, 1-Vasco da Gama de Sines, 2; Sport Lisboa e Olivais, 2-Moura, 0.

Classificação: 1.º Vasco da Gama, com 16 pontos; 2.ºs Desp. Beja e Alcochetense, 12; 3.ºs Sacavenense e Odemira, 11; últimos: Paio Pires e Sambrazense, com 4 pontos.

Desporto

Boletim

PORTUGAL

. A Associação de Hóquei em Campo de Lisboa já tem dirigentes. Os nomes-base: Joaquim Minhota (assembleia geral), João Guilherme, Henriques Martins (direcção), Óscar Simões Nunes (conselho fiscal) Artur Talagão (conselho técnico) e dr. Tomás Vacas (conselho jurisdicional).

O União e Progresso de Venda Nova abriu inscrições para praticantes de ginástica e luta, de idade compreendida entre os 4 e 15 anos de idade.

Perto de 750 jovens (dos 7 aos 17 anos) tomaram parte em corridas através do Bairro Alto, numa iniciativa do Lisboa Clube Rio de Janeiro. Nas várias categorias, os primeiros a atingirem a meta foram Maria do Carmo Palmela, Fernando Santos, Anabela Tomé, João Sampaio, Conceição Pereira, Porfírio Tomé e José Guerra.

O Clube Atlético da Cascalheira está a comemorar o 41.º aniversário. Depois de um jogo de futebol entre solteiros e casados (que culminou com lauta almoçarada), ouve já uma «Noite de Fados». Agora, para o dia 15, está previsto um auto-stop com colagem de decalcomanias alusivas à colectividade (para recolha de fundos) e um baile entre sócios e convidados; a 23, uma volta ao bairro (atletismo) destinada a entusiastas de qualquer idade, seguindo-se uma «matineé infantil (filmes, desenhos, lanche, etc.); no dia 29, um baile de encerramento, com eleição da «Miss Cascalheira»; finalmente, a 30 do corrente, tem lugar uma sessão solene, com entrega de emblemas a sócios com 25 anos de filiação e outorga de prémios aos vencedores de vários torneios intersócios. Depois, mastiga-se um pouco, fala-se do tempo passado e começa a pensar-se na festa do próximo ano.

Em Coimbra, romovido pela Associação Académica, realizou-se ontem um convívio de atletismo, com corridas e estafetas, arremesso de bola e lançamento do peso.

O Spor Lisboa e Benfica aceita a inscrição de entusiastas pelo voleibol, que tenham 12 (ou mais) anos de idade. Por seu turno, o Instituto Superior Técnico tem as portas abertas para os juniores masculinos que o queiram representar, na modalidade citada.

Disputou-se o Campeonato Nacional de Caça Submarina. Classificação decrescente dos melhores em seniores A: Vítor Manuel da Cruz, António Almeida Bessone Basto, Carlos Mafra Vilela, José Valente Garcia e José António Lopes Ribeiro. Em seniores B: António Luis Cyrne Pacheco, João António Freixo Boavida e José Manuel Carvalho dos Santos. Clubes triunfadores: Oriental (A) e Desportivo de Paço de Arcos (B).

Luta: os campeonatos nacionais de principiantes (esperanças e seniores) decorreram no pavilhão do Estádio Universitário, em Lisboa. Primeiros atletas nos vários escalões de esperanças: José Faria, José Rocha, Jorge Lucas, Carlos Reis, António Mota, Ernesto Rodrigues, Carlos Jorge e Pinto Martins. Em seniores: José Pereira, José Ferreira, José Rainha, Fernando Bento e Francisco Lino.

A Federação de Futebol informa, em comunicado público, que o jogo Portugal-Checoslováquia não será televisionado, nem directamente nem em diferido.

. Jogo particular em Aveiro: Beira-Mar, 1-Leixões, 0. Futebol, pois claro.

Será hoje? Anunciado e protelado, sucessivamente, parece que (finalmente) terá lugar na tarde de hoje, em Espanha, a assinatura do contrato entre o ciclista José Martins e a turma da «Kas». Ordenado previsto para o ex-Coelima; 45 contos mensais e prémios consoante o comportamento nas várias provas.

Gabriel (dispensado da selecção de «esperanças») e Sousa (do Vitória de Guimarães) seguiram para o Peru, a juntar-se à comitiva do F.C.do Porto.

Na festa de homenagem ao guardião Armando, oSporting de Braga levou de vencida uma turmado Boavisa, por 5-1.

ONTEM

Foi um domingo a zero, cá para a rapaziada da casa. Na Checoslováquia (cidade de Neratovice) os juniores portugueses empataram sem golos com os colegas daquele país, resultado idêntico ao que um grupo com o emblema do F.C. Porto obteve perante uma selecção peruana. A formação dos juniores era assim constituída: Delgado, Dias, Virgílio, Brandão e JoséManuel; José Luís Cerdeira (José António) e Chalana; Araújo, Freire e Jorge (Oliveira). Os cronistas presentes destacam a actuação de Freire e Virgílio.

No Peru, os nortistas formaram como segue: Rui; Murça, Ronaldo, Alhinho e Teixeira, Cubillas, Pedrinho (Vitória de Guimarães) e Ailton; Seninho, Ademir e Dinis. Ninguém foi substituído.

AGENDA

A Federação de Râguebi tornou público o seu calendário de competições. A «Prova Nacional de Seniores» inicia-se a 21 de Dezembro; o torneio nacional da 1.ª divisão, a 23 de Novembro; o torneio nacional da 2.ª divisão, a 16 de Novembro. Entretanto, outras informações de râguebi: a equipa inglesa do «Commanding Officer» (Aldershot-Hampshire) está interessada em actuar no nosso país; os orientadores técnicos de turmas juniores efectuam, esta noite, uma reunião na sede federativa e foram suspensos da actividade os jogadores António Candido Vaz Carneiro e Manuel Pereira Ramos Santos (de Medicina) até conclusão de um inquérito.

O Clube Desportivo de Paço de Arcos foi incumbido pela Federação de Vela e pela Associação Portuguesa da Classe Olímpica 470, de realizar o campeonato regional da classe 470, na zona centro, em provas que vão prosseguir a 15 e 16 do corrente e estão incluidas na preparação olímpica.

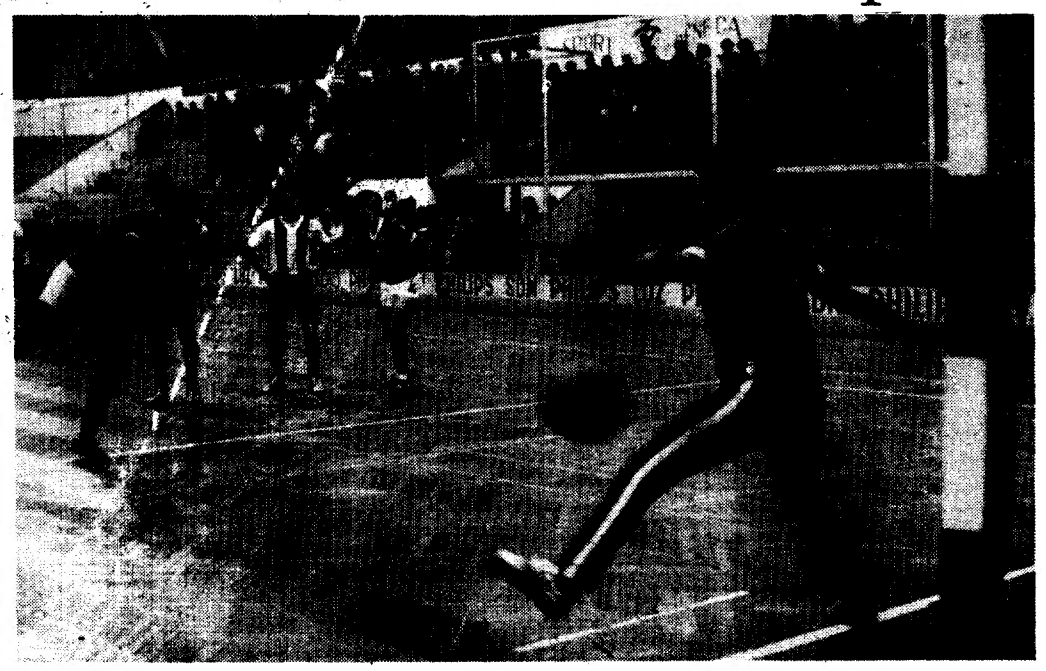
Os treinadores de turmas basquetebolistas, nas classes de iniciados e juvenis, reúnem-se na noite de 11 do corrente, na Associação de Lisboa.

Meninas e senhoras, que gostem de praticar voleibol, podem acorrer ao chamamento do Instituto Superior de Engenharia de Lisboa, onde o eng. Costa Leão pretende formar equipas de praticantes.

A Associação Académica de Coimbra, intensifica a conquista de praticantes de voleibol e abre, em basquetebol, a inscrição para um torneio popular da modalidade.

O torneio nacional de juniores, em râguebi, principia a 30 de Novembro, A «Prova nacional de juniores» começa a rodar-se a 7 de Dezembro.

A luta greco-romana intensifica-se, no Belenenses, que coloca à disposição das crianças de Lisboa, as suas instalações (no Restelo) e os seus técnicos, todas as 3.ªs e 5.ªs feiras, pelas 19 horas.



Mais uma rodada do «Nacional» de Andebol de Sete e a colocação do Sporting como guia invicto. Resultados: Ac. S. Mamede-Beira-Mar, 18-9; Benfica-F. C. do Porto, 22-16; Técnico-Almada, 16-18; Belenenses-Passos Manuel, 30-8; Boa Hora-Sporting, 19-20; V. de Setúbal-C. de Ourique, 16-11. Classificação: 1.º, Sporting, 2 pontos; 2.ºs, Benfica, Belenenses, F. C. do Porto, Almada e Boa Hora; 7.º, V. de Setúbal, 6; 8.ºs, Ac. S. Mamede, Beira-Mar e Técnico, 5; 11.º, Passos Manuel, 4; 12.º, C. de Ourique, 3. Na imagem, recolhida durante o Benfica-Porto, o «encarnado» José Manuel (cuja transferência, do Belenenses para a Luz, fez, em tempos, correr rios de tinta) falha a marcação de uma grande penalidade.

RARIDADES

«A Bola» conta hoje: faltaram os bilhetes para o jogo Juventude-Montijo e, no intervalo do espectáculo (presenciado *à borla*, por centenas de entusiastas) foi lido o seguinte comunicado:

«Senhores espectadores-juventudistas:

A organização deste encontro foi, aliás, como todas as outras da responsabilidade da Associação de Futebol de Évora. Logo, a Direcção do Juventude é alheia à falta de bilhetes para vender, que se verificou.

É evidente que desta falta, imperdoável para um encontro que se previa de muita afluência de público, o único prejudicado é, neste momento, o Juventude Sport Clube.

Porém, como o Juventude não se conformará, a Direcção irá, por todos os meios ao seu alcance fazer valer a sua razão».

O árbitro Armando Paraty foi vetado pelo Sporting de Espinho, por lhe serem assacadas culpas no resultado do recente jogo de futebol entre os espinhenses e o Lourosa.

Mais um brasileiro (nome: Jorge Gomes) vem ganhar a vida para Portugal, chutando a bola. Remetente: Clube de Regatas Brasil. Endereço: Boavista.

SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS DA CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS

CONCURSO PÚBLICO PARA VENDA DE SUCATAS DE METAIS E PAPEL

O Conselho de Administração faz público que até às 16 horas do dia 9 de Dezembro de 1975, se recebem propostas para venda do seguinte:

Lote 1	— CONTADORES USADOS ..... aproximadamente	431
» 2	— SUCATA DE CHUMBO ..... aproximadamente	160 Kg.
» 3	— SUCATA DE LATÃO ..... aproximadamente	55 Kg.
» 4	— SUCATA DE FERRO FUNDIDO ... aproximadamente	600 Kg.
» 5	— PAPEL (impressos usados) ..... aproximadamente	1.000 Kg.
» 6	— MÁQUINA ELÉCTRICA DE ENDEREÇAR «ADREX» — TD-II.	

O Caderno de Encargos está patente na Secretaria destes Serviços durante as horas de expediente.

As propostas serão abertas no dia e hora acima indicados, perante a Comissão para esse fim nomeada.

Secretaria dos Serviços Municipalizados, em 7 de Novembro de 1975.

O PRESIDENTE DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Amaro Manuel do Espírito Santo da Silva

SINDICATO DOS TRABALHADORES DA INDÚSTRIA E COMÉRCIO FARMACÊUTICOS

Contrato Colectivo Trabalho Vertical

Reuniões Sectoriais
Para elaboração do Anteprojecto

Camaradas,

Com vista à elaboração do anteprojecto do CONTRATO COLECTIVO DE TRABALHO VERTICAL para a Indústria e Comércio Farmacêuticos, convidam-se todos os trabalhadores a participarem em reuniões sectoriais alargadas, conforme calendário junto.

Informa-se ainda que todas as reuniões serão feitas às 21 horas nas instalações da Av. Miguel Bombarda, 96-1.º — Lisboa (local de funcionamento do GRUPO DA CONTRATAÇÃO).

Camaradas

No momento a tarefa principal é construirmos um projecto de contrato que responda aos graves problemas com que nos debatemos.

Para que esse Projecto responda aos nossos problemas terá que ter a nossa participação. **TERÁ QUE SER FEITO POR TODOS OS TRABALHADORES.**

VEM ÀS REUNIÕES SECTORIAIS.

CALENDÁRIO DAS PRÓXIMAS REUNIÕES

QUARTA-FEIRA	12/11/75	FABRICAÇÃO (Manipuladores, Aj. Técnicos, Serventes limpeza, etc)
QUINTA-FEIRA	13/11/75	ARMAZÉNS (Caixeiros, Profissionais de armazém, Serventes, etc)
SEXTA-FEIRA	14/11/75	ESCRITÓRIOS (Todos os Profissionais de Escritório)
SEGUNDA-FEIRA	17/11/75	PROPAGANDA MÉDICA
TERÇA-FEIRA	18/11/75	PROFISSÕES DIVERSAS (Metalúrgicos, Electricistas, Motoristas, Contínuos, Carpinteiros, Pedreiros, Empregados de Refeitório, etc.)
QUARTA-FEIRA	19/11/75	QUADROS TÉCNICOS

QUINTA-FEIRA — 20/11/75 — REUNIÃO GERAL

PARTICIPA NO ESTUDO DO CONTRATO

O CONTRATO É PARA TODOS. É TEU!

7/11/75

O Grupo da Contratação

Geral

O DOURO

Continuação da pág. 3

atribui-se ainda funções ao Ministério das Finanças e Comércio Interno, apontando-se, no entanto, como responsável por contribuição decisiva a acção do Ministério do Comércio Externo que, além da coordenação imprescindível, teria a seu cargo as seguintes medidas: encontrar uma fórmula inovadora capaz de, rapidamente, substituir a extinta orgânica cooperativa, substituindo-a por uma organização verdadeiramente representativa e defensora dos interesses do bloco social constituído pelos assalariados, pequenos e médios lavradores, sem exclusão dos legítimos direitos de todos quantos vivem para o Douro; tomar medidas concretas para a valorização e defesa dos nossos vinhos, factor dominante da economia regional; definir as linhas gerais de uma política progressiva de valorização regional.

A U.A.C.R.D.D. termina o seu texto esclarecedor, referindo as provas de capacidade iá dadas pela região e afirma dirigindo-se ao VI Governo: Podem V. Ex.as estar certos de que não lhes faltará da nossa parte tal apoio ».

JOSÉ HENRIQUES ALVES BARRETO

FALECEU

Etelvina Machado Barreto, António Manuel Machado Barreto, José Henrique Machado Barreto, Henrique Sérgio Machado Barreto, Alice Barreto Torres Baptista, genro, noras e neto participam o falecimento do seu querido marido, pai, sogro e avô e que o funeral se realiza no d'a 11 pelas 10 horas da Igreja dos Anjos para o cemitério de Benfica.

CONSTRUÇÃO CIVIL EM GREVE

Continuação da pág. 1

lectivo, ou de uma Portaria, até ao dia 28 do corrente mês. No entanto, o período de negociações estava dividido em três períodos, o primeiro dos quais terminou no dia 7, sem que a Secretaria de Estado do Trabalho tivesse apresentado o seu projecto de Portaria, como estava previsto. Na verdade, esse projecto de portaria nem sequer estaria elaborado, enquanto pelo contrário o projecto apresentado pelo Sindicato foi pura e simplesmente rejeitado.

Por outro lado, a «ordem» de greve da C. U. O. C. C. é uma «resposta aos senhores doutores do Ministério do Trabalho» que «se preparavam para contrapor às tabelas salariais exigidas no Contrato Colectivo, outras tabelas muito inferiores».

O Sindicato Nacional dos Técnicos de Desenho também tomou posição sobre o problema, afirmando que «o Ministério do Equipamento Social, interlocutor do Estado, representante das empresas com intervenção estatal, além de ser o Ministério responsável pelo investimento oficial no sector da construção civil, nunca compareceu às negociações e boicotou o chamamento das entidades patronais às negociações».

A possibilidade do prazo de dez dias inicialmente previsto nos contactos entre o Sindicato e o Ministério, se mostrar insuficiente, tinha sido, de resto, previsto desde o início pelo secretário de Estado de Trabalho, dada a recusa que se verificou desde o início, de participação nas negociações, por parte das associações patronais.

Exposição Heine

..Uma «Exposição Heirich Heine» está desde hoje patente no Instituto Alemão, ao Campo dos Mártires da Pátria, constituindo uma homenagem ao grande poeta de Dusseldorf. Há distribuição de catálogos no «foyer».

..O certame, que se prolonga até ao próximo dia 30, insere-se na política de redescoberta (para portugueses, bem entendido) dos valores culturais germânicos empreendida desde há anos por Curt Meyer-Clason, o animador do Instituto. Ali tem decorrido, por exemplo, um «Ciclo Brecht», que se desdobrou até hoje de manhã com a anunciada conferência do prof. Carl Otto Conrady («Intenção e Efeito do Teatro Brechtiano»), e está em preparação uma «lembrança» de Rainer Maria Rilke por ocasião do centenário do nascimento.

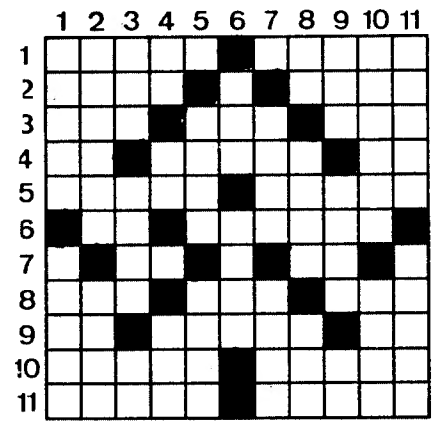
palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO

PROBLEMA N.º 11232

HORIZONTAIS:

1 Termino. Ser humano.
2 Planta de haste oca nos entrenós. Considere (fig.).
3 Falda. Arara. Bolo de farinha de arroz e azeite de coco usado na Ásia.
4 Nota musical. Palmeira de cujo fruto se extrai o cachu. Idem.
5 Medida linear dos gregos, também chamada decapódio. Adágio.
6 Nesse lugar. Realizas.
7 Preposição. Érbio (s.q).
8 Mulher chinesa da classe baixa. Oceano. Guarneço de asas.
9 Nota musical. Voltra. Lingua antigamente falada ao Sul do Rio Loire.
10 Estreito. Assalto à mão armada (fir. bras.).
11 Afio. Cidade de França.



VERTICAIS:

1 Cidade do Estado do Pará (Bras.). Taberna.
2 Autor (fig.). Taberna.
3 Nome de mulher. Pátio. Laço.
4 Bário (s.q). Prefixo de privação. Forma apocopada e proclítica de vale.
5 Jarro (planta). Uma das Cíclades.
6 Medida de superfície. Embaracar.
7 Picante. Espécie de nabo.
8 Abreviatura que se usa em música. Serra de Portugal. Zombar.
9 Mediana. Executára. Viração.
10 Espreitas. Réculo.
11 Que chegou ao meio. Roças por.

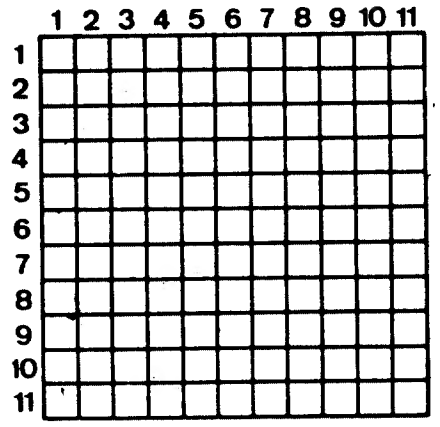
Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 7393

HORIZONTAIS:

1 Espanta. Enrubescer.
2 Limpar metais. Fazei eco.
3 O mesmo que bétele. O mesmo que romano. Reis.
4 Acrescentei. Ribeira de Portugal. Palavra gaélica que significa filho e precede um grande número de nomes escoceses e irlandeses.
5 Bolsa. O mesmo que pitorra (prov.).
6 365 dias. Unidade monetária do Japão.
7 Transporta. Amofina.
8 Estima. Reles. Zombas.
9 Basta. Ave galinácea de linda plumagem. Apelido.
10 Combinai. Versejar.
11 Terreno coberto de vegetação no meio de um deserto. Desenruga.



VERTICAIS:

1 Comes. Folha de ferro estanhado.
2 Lavrada. Mete em mala.
3 Catedral. Levantava. Pertences.
4 Abismo. Espaço de doze meses (inv.). Progenitor.
5 Anéis. Tempo do verbo ir.
6 Maior. Quinhentos e quatro em romano.
7 Comer à ceia. Apelido.
8 Vão. Preposição. Língua que antigamente se falava no Norte de França.
9 Letra grega. Consumir. Nota musical.
10 Irmão de Moisés. Macias.
11 Traça. Guarnecera de asas.

SOLUÇÃO DO PROBLENA N.º 11231

HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
1 At. Massa. Aí.	1 ANO. Aliasse.
2 Notar. Ocara.	2 Tome. Armeis.
3 Omito. Laços.	3 Tirar. Ecos.
4 Era. Arau.	4 Matar. Tio.
5 Arrã. Ar.	5 Aro. Rara. SS.
6 Lar. ANO. Oco.	6 Ano. DE.
7 Ir. Trota. Ri.	7 Sola. Ota. Sa.
8 Ameia. Arfar.	8 Acará. Arm.
9 SECO. Mova.	9 Ácaro. FOME.
10 Sio. Sés. Mor.	10 Arou. Cravos.
11 Essas. Acesa.	11 Ias. Moirara.

PROVÉRBIO: Ano seco ano de fome.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7392

HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
1 Anauá. Parra.	1 Ásaro. Baobá.
2 Solar. Iriam.	2 Nota. Mascar.
3 Ata. Ras. MII.	3 Ala. Sota. To.
4 Rã. Fulas. Za.	4 Oa. Fo. Adiam.
5 Som. Res.	5 Arruma. Aa.
6 Mo. Apa. Aí.	6 Al. Pé.
7 Bata. Amos.	7 Pisara. Pu.
8 Asada. Prado.	8 Ar. Sé. Arada.
9 Oc. Ia. Ua. Am.	9 Rim. Sama. Ar.
10 Bata. Dará.	10 Raiz. Iodara.
11 Aroma. Farás.	11 Amial. Somas.

tempo

Situação do tempo 09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava geralmente limpo; o vento era fraco e havia neblina em vários locais.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H.

PORTO	7º
COIMBRA	10º
PORTALEGRE	10º
LISBOA	10º
FARO	15º

TEMPERATURAS EXTREMAS

Máxima **21,5º**

Figueira de Castelo Rodrigo

Mínima **6º**

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do mar	15,7º
Atmosfera	13.º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
8.58	**3,4 m**	2.02	**1,7 m**
21.44	**3,1 m**	14.53	**1,6 m**
Dia 11			
10.06	**3,3 m**	3.16	**1,9 m**
22.56	**3,1 m**	16.13	**1,7 m**
Dia 12			
11.18	**3,3 m**	4.39	**1,9 m**
		17.27	**1,7 m**

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu limpo ou pouco nublado arrefecimento nocturno com formação de geada nas terras abrigadas de Monte.

AMANHÃ

NASCER ÀS 8.14
OCASO ÀS 18.27

DIA 10 DIA 18 DIA 26 DIA 3

espectáculos

BARS BOITES

DANCINGS

NINA — Dancing com atracções. **Rua Paiva de Andrade, 7-13 T. 364859/368197. Joanne Duples Striptease use rodesiana**

CASINO ESTORIL — Jogo autorizado.

Var edades internacionais. **T.261461/164526/264596°264621/264946.**

HIPOPÓTAMO — Conjunto Hipopótamo. Encerra aos domingos. **Av. António Augusto de Aguiar, 5-A. T.48384.**

rádio

EMISSORA

1.º Programa

17.00 Rádio estudantil
18.00 Música variada
19.00 Informação de trânsito
19.05 Falar educação, um programa do I.T.E.
19.25 Música variada
20.00 Jornal da noite
21.00 Painel da noite
21.45 Observação de teatro, por Joaquim da Assunção
22.05 Sindicalismo, por Helena Neves e Madeira Claudino
00.00 Último jornal
00.30 Retrospectiva
01.00 Saída e encerramento dos Regionais e dos MF 1 — música na noite
02.00 Música na noite

2.º Programa

16.00 A ópera «A Vida Breve», de Falla
17.10 Música de tecla
18.00 Antologia sonora
19.00 Música de cravo
19.30 Música religiosa do século XX
20.00 Jornal da noite
21.00 Passagem do MF 2 a Estéreo

Programa em Onda Média 2 — 397 m — 755 KHz

20.30 Música de câmara de Mozart
21.00 Concerto sinfónico
23.00 O canto e os seus intérpretes, por Maria Helena de Freitas
00.00 Trio para violino, violoncelo e piano, em três andamentos, de Istvan Anhalt
00.20 «Os Amores de Júpiter», música de bailado, de Ibert
01.00 Fecho

Programa Estereofónico MF 2 — 94,3 MHz

21.00 Música ligeira variada
22.00 Intercâmbio musical
23.11 Música sinfónica de Tchaikovsky
24.00 Fecho

RÁDIO CLUBE

Onda Média

Emissor de Lisboa — Onda Média, 290,13 m — 13034 KHz — emissão contínua; Emissor de Miramar (Porto) — Onda Média, 283,6 m — 782 KHz — emissão contínua

Modulação de Frequência

16.04 Programa C.D.C.
18.05 O nosso programa
19.05 Em órbita-1
20.30 Boa noite em FM
22.02 Auditório
00.05 Em órbita-2

01.05 Banda sonora Sonipol
02.05 Perspectiva
03.05 Madrugada
06.00 Diário rural
07.03 Horã sete

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA

Clube Radiofónico de Portugal
Das 06.00 às 11.00 e das 19.30 às 22.00

Rádio Peninsular
Das 11.00 às 17.00

Rádio Voz de Lisboa
Das 17.00 às 19.30 e das 22.00 às 02.00

farmácias de serviço

LISBOA

TURNO H 1
TODA A NOITE

AJUDA
Lidia Almeida, Calçada da Ajuda, 170 (tel. 637318)
ALTO DE S. JOÃO
Zional, Rua Morais Soares, 58-C (tel. 847708)
ALVALADE
Brisália, Avenida Rio de Janeiro, 66 (tel. 722368)
AREEIRO
Central, Avenida Paris, 2 (tel. 720820)
AVENIDAS NOVAS
Cardote, Avenida Visconde Valmor, 28-A/C (à Avenida da República) tel. 772291)
BAIRRO AMÉRICA
Martins, Rua Fernão de Magalhães, 33 (tel. 849448)
BAIXA
Durão, Rua Garrett, 90 (tel. 324166)
BENFICA
Santa Cruz, Avenida Gomes Pereira, 34-A (tel. 704828)
CAMPO DE OURIQUE
Almeida, Rua Silva Carvalho, 136 (tel. 681726)
CASTELO
Santa Luzia, Rua da Saudade, 2-B (tel. 869831)
CHIADO
Durão, Rua Garrett, 90 (tel. 324166)
ESTEFÂNIA
Romano Baptista, Rua Passos Manuel, 6-10 (tel. 570593)
OLIVAIS-SUL
Higiene, Rua Cidade Vila Cabral, lote 43 (tel. 310026)
S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA
Sousa Martins, (ao Matadouro) (tel. 553468)

TURNO H-2
ATÉ ÀS 22 HORAS

ALVALADE
S. Miguel, Praça Francisco de Morais, 1 (tel. 771469); **Roma**, Avenida de Roma, 85-B (tel. 772466); **Ideal**, Avenida Almirante Gago Coutinho, 49-A (tel. 712803)
BAIXA
Centro Farmacêutico, Rua das Portas de Santo Antão, 88 (tel. 321211)
CAMPOLIDE
Pinto, Rua de Campolide, 11-A (tel. 682610)
CAMPO DE OURIQUE
Elma, Rua D. Maria Pia, 358-A (tel. 686176)
ESTEFÂNIA
Mundial, Largo de D. Estefânia, 10 (tel. 45578)
GRAÇA
Monte, Rua Senhora do Monte, 3-A/B (tel. 867842)
LUMIAR
Patuleia, Alameda das Linhas de Torres, 362-B (tel. 790332)
PICHELEIRA
Marluz, Calçada da Picheleira, 140-B/C (tel. 720703/728395)
MARQUÊS DE POMBAL
Ribeiro e Castro, Rua Braamcamp, 52-C (tel. 43409)
POÇO DO BISPO
Freitas, Rua Zófimo Pedroso, 11 (tel. 381136)
SANTO AMARO
Santo Amaro, Rua Filinto Elísio 29-A/B (tel. 637070)
MADRAGOA
Lys, R.da Esperanca, 17-19 (T.660913)
S. SEBASTIAO DA PEDREIRA
Berna, Avenida de Berna, 44-A (tel. 773568)
SETE RIOS
Canto, Estrada das Laranjeiras, 202-B (tel. 780841)

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Amadora, P. 28 de Maio, 3-A (Telef. 935518); **Carmele**, R. Elias Garcia, lote 28 (Telef. 933303); **Helénica**, R. Elias Garcia, 2 (Telef. 933613); **S. Jorge**, R. Pedro del Negro, 5-Reboleira (Telef. 938703).
DAMAIA
Lemos, R. de Goa, 21-A. (Telef. 971121).
QUELUZ
Gil, Av. Miguel Bombarda, 28 (Telef. 950123); **Simões Lopes**, R. Elias Garcia, 51 (Telef. 950123).
CACÉM
Garcia, Av. dos Missionários, 2 (Telef. 2942181).
MEM MARTINS
Rodrigues Rato (Telef. 2912038).
S. PEDRO DE SINTRA
Valentim, (Telef. 980456).
SINTRA
Marrazes, Vila (Telef. 2930155).
COLARES
Colares, Abreja (Telef. 299088).

LINHA DE CASCAIS

ALGES
Combatentes, Av. Com. G. Guerra, 166 (Telef. 213953).
CARCAVELOS
Central, Toda a noite.
PAÇO DE ARCOS
Godinho da Silva, Av. Patrão Lopes, 4 (Telef. 2432039). Toda a noite.
OEIRAS
Central, Conde Ferreira, 29 (Telef. 2430058). Até às 22 horas.
PAREDE
Aisir, Av. Gago Coutinho, B.° das Caixas de Previdência. (Telef. 2472948). Até às 24 horas.
S. JOÃO DO ESTORIL
S. João, Quinta da Carreira, 29-A (Telef. 261186). Até às 22 horas.
CASCAIS
Marginal, Av. Marginal (Telef. 280078). Toda a noite.
MONTE ESTORIL
Lopes, R. Hangar, 3 (Telef. 260008). Toda a noite. **Nova**, Est. de Alvide, Fontainhas (Telef. 281044); Até às 22 horas.

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Nunes, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (Telef. 234137).
ALHOS VEDROS
Portugal, Av. da Bela Rosa, 8 (Telef. 204250).
ALMADA
Cristo Rei, Av. do Cristo Rei, 31-A (Telef. 2766498).
BAIXA DA BANHEIRA
Nova Fátima, Est. Nacional 244-A (Telef. 2040141).
BARREIRO
Soares, Av. da República, 1 (Telef. 2073023).
COVA DA PIEDADE
Atlântico, R. Padre Manuel Bernardes, 1 (Telef. 2764466).
MOITA
Silva Rocha, P. da República, 16 (Telef. 239029).
MONTIJO
Higiene, R. Jose Joaquim Marques, 142 (Telef. 2310370)
SESIMBRA
Lopes, R. Cândido dos Reis, 21 (Telef. 2233028).
SETÚBAL
Normal do Sul, P. do Bocage, (Telef. 22216).
SEIXAL
Godinho, R. Paiva Coelho, 38 (Telef. 2218560).

PORTO

TURNO 18

ATÉ ÀS 22 HORAS

Canavarro, Rua da Restauração, 53; **Constituição**, Rua da Constituição, 93; **Ferreira de Carvalho**, Rua do Bonjardim, 354; **Padrão**, Rua de Santo Ildefonso, 342; **Ramos**, Praça do Exército Libertador, 91; **Figueiredo, Ld.ª**, Rua de Cedofeita, 125; **Parente**, Rua das Flores, 114; **Sousa Soares**, Rua de Santa Catarina, 141; **Vitória**, Rua de S. Roque da Lameira, 756; **Sanil**, Rua do Paraiso, 214

A PARTIR DAS 22 HORAS
Parente, Rua das Flores, 114; **Canavarro**, Rua da Restauração, 53; **Padrão**, Rua de Santo Ildefonso, 342; **Sanil**, Rua do Paraíso, 214.

COIMBRA

LUCIANO E MATOS — Rua da Sofia, 7, tel. 22147; **Machado** — Rua Bernardo de Albuquerque, Tel. 23767; **SITÁLIA** — Largo da Sé Velha, 14, tel. 23234.

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

LAURA ALVES
20.30, 22.45 (18 anos
«A Mão no Ar e o Pé Atrás»
COLISEU
21.30 (6 anos)
Companhia Internacional de Circo.
NO LARGO MARTIM MANIZ
Circo Mariano
Às 21.45 (6 anos)
ÁDOQUE
21.30 (13 anos)
«A CIA dos Cardeais»
VILLARET
21.15 (18 anos)
«Pascoal»
CAPITÓLIO
20.30 e 22.45 (18 anos)
«Mostra-Me a Tua Psicina»
MARIA VITÓRIA
20.30, 22.45 (18 anos)
«Força, Força Camarada Zé»

LISBOA/Cinemas

OLÍMPIA
21.15 (18 anos)
«O Cobra»
PARIS
21.00 (18 anos)
«Pecados em Família»
PROMOTORA
21.15 (10 anos)
«Os últimos corsários»
JARDIM
21.00 (18 anos)
A Perversa»
IDEAL
21.15 (18 anos)
«A Serpente de Oiro»

LINHA DE CASCAIS

CASCAIS
S. José
21.15 (18 anos)
«O Justiceiro Amarelo»
CASCAIS
Oxford
21.15 (18 anos)
«Julia e os Homens»
ESTORIL
Casino
17.00, 21.15 (18 anos)
«O Desprezo»

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Recreios Desportivos
21.15 (18 anos)
«O Cowboy Virgem»

OUTRA BANDA

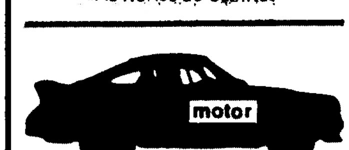
ALMADA
Incrível
21.15 (18 anos)
«Joe»
ALMADA
Academia
2'.15 (6 anos)
«Onde se Meteu a 7.ª Companhia»
LARANJEIRO
Instrução e Recreio
21.30 (18 anos)
«Experiência Premarional»

PORTO/Cinemas

RIVOLI
21.15 (18 anos)
«La Bambina»
CARLOS ALBERTO
21.15 (18 anos)
«As Mil e Uma Noites»
OÍLMPIA
21.15 (18 anos)
«A Fúria do Desejo»
VALE FORMOSO
21.15 (18 anos)
«Como Caças um Marido»
ÁGUIA DE OURO
21.30 (18 anos)
«Pecados em Família»
PASSOS MANUEL
21.3[illegible] (18 anos)
«A M[illegible] e a Puta»
S. JOÃO
21.15 (18 anos)
«Pecados em Família«
COLISEU
21.15 (6 anos)
«Música no Coração»
ESTÚDIO FOCO
21.15 (13 anos)
«Balbúrdia no Oeste»
TRINDADE
21.15 (18 anos)
«O Veredicto»
JÚLIO DINIS
21.15 (18 anos)
«Noites Árabes»
ESTUDIO
21.15 (18 anos)
«As Duas Fases de Uma História de Amor»
BATALHA
21.15 (18 anos)
«A Matriarca»

COIMBRA

AVENIDA
21.15 (18 anos)
«O Trio Infernal»
S. TEOTÓNIO
21.15 (18 anos)
«Vida em Família»
TIVOLI
21.15 (18 anos)
«O Ataque do Dragão Negro»
GIL VICENTE
21.15 (18 anos)
«As Noites de Cabíria»



cinemas

BERNA
T. 776098 14.00, 16.30, 19.00, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
SPY'S
Espiões
N.B. Se anda satisfeito não venha ver este filme
5.ª Semana

APOLO 70
T. 763319 14, 16.30, 19, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
BALBÚRDIA NO OESTE
Hoje às 24 h o filme da meia-noite
Grupo D./M. 18 anos
HITLER-OS ÚLTIMOS 10 DIAS»

ROXY
T. 485601 4.00, 16.30, 18.45 e 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
A História heroica da resistência jugoslava
OS DEFENSORES DA CIDADE
Um filme de Hajrudim Kravavac

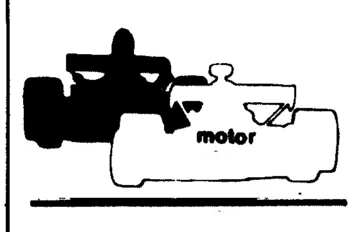
PATHÉ
T. 821933 14.15, 16.30,18.45 e 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
A LINGUAGEM DO AMOR
[illegible] Este filme contem cenas eventualmente chocantes
O MAIS OUSADO FILME SUECO SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL

ALVALADE
T. 897480 15.30, 18.30 e 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
Casadas, solteiras, ricas e pobres nenhuma escapava
O OPORTUNISTA
Um filme de Mike Vardy

NIMAS
T. 574362 14.15, 16.30, 18.45, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
QUE VIVA A REVOLUÇÃO
c/Marcelo Mastroiani

MONUMENTAL
T. 555131 15.15, 18.15, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
SEMENTE DE TAMARINDO
4.ª Semana
Nas sessões das 15.15 e 21.15 Reportagem da visita do Senhor Presidente da República à União Soviética
CAMINHOS DA REVOLUÇÃO
Prod. do Instituto Português de Cinema
Real. de Jorge Cabral

D. JOÃO V — DAMAIA
T. 971794 21.00
Grupo B - M. 10 anos
PEPE



Na NAZARE o DIARIO DE LISBOA vende-se na TABACARIA BATISTA

UNIVERSAL
T. 774402 15.17, 19.00, 21.00, 23.00
Não acons. a menores de 13 anos
O DESTACAMENTO VERMELHO POPULAR
Um filme da República Popular da China

IMPÉRIO
T. 555134 15.15, 18.30, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
SEIOS DE GELO
Com Mireille Darc e Alain Delon
Um filme G. Lautner

EDEN
T. 320769 14.00, 16.30, 19.00 e 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
Nunca o «For West» foi tão devassado
CHAMAVAM-LHE AMEN
Um filme de Alfio Caltabiano

TIVOLI
T. 570595 15.15, 18.30, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
«PAUL E MICHELLE»
3.ª Semana
Amigos... e Amantes
Um filme de Lewis Gilbert

CASTIL
T. 530194 15.30, 18.30 e 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
MADLY — A OUTRA MULHER
Na sessão das 21.15: Reportagem da visita do senhor Presidente da República à Roménia
CAMINHOS DA REVOLUÇÃO
Prod. Int. Cinema. Realiz. J. Cabral

CASINO ESTORIL
T. 264621 18.15, 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
O DESPREZO

ROYAL
T. 865037 15.30, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
ONDE FICA A GUERRA?

POLITEAMA
T. 326305 14.15, 16.30, 19.00, 21.30
Int. a menores de 18 anos
AS CONFIDÊNCIAS DE UM LEITO MUITO ACOLHEDOR
Contém cenas event. chocantes
3.ª semana

ROMA
T. 727778 14.30, 16.45, 19.00, 21.15
Int. a menores de 18 anos
JÚLIA E OS HOMENS
este filme contém cenas eventualmente chocantes. 3.ª Semana

VOX
T. 720808 14.15, 16.30, 19.00, 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
ESTRANHA FORMA DE AMAR
Com Paul Geganft

SATÉLITE
T. 562632 15, 17, 19, 21.15
(Não acons. a menores de 13 anos)
UM REI EM NOVA IORQUE
(versão integral)

CINEBOLSO
T. 573407 14.30, 16.45, 19, 21.30
Não acons. a menores de 18 anos
FILME DE AMOR E ANARQUIA
De Lina Wertmuller

CALEIDOSCÓPIO
T. 795093 14.00, [illegible]
Para todos [illegible]
Jerry [illegible]
O REI DO [illegible]
Um filme de [illegible]
FESTIVAL [illegible]
Hoje às [illegible]
SINSA [illegible]
[illegible]
Grupo D [illegible]
O GRANDE CO[illegible]

CONDES
T. 322523 14.15, [illegible]
Não acons. a men[illegible] anos
O riso dos anos [illegible]
O PROFESSOR N[illegible]STA
3.ª Semana
c/ Renata Pozetto, [illegible] Noel

ODEON
T. 326283 15.15, 18.15, 21.15
Int. a menores de 18 anos
2.ª Semana do filme de alto nível espectacular
ISABELA DUQUESA DO DIABO
c/Brigitte Skay [illegible] a odisseia de uma jovem requestada e violentada

LONDRES
T. 801313 14.15, 16.30, 18.45, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
LA BAMBINA
Uma nova forma de amor...

S. JORGE
T. 54153/4 15.15, 18.15 e 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
A sensacional comédia de Wovdy Allen
O A B C DO AMOR

AVIS
T. 47163 15.30, 18.30, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
JÚLIA E OS HOMENS
Este filme contém cenas eventualmente chocantes 3.ª Semana

CARLOS MANUEL — SINTRA
21.15
Não acons. a menores de 18 anos
MINHA MULHER É DOIDA

CINEARTE
T. 660446 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
INQUÉRITO A UM CIDADÃO ACIMA DE QUALQUER SUSPEITA

ESTÚDIO
T. 555135 15.30, 18.30 e 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
PROCESSO ARQUIVADO

ESTÚDIO 444
T. 779095 14.30, 16.45, 19.00, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
ADOLESCENTE PERVERSA
Com Jane Asher 4.ª Semana

EUROPA
T. 661016 15.15, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
A BOFETADA

RESTELO
T. 610375 Às 21.00
Interdito a menores de 18 anos
PECADOS EM FAMÍLIA

MUNDIAL
T. 538743 15.15, 18.30, 21.30
Não acons. a menores de 13 anos
077 AGENTE INDECENTE
Pierre Richard e Mireille Darc

DL

RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
ADMINISTRAÇÃO-GERAL
RUA CASTILHO, 185, 1.º, 2.º
TELEF. 654531/2/3/4
REDACÇÃO, SERVIÇOS TÉCNICOS
E PUBLICIDADE
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEF. 321154/5, 320271/2/3
RUA DA ROSA, 75
END. TEL. DIBOA TELEX 12363
LISBOA-PORTUGAL

INDEPENDÊNCIA DE ANGOLA

Continuação da pág. 1

«Niassa» e «Gil Eanes» dos fuzileiros e pára-quedistas, últimas forças portuguesas a bandonaram território angolano.

REPRESENTAÇÃO PORTUGUESA

Entre as delegações estrangeiras presentes às cerimónias da independência, encontram-se já representantes do P. C. P. e do M. E. S., tendo seguido hoje para Angola António Galhordas, em representação do M. D. P. / C. D. E.. Também hoje, chegou a Luanda o ministro da Cooperação, comandante Vítor Crespo, em representação da Presidência da República, sendo ainda aguardada a chegada de três elementos do P. R. P., convidados do M. P. L. A.. Entretanto, lamenta-se a ausência do almirante Rosa Coutinho, impedido de se deslocar a Angola, conforme convite que lhe havia sido endereçado. Pereira de Moura, integrado numa delegação do Conselho Mundial da Paz, partiu esta tarde para Luanda.

Do Partido Comunista Português, está presente Sérgio Vilarigues, que justificou a não comparência do secretário-geral, Álvaro Cunhal, com base na situação extremamente grave que se vive em Portugal e que exige a sua permanência em Lisboa. Sérgio Vilarigues acrescentou ainda que os dois povos triunfarão sobre o imperialismo, que tenta destruir as respectivas revoluções.

Por sua vez, Teotónio Pereira, que representa o Movimento da Esquerda Socialista, lançou um violento ataque ao VI Governo, que considerou «enfeudado ao imperialismo, como o demonstra a sua própria posição face ao problema angolano e o ressuscitar dos acordos do Alvor, já enterrados pelo Governo de Vasco Gonçalves».

SITUAÇÃO MILITAR

. A situação militar caracteriza-se, a Norte pelo avanço das F. A. P. L. A. ao longo da chamada «estrada do café» e pelo aumento da pressão da frente do Caxito, por parte dos mercenários portugueses e zairenses e da F. N. L. A.. No Sul, regista-se a entrada dos mercenários no Lobito, comandados por um oficial sul-africano e pelo coronel Alves Cardoso, elemento conhecido pelas suas ligações com Jorge Jardim e Spínola. O avanço dos mercenários, a Sul, representa uma tentativa para estabelecer contacto com a frente norte, chefiada pelo tenente-coronel Santos e Castro. Esta estratégia, no entanto, tem falhado face à resistência oferecida pelas F. A. P. L. A..

Entretanto, regista-se que este avanço, a Sul, é acompanhado de sucessivas proclamações da Rádio Lubango (ex-Sá da Bandeira), que lança vivas a «Angola Portuguesa» e morras à U. N. I. T.A, F. N. L. A e M. P. L. A., o que marca a verdadeira face racista desta invasão lançada a partir da África do Sul.

DECLARAÇÃO DA C. O. N. C. P.

LUANDA, 10 — (Dos enviados da Anop) — «Os Estados dirigidos pelos partidos membros da Conferência das Organizações Nacionalistas das Colónias Portuguesas — C. O. N. C. P. — reconhecerão, desde a sua proclamação pelo M. P. L. A., o Estado independente e soberano de Angola no seu todo territorial, e o Governo constituido pelo M. P. L. A.», Esta medida constitui a decisão principal da reunião realizada na capital moçambicana entre os dirigentes do M. P. L. A., Frelimo, P. A. I. G. C. e M. L. S. T. P..

TELEGRAMA DE ROSA COUTINHO

O almirante Rosa Coutinho, convidado de honra do M. P. L. A. não poderá, com muito desgosto seu, estar presente na cerimónia da independência de Angola mas vive esta hora histórica com a mesma emoção do povo angolano. De Luanda chega-nos o texto do telegrama que Rosa Coutinho enviou ao M. P. L. A.:

. «Presidente Agostinho Neto: muito agradeço honroso convite para assistir cerimónia independência Angola que minha situação como membro Conselho da Revolução impede neste momento corresponder. Meu coração tal como o de todo o povo português progressista está com o povo angolano nesta data histórica e apesar das nuvens negras acumuladas pelo imperialismo confio que com sua coragem e amor à liberdade saberá varrer o invasor estrangeiro e conquistar para Angola uma verdadeira independência. A luta continua mas a vitória é certa. Almirante Rosa Coutinho.»

ENCONTRO DE GENERAIS

Continuação da pág. 1

zona ribeirinha após o que se dirigiram para o Quartel-General. O Estado-Maior da Região Militar do Porto, que ao ser contactado por nós esta manhã procurou previamente informar-se para responder às perguntas que fizemos sobre os motivos e o teor do referido encontro, acrescentou que «não estava a par» mas que podia informar não se prever a difusão de qualquer comunicado da Região Militar do Norte sobre o assunto.

Soubemos, entretanto, por informação recolhida junto de fonte fidedigna, que o general Otelo teria sido contactado telefonicamente por aqueles oficiais generais quando os mesmos se encontravam reunidos no Quartel-General da R. M. N. os quais o informaram dos objectivos da reunião.

Ao largo da costa Norte do País foi detectado um barco de guerra português supondo-se que o mesmo procedia a vigilância da nossa costa atlântica.

Militares revolucionários na disponibilidade começam a organizar-se

. Para intervenção activa e constante na defesa e avanço da revolução socialista em Portugal os militares na disponibilidade estão a organizar-se e criaram já uma «Associação Revolucionária de Militares na Disponibilidade», a qual tem já núcleos em todas as regiões militares do País — revelou ontem à noite, em conferência de Imprensa, o Secretariado Provisório da Associação.

De acordo com as informações prestadas aos órgãos de Informação a A.R.M.D. é um «movimento revolucionário, unitário, apartidário e aberto, que pretende congregar oficiais, sargentos e praças passados à disponibilidade, na luta pelo avanço da Revolução, com intervenção a nível político militar». Esta intervenção, na prática, assumirá as formas que cada caso exigir, de acordo com a força e organização disponha no momemo. Um dos pontos, no entanto, em que a Associação passará desde já a actuar, será na denúncia de militares que desde sempre estiveram contra o processo, enravando-o quer nas ex-colónias, quer em Portugal, e que agora, recuperados pela viragem que se está a verificar na marcha da nossa revolução, aparecem em cargos de topo. Um ponto em que os militares revolucionários na disponibilidade se mostram muito sensíveis, «e não permitirão de forma alguma», será a tentativa de utilização do passado revolucionário de algumas unidades, de que muitos deles fizeram parte, para fins completamente opostos aproveitando-se os actuais responsáveis da passagem compulsiva à disponibilidade de inúmeros militares.

Quanto à questão da legalização da Associação, o Secretariado Provisório afirmou ser secundária, embora desde logo adiantasse que o movimento não é nem pretende ser clandestino. Pelo contrário, acrescentou, «o seu aparecimento corresponde a uma necessidade objectiva dos militares progressistas neste momento desmobilizados».

No final foi distribuído um manifesto do qual destacamos as partes mais significativas:

. «Os militares na disponibilidade, quer os que participaram directamente no «25 de Abril», quer os que imediatamente após iniciaram o processo de transformação de um Exército burguês, colonialista e de tipo nazi, num Exército democrático e ao serviço das mais profundas aspirações de liberdade e progresso social de todo o povo português, sentem o dever de publicamente tomar uma clara posição perante a actual situação política-militar, que consideram de molde a pôr em causa a sua luta pela construção de uma sociedade socialista, pela qual muitos de nós não hesitaram em arriscar a sua vida e a sua liberdade».

Julgámos que o M.F.A. na qualidade de iniciador do processo de destruição do fascismo e desde que aceitasse a dinâmica do movimento revolucionário das massas populares, a ela se subordinando, teria potencialidades para se tornar num movimento consequentemente revolucionário. Nessas condições, mais cedo ou mais tarde teria que prosseguir os mesmos objectivos anti-imperialistas e anticapitalistas que desde o princípio eram os nossos e se vislumbravam, aliás, no programa do M.F.A. — que desde logo entendemos que só desenvolvido até às últimas consequências seria verdadeiramente coerente».

Só desta forma, o M.F.A., com a activa a determinante participação dos soldados, organizados autonomamente sem paternalismos por parte dos oficiais, poderia tornar-se no embrião de um verdadeiro exército popular».

O DOCUMENTO DOS NOVE

Mostrando depois que o M. F. A. enquanto vanguarda revolucionária das F. A., não trilhou esse caminho até às últimas consequências e que o desenvolvimento do processo agudizou as contradições de classe, os militares do A. R. M. D. falam dos «nove»:

. «O «Documento dos Nove», ainda falando em «socialismo» (tal a força com que o movimento revolucionário impôs esse objectivo à Revolução portuguesa) é a expressão organizada das tentativas a nível do M. F. A. de «domesticar» a Revolução, de a conter nos estreitos limites de uma legalidade burguesa, de frear a iniciativa revolucionária das massas, de se opor a todo o custo às formas de crescente organização do poder popular. Não admira pois que tenha aglutinado à sua volta, os oficiais reaccionários, conservadores, timoratos e hesitantes a quem o documento oferece a possibilidade de retorno às diluídas formas socializantes inicialmente propostas, as quais conduzirão, necessariamente ao regresso a um regime repressivo e terrorista, o fascismo, em suma.»

. E logo a seguir:

. «Homens considerados como tendo tomado posições correctas e justas no 28 de Setembro e 11 de Março, foram ultrapassados pela dinâmica popular, pela luta dos operários e trabalhadores agrícolas. Não compreendem que não é recuando, antes pelo contrário, é criando um poder revolucionário forte, capaz de responder também aos interesses dos camponeses e da pequena burguesia e de chamar a si o apoio das camadas mais recuadas e vacilantes da população, que se constrói o socialismo real. Não hesitam por isso em aproveitar todo o apoio do que mais reaccionário há nas Forças Armadas provocando uma inflexão à direita no M. F. A. e no poder político que não só põe em perigo as conquistas revolucionárias como entrava o caminho para a abolição da sociedade de classes e o termo da exploração do homem pelo homem.» Afirmando seguidamente que o processo de descolonização se encontra agora seriamente comprometido no caso de Angola e Timor dada a política actualmente seguida pelos detentores do poder, continua o manifesto:

Exército popular que é a perfeita antítese do exército profissional e mercenário cuja verdadeira imagem nos é dada pela tentativa de criação do A. M. I. Essa tentativa de criacão de um exército especializado na repressão, com aristocrático espírito de corpo é um verdadeiro perigo para a Revolução portuguesa, que aqui denunciamos energicamente.»

Por fim: «A nossa luta é a luta de todos os militares que, hoje na disponibilidade, lutaram pelo 25 de Abril, pela reestruturação democrática das Forças Armadas, pela Revolução».

POSIÇÃO DA INTERSINDICAL
"Que o VI Governo reconheça o M.P.L.A.

. .«O 11 de Novembro, já amanhã, data da independência de Angola, aproxima-se sem que o VI Governo Provisório e o Conselho da Revolução tornem inequívoca a disposição de respeitar a vontade das massas trabalhadoras angolanas, claramente expressas através da sua central sindical, U. N. T. A. (União Nacional dos Trabalhadores Angolanos)» — afirma-se num comunicado da Intersindical.

Sublinha a Intersindical Nacional que, «fiel aos princípios do internacionalismo proletário, considera que a luta desenvolvida pelos camaradas angolanos no sentido da construção de uma Angola livre e independente do domínio imperialista é factor fundamental para a própria libertação do povo português».

. .Acentua-se que «as vitórias das massas trabalhadoras angolanas representam grandes passos em frente na luta dos trabalhadores portugueses pela defesa das conquistas alcançadas e avanço do processo revolucionário.»

. .Igualmente «as acções desenvolvidas pelas massas populares no nosso país contra a escalada das forças de direita e reaccionárias e pela conquista da sociedade socialista são um contributo muito importante para a concretização dos anseios do povo angolano».

. .Assim, «a fraternidade que liga a Intersindical Nacional à U. N. T. A. é o fruto da luta comum dos trabalhadores das duas nações, pelo fim da exploração do homem pelo homem e pela construção da sociedade sem classes.»

. E mais adiante:

. «A luta da Intersindical Nacional é a luta da U. N. T. A. e lado a lado estamos certos poder banir de uma vez para sempre a expoloração capitalista dos nossos países.»

. .E solenemente:

. «A Intersindical Nacional solidária com a central sindical irmã, a U. N. T. A., reclama do VI Governo Provisório e do Conselho da Revolução, a garantia do reconhecimento do M. P. L. A. como o único legítimo representante do povo angolano.»

. .Finalmente, a Intersindical apoia também a Fretilin, «único movimento válido em Timor».

Nota e tome

«E NÃO DERAM CABO»

. Mal se ouviu, na trasmissão em directo, tal era a confusão que reinava na altura. Mas as gravações permitem-nos ouvir coisas que, na altura, passam despercebidas... E eis que, com todas as letras, se ouviu isto (quem quiser pode comprovar) na altura em que começou o fumo e se dispararam tiros, ontem, imediatamente antes de Pinheiro de Azevedo dizer que «faltam só dois minutos» para acabar o seu discurso.

«É a P. M.» (resposta à pergunta do Primeiro-Ministro, na altura dos disparos). E o sr. almirante a responder:

. «E não deram cabo destes gajos!»

. Mário Soares, o interlocutor de Pinheiro de Azevedo na ocasião, repetiu, noutro tom: «É a P. M.».

«O DUPLO»

. .Quem viu pela Televisão reparou certamente: atrás de Pinheiro de Azevedo, Mário Soares, olho por cima do Primeiro-Ministro, acompanhava com os lábios o discurso. O almirante fazia uma pausa — Zás, Mário Soares pausava também. Pinheiro de Azevedo arrancava — pumba, Soares aí estava outra vez a dar aos lábios. Os espectadores mais divertidos, gozavam à bruta com o espectáculo. Mas, de repente, o balbuciar repetitivo-emotivo de Soares ganhou novas formas: o chefe do P. S. já não olhava para o discurso escritos nas mãos de Pinheiro de Azevedo. Soares, que estava um pouco encoberto pelo capitão Pimentel, continuava, em simultâneo, a discursar silenciosamente. As perguntas — pelo menos no círculo de pessoas que comigo assistiram à transmissão da TV — começaram a levantar hipóteses: conheceria Soares o discurso? Vira-o antes? Decorara-o? Estaria a imaginar-se ele, chefe do partido majoritário número um, a falar para a multidão do Terreiro do Paço? Perguntas sem resposta, por agora. Mas giro foi. Aquele balbuciar não lembraria a ninguém. Nem a Sá Carneiro, que de pé ao lado esquerdo do Primeiro-Ministro, só quebrou a sua máscara de gelo sorrindo e batendo palmas de quando em vez.

O DISCURSO

Almeida Santos, Mário Soares e Salgado Zenha estiveram reunidos uma noite destas, até às quatro da madrugada. Objectivo, segundo informações de fundamentos: estudar o discurso que o Primeiro-Ministro almirante Pinheiro de Azevedo, ia ler ao povo do Terreiro do Paço, preparando aí as palavras de ordem mais adequadas para os manifestantes. Ainda segundo a mesma fonte, esta prática não é virgem; Almeida Santos parece ter especial intervenção na palavra de Pinheiro de Azevedo...Com efeito, o discurso do Terreiro foi da autoria de Almeida Santos, embora posteriormente tenha recebido alguns cortes e alterações, à margem, consentidas por Pinheiro de Azevedo.